

ROTEIROS PASTORAIS



3 Em busca de uma “Igreja autêntica”
após o Sínodo sobre os jovens
Filipe Domingues

11 Evangelizar as cidades à luz do
magistério do papa Francisco
Edson Oriolo

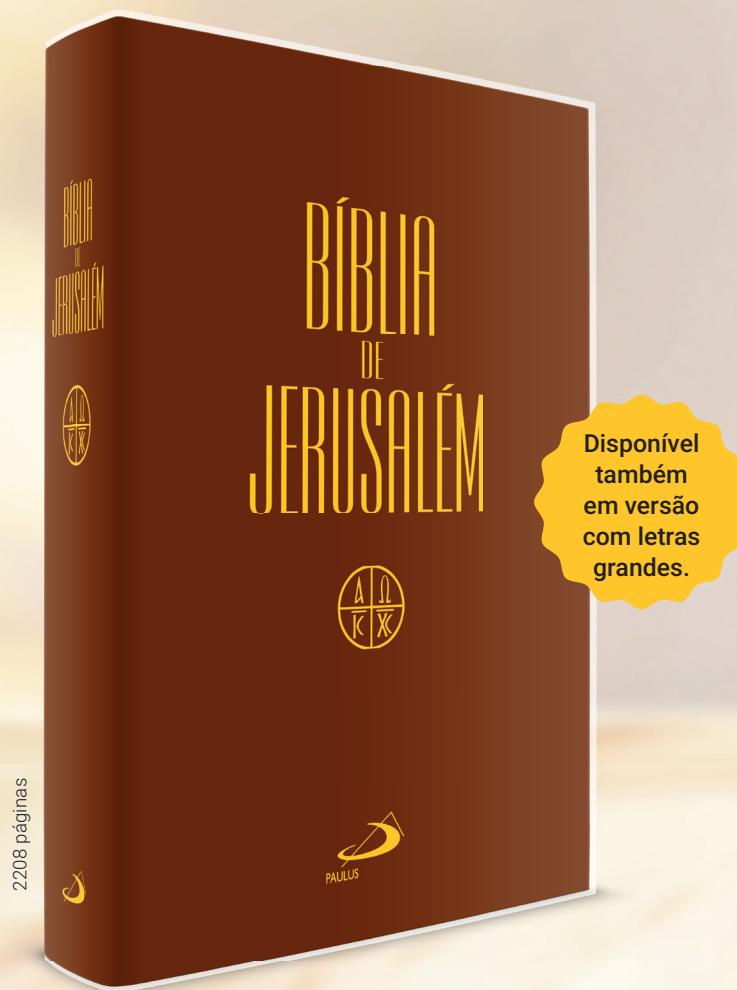
19 Dom Hélder Câmara
ou simplesmente Dom
Martinho Condini

27 As estrelas do
cardeal Arns
Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior

35 Roteiros homiléticos Zuleica Aparecida Silvano



A MELHOR EDIÇÃO DA SAGRADA ESCRITURA PARA O APROFUNDAMENTO BÍBLICO!



A **Bíblia de Jerusalém** é apontada por teólogos e biblistas como a melhor edição da Sagrada Escritura para o estudo e o aprofundamento bíblico.

SAIBA MAIS!

- Edição revista e ampliada, incorporando as mais recentes contribuições das ciências bíblicas.
- Notas e apêndices que ajudam o leitor a compreender e se situar no texto.
- Mapas geográficos das regiões mencionadas.
- Tradução a partir dos idiomas originais e contextualização histórica dos textos.

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

O ano de 2019 foi marcado por perplexidades e lágrimas. O rompimento da barragem de Brumadinho (MG) pode ser visto como o grande sinal do “vale de lágrimas” pelo qual o povo brasileiro passa. A lama que arrastou e matou pessoas, animais, envenenando riachos e rios é a metáfora de nossa real situação.

Como se não bastasse, o governo federal que tomou posse em 1º de janeiro não apresentou, até o momento, projetos claros para resolver os problemas emergentes da população, como: desemprego, saúde, educação e segurança pública. Enquanto a crise econômica se aprofunda e vai deixando rastro de destruição e entristecendo jovens e adultos, o governo insiste em temas polêmicos como o armamento e outros assuntos supérfluos que desviam a atenção de todos. Os poderes da República parecem estar mancomunados com seus próprios interesses, em detrimento do sofrimento dos pobres.

Vida Pastoral, como sempre, quer ser uma ferramenta de esperança, uma pequena porção de ânimo ao povo de Deus em uma realidade marcada por extremismos e bipolaridades. Por isso, propomos nesta edição possibilidades de “roteiros pastorais” para abrir horizontes em tempos desalentadores.

O jornalista *Filipe Domigues*, que participou da comissão preparatória do Sínodo para a Juventude (ocorrido em outubro de 2018), oferece-nos importante colaboração acerca da “autenticidade” na prática pastoral, com base na experiência nos encontros pré-sinodais e no Sínodo dos Bispos. Ele sugere uma reflexão mais profunda nas comunidades sobre como viver a autenticidade nos ambientes eclesiais, particularmente na pastoral e nos movimentos dedicados aos jovens.

Dom Edson Oriolo, por sua vez, parte do testemunho pastoral do pontificado do papa Francisco e sugere possíveis ações para a evangelização nas cidades. De acordo com Oriolo, nos ensinamentos do papa Francisco há a necessidade de se ter um roteiro de evangelização voltado tanto para as grandes metrópoles como para as pequenas cidades e vilarejos, e que deveria ser criativamente aplicado.

Para inspirar e iluminar os “roteiros pastorais” em nosso tempo, apresentamos dois perfis de pastores que exalavam o “aroma das ovelhas”: *Dom Hélder Câmara* e *Dom Paulo Evaristo Arns*. O prof. *Martinho Condi* tece o perfil de Dom Hélder, apresentando-o às novas gerações como um dos mais importantes protagonistas da história da Igreja no Brasil e na América Latina do século XX. Enfatiza passagens importantes de sua vida. Sua maneira de pensar e agir, na Igreja e nos movimentos sociais, foi significativa para o catolicismo brasileiro e latino-americano, especialmente para as camadas sociais excluídas. Já o prof. *Fernando Altemeyer* propõe um perfil de Dom Paulo Evaristo Arns, destacando o seu importante legado de defesa e cuidado pela vida na sociedade brasileira e na Igreja. Viveu momentos de grandes desafios em sua missão e sempre tinha à frente o horizonte da esperança.

Por fim, outra importante fonte de inspiração são os roteiros homiléticos, desta vez preparados pela *Ir. Zuleica Silvano*.

Desejamos a todos uma excelente preparação para o Natal e muita esperança para o Ano Novo, sempre atentos à necessidade da união, do senso crítico e da vigilância!

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Jornalista responsável Valdir José de Castro, ssp
Editor Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Conselho editorial Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Claudio Avelino dos Santos, ssp
Darcy Luiz Marin, ssp
Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Capa Reprodução
Ilustrações Patrícia Campinas (artigos)
e Luís Henrique Alves Pinto (Roteiros homiléticos)
Editoração Elisa Zuigeber

Revisão Alexandre Santana, Jennifer Almeida
e Tiago José Risi Leme
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • WhatsApp: 99974-1840
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica. Área: Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livreria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Para efetuar as assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista *Vida Pastoral* – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro

04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44, 45, 78, 79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS, Q.1, Bloco I, Edifício Central,
Loja 15, Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405, Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201, Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134, Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montaury, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229, Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrol Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72, Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Em busca de uma “Igreja autêntica” após o Sínodo sobre os jovens



Neste artigo, vamos refletir brevemente sobre a autenticidade, com base na experiência nos encontros pré-sinodais e no Sínodo dos Bispos, e estimular uma reflexão mais profunda nas comunidades sobre como vivê-la nos ambientes eclesiais, particularmente na pastoral e nos movimentos dedicados aos jovens.

Filipe Domingues*

Introdução

Após sua visita ao Panamá para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), no voo de retorno a Roma, em 27 de janeiro de 2019, o papa Francisco foi perguntado pelo jornalista Javier Martínez-Brocal sobre as dificuldades que os jovens encontram e por que se afastam da Igreja. Sem titubear, Francisco disse que muitos são os motivos para alguém se afastar da Igreja – e, em grande parte, são questões pessoais. “Mas, em geral, creio que o primeiro motivo seja a falta de testemunho dos cristãos”, pontuou o santo padre (FRANCISCO, 2019).

*Jornalista, mestre e doutorando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Gregoriana, foi membro da comissão redatora do documento pré-sinodal e participou do Sínodo dos Bispos sobre os jovens na condição de “experto” em questões relativas à ética nas redes sociais.



“Se um pastor atua como empresário ou organizador de um plano pastoral, se um pastor não é próximo às pessoas, esse pastor não dá testemunho de pastor. O pastor deve estar com as pessoas; pastor e rebanho”, disse o papa, no avião (FRANCISCO, 2019). Para ele, o verdadeiro bom pastor deve caminhar à frente das ovelhas, para indicar o caminho, mas também misturar-se no meio do rebanho e, por vezes, cuidar da retaguarda, para que nenhuma se perca.

Durante o percurso que preparou o Sínodo dos Bispos sobre a juventude, cuja assembleia geral foi realizada em outubro de 2018 com o tema: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, ficou muito claro que os jovens de hoje são, de fato, bastante exigentes com a Igreja.

Talvez este seja o momento histórico em que os jovens têm o mais amplo acesso à informação. Eles têm um senso crítico aguçado e são estimulados por amigos e parentes a questionar frases de efeito e clichês. Por um lado, nunca foram tão preparados para enfrentar os desafios do mundo globalizado, em que pesem as disparidades regionais e sociais; por outro, também como nunca antes, faltam-lhes oportunidades de pôr em prática esses anseios e, mais ainda, faltam-lhes modelos, heróis, bons exemplos que lhes sirvam de orientação.

Em uma sociedade marcada pela imagem, pelas mídias digitais e pela falta de modelos visíveis de fé, caridade e esperança, os jovens demandam dos líderes da Igreja, mais do que nunca, um testemunho de vida exemplar. Falam sobre tudo, têm acesso a quase tudo e já não aceitam respostas prontas. Querem conhecer a verdade dos fatos, mas não que esta lhes seja imposta. Reconhecem as próprias fraquezas, mas não admitem que outros os julguem de forma

precipitada. Querem fazer parte dos processos e, principalmente, das decisões.

Na reunião pré-sinodal, que reuniu cerca de 300 jovens em Roma e outros 15 mil pelo Facebook, a juventude foi convidada a fazer parte do diálogo e transmitiu a forte mensagem de que sua presença e participação na vida eclesial só fazem sentido em uma Igreja “autêntica”.

“A ideia de que o testemunho é essencial para a transmissão da fé vem sendo difundida há muitos anos na tradição cristã, mas a Igreja deu particular ênfase a esse ponto após o Concílio Vaticano II”

1. Uma Igreja autêntica

Não é novidade dizer que a fé cristã verdadeira se espalha no mundo, sobretudo por meio do testemunho de vida, e não tanto pela persuasão, pelo convencimento ou pelo puro proselitismo. O sangue dos mártires é a maior prova disso: seu modelo de fé incondicional acaba se tornando semente de novos discípulos e de sólidas vocações.

A ideia de que o testemunho é essencial para a transmissão da fé vem sendo difundida há muitos anos na tradição cristã, mas a Igreja deu particular ênfase a esse ponto após o Concílio Vaticano II. Quando o mundo vivia profundas transformações, modernizações, os padres conciliares perceberam que não bastava impor a ferro e fogo as verdades do cristianismo; era preciso viver a mensagem de Cristo, dialogar com o mundo e anunciar seu evangelho pelo exemplo de vida.

Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de 1975, o papa Paulo VI, sob o qual o Concílio foi concluído, escreve claramente sobre a importância primordial do testemunho de vida no anúncio do evangelho:

E esta Boa-Nova há de ser proclamada, antes de mais nada, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vivem, manifestam a



sua capacidade de compreensão e de acolhimento, a sua comunhão de vida e de destino com os demais, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar. Por força deste testemunho sem palavras, estes cristãos fazem aflorar, no coração daqueles que os veem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco? (EN 21).

Foi dessa linha de pensamento que nasceram muitos novos movimentos e comunidades de vida apostólica após o Concílio – além de inúmeros fiéis, mulheres e homens de fé, que se esforçam para viver, no dia a dia, os valores e o exemplo de Cristo no meio do mundo.

Trata-se de evangelizar o mundo por meio do encontro com o outro, com o diferente – e não por meio de sua destruição, para que, no fim, todos sejam iguais, o que seria uma expressão do fundamentalismo. Na mesma linha, vem a ideia de “inculturar” a fé cristã em diferentes lugares, contextos culturais e tradições.

Portanto, ser missionários no mundo não se limita a convencer os outros da Verdade que orienta a fé cristã e simplesmente distribuir os sacramentos, de forma compulsiva – embora não se questione, aqui, o valor imensurável dos sacramentos. Em vez disso, fala-se de sair pelo mundo e testemunhar o exemplo de Jesus Cristo, inspirar-se nos santos e pedir a orientação do Espírito Santo em processos de discernimento pes-

soal e coletivo – isto é, na tomada de decisões –, além de viver os sacramentos como combustível para ser luz no mundo, em contato direto com o Deus vivo.

A resposta do papa Francisco ao jornalista da agência *Rome Reports*, na coletiva de imprensa durante o retorno a Roma, – mencionada no início do artigo – traz novamente à tona a reflexão sobre quanto os membros da Igreja ainda precisam crescer no testemunho de vida. A inabilidade, o pecado e a falta de misericórdia de muitos membros da Igreja com relação à juventude contemporânea estão entre os motivos que afastam os jovens da comunidade de fé.

Voltando ao papa Paulo VI – ele mesmo canonizado durante o Sínodo dos Bispos sobre os jovens, juntamente com Santo Óscar Romero e outros santos –, podemos dizer que todos os cristãos são chamados a testemunhar sua fé como “verdadeiros evangelizadores”, numa espécie de “proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz”. Daí surgirão perguntas, diz São Paulo VI, entre os não cristãos ou batizados não praticantes, ou mesmo entre os que “não são nada cristãos”.

Alguns começarão a se questionar se há um “algo a mais” na vida que os pode acompanhar em situações de sofrimento. “E outras perguntas surgirão, depois, mais profundas e mais de molde a ditar um compromisso, provocadas pelo testemunho aludido, que comporta presença, participação e solidariedade e que é um elemento essencial, geralmente o primeiro de todos, na evangelização” (EN 51).

O fato de anunciar “silenciosamente” o evangelho por meio do testemunho de vida não impede nem inibe o anúncio explícito. Pelo contrário, é necessário responder, dialogar, aprofundar a fé tanto racionalmente quanto na vida de oração e nos gestos concretos de caridade e perdão, para que ela seja realmente enraizada. Aí entram a catequese,



a direção espiritual e, de forma mais geral, novas formas de acompanhamento individualizado – uma das principais propostas do Sínodo sobre os jovens.

Continua o papa Paulo VI: “A evangelização, por tudo o que dissemos, é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado” (EN 24).

Sem o testemunho de vida, porém, o anúncio explícito da fé perde em credibilidade e coerência. Essa mensagem é válida ainda hoje, e é precisamente essa a crítica que os jovens fazem aos membros da Igreja na atualidade.

Hipocrisia, moralismo, abusos sexuais, de poder e de consciência, rigidez excessiva, clericalismo, “panelinhas”, narcisismo, nervos à flor da pele, falta de tempo, divisão, discurso de ódio nas redes sociais... Tudo isso é contrário ao exemplo de Cristo, à sua comunidade, aos valores do evangelho e depõe contra o testemunho de comunhão junto aos jovens.

2. Viver o que pregar e reconhecer os erros

Com base na experiência com os jovens na reunião pré-sinodal e com os padres sinodais na assembleia geral do Sínodo, podemos dizer, portanto, que uma Igreja autêntica é, primeiro, uma que vive aquilo que prega e, segundo, uma que reconhece os próprios erros.

A maioria dos jovens da atualidade não aceitam que pessoas da Igreja venham lhes ditar como viver sua vida, sobretudo se percebem que esses “diretores” mesmos não vivem de forma coerente com a mensagem que transmitem.

Como acreditar em um padre que prega a humildade, mas vive em condomínio de luxo ou dirige o carro do ano? Como crer em uma catequista que manda pensar nos dez mandamentos para a confissão, mas vive falando mal dos outros? Como compreender a castidade se a maioria dos que se casam na Igreja

e muitos ministros, ordinários e extraordinários, não parecem se preocupar muito com ela? Como sentir-se atraído pelo sacramento da reconciliação se o sacerdote parece mais um inquisidor do que um pastor que orienta e mostra o caminho? Como aceitar o discurso que expõe os pecados dos homossexuais se na própria

Igreja há tantas pessoas com essa orientação? Como ver no bispo um verdadeiro pastor se ele nunca aparece na paróquia? Como se convencer de pagar o dízimo se não se sabe para onde vai o dinheiro doado?

São perguntas que os jovens fazem a si mesmos e aos outros, abertamente, sem medo e sem tabu. Se os membros da Igreja fugirem dessas e de muitas outras questões concretas – mantendo certa “distância de segurança” dos jovens, como diz o papa Francisco –, jamais serão capazes de transmitir às gerações futuras a rica herança da fé que receberam das gerações anteriores.

Embora sejam perguntas fortes, direcionadas especialmente àqueles que estão em papéis de liderança, são válidas e ajudarão a comunidade de fé a ser mais transparente e mais madura.

Isto pediram os jovens à hierarquia da Igreja: “Queremos dizer, especialmente à hierarquia da Igreja, que ela deve ser uma comunidade transparente, acolhedora, honesta, convidativa, comunicativa, acessível, alegre e interativa” (PRE-SYNODAL MEETING, 2018, n. 11).

São demandas que parecem pesadas, mas a comunidade enraizada na “alegria do

“Uma Igreja autêntica é, primeiro, uma que vive aquilo que prega e, segundo, uma que reconhece os próprios erros”



evangelho” supera dificuldades para praticar as virtudes. Isso não quer dizer que os jovens só exijam da Igreja e nada queiram dar. Eles reconhecem que têm muito a aprender dos mais velhos e não são capazes de fazer tudo sozinhos – precisam de acompanhamento.

Se, porém, os membros da Igreja não vivem o que pregam – ou nem sequer se esforçam para tal –, jamais os jovens encontrarão nela a autenticidade e a inspiração de que precisam para chegar a um encontro pessoal com Jesus Cristo.

Portanto, uma Igreja que vive o que prega não é feita só de palavras, de regras a serem seguidas, mas de mulheres e homens que são modelos de vida e praticam a comunhão.

A Igreja autêntica da qual falavam os jovens reconhece seus erros. Ela tem orientações claras, guia-se por bonitos ideais, é verdade, mas também admite que o caminho é tortuoso para todos e está disposta a correr atrás das ovelhas perdidas, encontrando-as onde quer que estejam.

Sabemos que a Igreja é santa, mas seus membros são pecadores. Somos todos falhos, humanos, frágeis e precisamos da misericórdia de Deus. “Quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele”, já dizia São Paulo (1Cor 12,26).

Ao pedirem que os membros da Igreja sejam modelos de vida e testemunhos de fé, os jovens não exigem que todos sejam perfeitos. Obviamente, o chamado à santidade é para todos, como ensina o papa Francisco na *Gaudete et Exsultate*. No entanto, o que os jovens diziam no processo sinodal é que só uma Igreja que reconhece suas fragilidades é capaz de falar aos que também se sabem imperfeitos. “Se a Igreja agir dessa forma, vai se diferenciar de outras instituições e autoridades de que os jovens, em sua maioria, já desconfiam”, escrevem no documento pré-sinodal (PRE-SYNODAL MEETING, 2018, n. 11).

Os jovens admitem que precisam de ajuda para compreender e superar as

Evangelizar com o Papa Francisco

Comentário à *Evangelii Gaudium*

Dom Benedito Beni dos Santos



65 págs.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* tem o estilo e o cunho pessoal do Papa Francisco. Sobretudo, expressa seu humanismo personalista, que é o humanismo do Evangelho. Além do Concílio Vaticano II, outra fonte significativa dessa exortação é o *Documento de Aparecida*, de cuja elaboração o então cardeal Jorge Mario Bergoglio participou ativamente, na V Assembleia do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em maio de 2007.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



dificuldades da vida, para aprender como se levantar quando houver uma queda; dessa forma, somente fiéis que se ponham na mesma condição de pecadores redimidos serão creíveis para orientá-los.

A Igreja que reconhece seus erros é autêntica porque é real. É próxima aos jovens e os vê como parte do corpo de Cristo, e não como meros receptores de mensagens pré-fabricadas por pessoas mais velhas. É uma Igreja cujos líderes são humildes, transparentes e misericordiosos.

3. A pessoa de Jesus Cristo para os jovens

Durante todo o percurso sinodal, boa parte dos debates se concentrou, naturalmente, na pessoa de Jesus Cristo e em como os jovens o veem. Muitos reconhecem em Jesus importante personagem histórico, “um homem bom”, que transmitiu mensagens de amor e paz. Nem todos, contudo, veem nele o Deus encarnado entre nós, o Emanuel que nasceu na noite de Natal.

Outros, ainda, até aceitam que Jesus é o Filho de Deus, mas não encontram na Igreja ou em seus membros os principais representantes de Cristo na terra. Admiram a pessoa de Jesus, mas não creem que a Igreja seja o lugar certo para encontrá-lo. Preferem um contato individual e “direto com Deus”.

Alguns jovens observaram que muitos se questionam sobre o sentido da vida, mas não chegam a se comprometer decisivamente com Jesus ou com a Igreja, diz o documento pré-sinodal (PRE-SYNODAL MEETING, 2018, n. 5):

Hoje, a religião não é mais vista como o meio principal através do qual um jovem procura por significado, pois muitas vezes recorrem a outros meios e ideologias modernas. Os escândalos atri-

buidos à Igreja – tanto reais quanto percebidos – afetam a confiança dos jovens na Igreja e nas instituições tradicionais em que ela se encontra.

Não obstante, muitos jovens têm a sorte de conhecer pessoas que, apesar de seus limites, buscam viver o evangelho, e assim eles se sentem encorajados a fazer o mesmo. Muitos encontram em Maria, mãe de Jesus, um modelo de amor incondicional a Deus e, por meio dela, chegam a Jesus.

Para esses, “a Igreja chama a atenção dos jovens por estar enraizada em Cristo. Cristo é a Verdade que faz a Igreja diferente de qualquer outro grupo

mundano com o qual podemos nos identificar”, diz o mesmo documento (PRE-SYNODAL MEETING, 2018, n. 11). “Portanto, pedimos à Igreja que continue proclamando a alegria do evangelho com a orientação do Espírito Santo.”

Como dizia o papa Bento XVI, muitos cristãos conhecem mal o núcleo da própria fé. Portanto, “Hoje não está muito distante o risco de construir, por assim dizer, uma religião personalizada. Ao contrário, temos que voltar para Deus, para o Deus de Jesus Cristo, temos que redescobrir a mensagem do evangelho, fazê-lo entrar de modo mais profundo nas nossas consciências e na vida cotidiana” (BENTO XVI, 2012).

Precisamos, portanto, de uma Igreja mais parecida com Jesus – o que é fácil de falar, mas difícil de fazer. No documento dos jovens, eles afirmam que são mais receptivos a uma “literatura da vida” do que a complexos discursos teológicos.

Uma maneira de reconciliar as confusões que os jovens têm em relação a quem é Jesus envolve um retorno às Escrituras,

“No documento dos jovens, eles afirmam que são mais receptivos a uma ‘literatura da vida’ do que a complexos discursos teológicos”



para entender mais profundamente a pessoa de Cristo, Sua vida e Sua humanidade. Os jovens precisam encontrar a missão de Cristo, e não o que podem perceber como uma expectativa moral impossível. No entanto, eles se sentem inseguros sobre como fazer isso. Esse encontro precisa ser promovido entre os jovens, algo que precisa ser tratado pela Igreja (PRE-SYNODAL MEETING, 2018, n. 6).

Já os padres sinodais notaram que a narrativa dos discípulos de Emaús pode ser a metáfora mais adequada para tratar do desejo da Igreja de acompanhar os jovens. Conforme o Evangelho segundo São Lucas (24,13-15), Jesus caminhava com os discípulos, que andavam em direção oposta a Jerusalém. Somente após reconhecerem Jesus, que se revela a eles no caminho, resolvem segui-lo.

O Sínodo expressa o desejo da Igreja de falar a todos os jovens. Todos, sem exceção. Não se trata de escolha óbvia, mas desafiadora e correta. Para isso, os padres sinodais almejam uma Igreja que escute e enxergue os jovens com empatia. Mais do que isso, querem identificar “o rosto jovem da Igreja”, não vendo nos jovens uma categoria à parte, marginalizada e convocada somente para grandes eventos ou em caso de “força-tarefa”.

“Enquanto Deus, a religião e a Igreja não passam de palavras vazias para numerosos jovens, os mesmos mostram-se sensíveis à figura de Jesus, quando ela é apresentada de modo atraente e eficaz”, afirma o documento final do Sínodo dos Bispos (2018, n. 50). Muitos jovens querem ver Jesus, encontrá-lo no dia a dia e por meio de liturgias e encontros comunitários vivos, atrativos e “capazes de tocar a sua vida cotidiana” (SÍNODO DOS BISPOS, 2018, n. 51).

Conclusão

A única forma de os membros da Igreja demonstrarem sua autenticidade às novas ge-

O livro do sentido

Volume I: Crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)

Volume II: Qual é, afinal, o sentido da vida? (parte teórico-constitutiva)

Clodovis Boff



A questão do sentido da vida é uma das perguntas mais angustiantes que se fazem hoje, especialmente entre os jovens. É, de fato, a questão humana mais profunda e decisiva de todas, em todos os lugares e em todos os tempos. Mas é na sociedade moderna que ela se tornou particularmente urgente e dramática. Esta trilogia, ainda em seu segundo volume, pensa a problemática do sentido como um fazer filosófico e teológico – filosófico como questão e teológico como resposta. Indispensável para jovens, intelectuais, mentes inquietas e todos os que já se debruçaram alguma vez sobre o tema.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



rações é entrando em relação com os jovens. Só é possível testemunhar a fé junto aos jovens por meio de uma relação direta, aberta e honesta. Como diz o papa Francisco, o anúncio do Cristo ressuscitado não segue a mesma lógica do *marketing* (cf. CERNUZIO, 2018).

Os jovens dos tempos atuais se sentem atraídos por exemplos concretos. Histórias de superação, de pessoas que viviam em dificuldade, mas conseguiram se reerguer, por exemplo, são mais convincentes e realistas do que ícones aparentemente inalcançáveis. Além disso, “pôr a mão na massa”, ajudando o próximo, reformando coisas antigas e dialogando com os diferentes, especialmente com os idosos, é, muitas vezes, mais eficaz do que sentar-se na sala de aula e ouvir um catequista falar. Refletir sobre as Escrituras com um orientador capaz e de linguagem acessível é, frequentemente, algo muito apreciado pelos jovens.

Aprender diferentes formas de oração que vão além da santa missa, como retiros espirituais, a adoração eucarística, a oração em contato com a natureza e até mesmo as vinculadas ao uso de aplicativos e recursos digitais, pode ajudar os jovens a desenvol-

ver uma vida espiritual mais madura. Não basta insistir nas orações repetitivas que aprendemos quando crianças.

Nada disso significa abandonar as tradições ou o ensinamento da Igreja, mas sim reapresentá-los de forma criativa e não necessariamente só no contexto da celebração dos sacramentos e de encontros vocacionais. Para isso, a Igreja precisa de acompanhadores bem formados, inclusive leigos e pessoas consagradas.

Permanece, do Sínodo, o convite a todos os jovens para que se sintam bem-vindos na Igreja. Os padres sinodais fizeram uma “escolha epocal” pelos jovens, e querem que a juventude seja parte da Igreja em todos os momentos.

É preciso transmitir, portanto, a garantia de que as portas da Igreja estão sempre abertas. Apesar de suas fraquezas, dúvidas, problemas na família e no trabalho, se os jovens sentirem que na Igreja se vivem relações frutíferas e sinceras, perceberão que, mesmo em um mundo cheio de incertezas, a Igreja pode ser para eles uma grande certeza: um lugar seguro e acolhedor que os aproxima de Jesus Cristo. ●

Referências bibliográficas

- BENTO XVI. *Audiência geral*, 17 out. 2012. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121017.html>. Acesso em: 17 mar. 2019.
- CERNUZIO, S. Il papa: annunciare Cristo non è né proselitismo, né marketing. *Vatican Insider*, 30 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.lastampa.it/2018/11/30/vaticaninsider/il-papa-annunciare-cristo-non-n-proselitismo-n-pubblicit-n-marketing-QRN0qUb6JvZTBZJ3wa7rGI/pagina.html>>. Acesso em: 28 mar. 2019.
- FRANCISCO. *Conferência de imprensa durante o voo de regresso a Roma*, 27 jan. 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/january/documents/papa-francesco_20190127_panama-volo-ritorno.html>. Acesso em: 26 mar. 2019.
- PAULO VI. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acesso em: 27 mar. 2019.
- PRE-SYNODAL MEETING. *Final document*, 24 mar. 2018. Disponível em: <<http://www.synod2018.va/content/synod2018/en/news/final-document-from-the-pre-synodal-meeting.html>>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- SÍNODO DOS BISPOS. *Documento final do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, 27 out. 2018. Disponível em: <<http://www.synod2018.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos-os-jovens-a-fe-e-o-discernimento-vocacional.html>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

Evangelizar as cidades à luz do magistério do papa Francisco



Edson Oriolo*

O artigo parte do testemunho pastoral do pontificado do papa Francisco e sugere roteiro para a evangelização na cidade.

*Dom Edson Oriolo é bispo auxiliar na Arquidiocese de Belo Horizonte – MG. Escreveu *Gestão paroquial para uma Igreja em saída e Paróquia renovada, sinal de esperança*, entre outras obras, pela Paulus.

Introdução

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (*A Alegria do Evangelho* – EG) e na sala do Consistório, ao receber 25 arcebispos e bispos das metrópoles dos cinco continentes no dia 27 de novembro de 2014, o papa Francisco demonstrou atenção especial pela “evangelização na cidade”. Tanto na exortação quanto no discurso para os arcebispos e bispos, Francisco lançou luzes sobre o caminho a ser trilhado para que a Igreja seja mais incisiva no anúncio do evangelho, especialmente nas cidades.



Queremos dar particular atenção às propostas apresentadas por Francisco quando ele mesmo menciona:

Falar-vos-ei a partir da minha experiência pessoal, de alguém que foi pastor de uma cidade populosa e multicultural como Buenos Aires, da experiência que realizei com os bispos de onze dioceses que compõem a região metropolitana de Buenos Aires, habitada por 13 milhões de habitantes (FRANCISCO, 2014).

Com base nessa experiência, pretendemos apontar possíveis ações para a evangelização nas cidades. Percebe-se, nos ensinamentos do papa Francisco, a necessidade de se ter um roteiro de evangelização voltado tanto para as grandes metrópoles como para as pequenas cidades e vilarejos. As ações apresentadas servem, a nosso ver, para os pequenos e também para os grandes centros, pois se trata de um roteiro que deve ser criativamente aplicado.

1) “Precisamos identificar a cidade e partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus, que habita nas casas, nas ruas e nas suas praças” (EG 71).

Francisco nos convida a lançar um olhar contemplativo, pois só um olhar de fé pode identificar, na complexidade urbana, a presença de Deus. É justamente nessa complexidade que se deve identificar sua presença/ausência. Assim, o olhar para a cidade tem de ser um olhar sociológico, capaz de identificar seus problemas e contradições, sem, contudo, deixar de ser um olhar de esperança, de simpatia e de empatia. Um olhar com atitudes proféticas, um olhar de ternu-

ra e amor. O nosso olhar para a cidade deve ser portador de vida.

Ninguém consegue descrever as cidades. O que é possível é traçar linhas do fenômeno urbano. Conhecer uma cidade não é tarefa fácil, pois sua realidade é muito complexa e inconstante.

Nas cidades, deparamos com um ritmo acelerado, com a setorização e fragmentação da vida, com o anonimato, a solidão (vemos pessoas que não nos veem, e pessoas que não vemos nos enxergam), o corre-corre, o consumismo, a busca de realização de sonhos e de felicidade, os devaneios e – inevitavelmente – os desgastes, frustrações e desânimos. Na cidade, imperam relações secundárias e formais, embora se deseje ter

relações primárias e pessoais.

As cidades são realidades dinâmicas. Precisa-se entender o jeito da cidade e descobrir os seus valores. São mosaicos irregulares com áreas de diferentes tamanhos, formas e conteúdos.

Muitos temas estão em jogo; entre eles, o tamanho demográfico e possíveis configurações: cidades industriais, lugares centrais, cidades de setores antigos, de origem colonial, setores modernos, loteamentos murados e condomínios fechados, que constituem algumas das formas pelas quais se apresentam no atual contexto histórico.

“Deus vive na cidade em meio a suas alegrias, desejos, esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidades” (DAP 514).

Destarte, faz-se necessário um olhar multidisciplinar para as cidades, enxergando-as do ponto de vista antropológico, teológico, eclesiológico, pastoral e profético. O olhar antropológico visa ao reconhecimento

**“Francisco
nos convida
a lançar um olhar
contemplativo,
pois só um olhar
de fé pode
identificar,
na complexidade
urbana, a presença
de Deus”**



do território como área física, considerando suas barreiras geográficas, os dificultadores e facilitadores para o acesso aos serviços de evangelização.

O olhar teológico leva a afirmar que na cidade há sinais da presença de Deus.

O olhar eclesiológico é a nucleação da comunidade de fé.

O olhar pastoral faz com que a Igreja reencontre o seu caminho de ação, reencontre o contemporâneo (viva o tempo real), que é o tempo da informação, da produção, do conhecimento, do saber cego.

O olhar profético significa ir em direção à cidade, tomar em consideração suas diversas realidades e os contextos nos quais as pessoas estão inseridas.

Necessitamos desenvolver olhares, pois Deus se esconde nas cidades e devemos procurá-lo sempre, trabalhando bastante para isso.

2) “Na cidade, o elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que diferem do estilo das populações rurais” (EG 72).

Na atualidade, as cidades estão sendo lugar de moradia para mais de 70% das pessoas, diferentemente de décadas anteriores, quando a maior parte vivia nas áreas rurais, exercendo atividades de subsistência.

Na vida rural, a referência fundamental para o ser humano eram três instituições: a Igreja, o trabalho e a família. Os parâmetros para as relações sociais eram ditados pelo padre, pelo patrão, pelo cônjuge ou pelos pais. O cotidiano estava intimamente ligado aos “espaços-símbolo” dessas instituições. O mundo rural era determinado pela natureza – o sol e a lua –, e era compreendido em sua largueza e imensidão.

Os habitantes das cidades, muitas vezes, lutam para sobreviver e, às vezes, escondem o sentido religioso. Muitas pessoas

que residem nos centros urbanos tinham anteriormente, onde moravam, uma vida voltada para o religioso. Ao chegarem às cidades, porém, não encontram espaço para viver a fé.

É preciso proporcionar uma espiritualidade que preencha o vazio do homem urbano, que permita a vivência de experiências de fé, esperança e caridade na sua vida e na vida da comunidade. As pessoas “em trânsito”, muitas vezes, por causa de tantas preocupações, afastam-se de doutrinas e dogmas religiosos para viver uma espiritualidade baseada no individualismo e na insegurança existencial. Para preencher a realidade do vazio que brota dessa situação, muitos procuram as seitas e outras experiências transcendentais esotéricas com a maior naturalidade.

Destarte, a ação evangelizadora da Igreja católica apostólica romana deve preocupar-se em favorecer profunda experiência pessoal e comunitária da Trindade.

As igrejas localizadas nas cidades devem resgatar o imenso valor da Palavra, dos sacramentais e dos sacramentos para levar os fiéis a glorificar a Deus, buscando a santidade.

3) As cidades são lugares privilegiados da nova evangelização (cf. EG 73). Por isso, “torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais” (EG 74).

Em relação ao campo, a cidade oferece, à primeira vista, espaço de maior participação. No mundo rural brasileiro, estava em vigor, até pouco tempo, uma estrutura política de terrível dominação: pai, patrão e padre.

Hoje, o nosso ambiente urbano é outro. A civilização industrial e cibernética, o subjetivismo e o individualismo impedem as pessoas de travar um relacionamento pessoal.



Cada um pensa em si e exclui quem não produz ou consome, e todos entram nesse ritmo frenético da vida urbana.

No mundo urbano, constatamos novas formas de sociabilidade: a criação de bairros afastados da cidade, edifícios e blocos habitacionais que concentram centenas de pessoas em espaços reduzidos, a multiplicação de instituições de confinamento para marginais, miseráveis, anciãos, doentes físicos e psíquicos, fora do verdadeiro âmbito social urbano. Vive-se o paradoxo de gerar a solidão no meio da multidão e não encontrar nenhum gesto de cordialidade, acolhida, solidariedade e relação pessoal. É o frenético circular humano.

Na cidade, tudo é possível: as distâncias entre bairros crescem; surgem edifícios; os blocos habitacionais concentram milhares de pessoas em espaços reduzidos; há destruição dos espaços tradicionais de moradia, comércio, trabalho e lazer; surgem os bairros das mansões, condomínios fechados, centros de negócios, centros administrativos, regiões de bares, distritos industriais, conjuntos habitacionais populares, cidades-dormitórios, favelas, aglomerados, vilas; são construídos *shoppings*, aeroportos, grandes hotéis, *resorts* etc. As ruas, praças e avenidas transformam-se em espaço de todos e, ao mesmo tempo, espaço de ninguém.

Com todos esses desafios e outros, as cidades perdem muito rapidamente a memória de Deus, como doador de todas as coisas. Num ambiente assim, inteiramente construído pelas mãos humanas, onde o silêncio é raro, a Palavra de Deus, os sacramentais e os sacramentos oferecem-se, em contraponto, como lugar de louvor e de silêncio, de encontro da graça, que mantém viva nossa gratidão a Deus.

As cidades necessitam de espaços de encontro, de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Os ambientes rurais, devido à influência dos *mass-media*, não estão, contudo, imunes a essas transformações culturais, que também operam mudanças significativas nas suas formas de vida (cf. EG 73).

No passado, a Igreja era o único ponto de referência da cultura. Atualmente, já não é a única que produz cultura, nem a primeira, nem a mais ouvida.

No discurso pronunciado na sala do Consistório em 27 de novembro de 2014, no primeiro Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades, o papa Francisco destacou três importantes de-

safios para a pastoral urbana.

Primeiro, a nossa pastoral tem de ser evangelizadora, audaz e sem temores de anunciar a Boa-Nova de Cristo, consciente da pluralidade cultural e religiosa existente nas grandes cidades. Temos necessidade de uma mudança de mentalidade. Devemos trabalhar para não ter vergonha e resistir, anunciando Jesus Cristo: é preciso procurar um modo diferente, sermos ousados ao evangelizar. Ir às periferias existenciais sem medo.

O segundo desafio é o diálogo com a multiculturalidade. Francisco diz que as cidades são multipolares, multiculturais. No entanto, devemos dialogar com essa realidade, sem ter medo. Um diálogo que nos possibilite alcançar o coração do próximo, dos outros diferentes de nós, e ali semear o evangelho. Na multiculturalidade, temos de conhecer os imaginários e as cidades invisíveis, ou seja, os grupos ou territórios humanos que se identificam entre si nos seus

**“A nossa pastoral
tem de ser
evangelizadora,
audaz e sem
temores de anunciar
a Boa-Nova de
Cristo, consciente
da pluralidade
cultural e religiosa
existente nas
grandes cidades”**

símbolos, linguagens, ritos e formas para descrever a vida. Devemos ter criatividade para entender a multiculturalidade.

O terceiro desafio é a valorização da religiosidade popular. Devemos descobrir, na religiosidade dos nossos povos, o autêntico substrato religioso, que, em muitos casos, é cristão e católico. Em geral, as grandes cidades são habitadas por numerosos migrantes e pobres, provenientes das áreas rurais ou até de outros continentes, com outras culturas. Francisco (2014) afirma: “não tenho dúvidas de que na fé de homens e mulheres humildes há um potencial enorme para a evangelização das áreas urbanas”.

Na exortação apostólica *A Alegria do Evangelho*, o papa Francisco dedica-se, em alguns parágrafos, a ressaltar o que denomina “a força evangelizadora da piedade popular” (2013, n. 122-126). Trata-se de visão positiva, pois considera as manifestações religiosas populares, não oficiais e sem o controle do clero, uma expressão do *sensus fidelium*. Não apenas algo meramente folclórico, mas que faz parte da inculturação da fé. Nesse contexto, “ganha importância a piedade popular, verdadeira expressão da atividade missionária espontânea do povo de Deus. Trata-se de uma realidade em permanente desenvolvimento, cujo protagonista é o Espírito Santo” (EG 122).

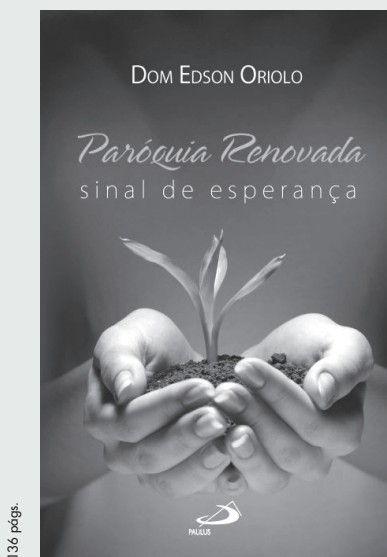
No entanto, precisamos entender bem a piedade popular. Hoje, nas cidades, com enfeites de andores, pompas de imagens, estamos deixando de lado o mistério da encarnação e vivendo um mistério plástico (*shows* sem comprometimento).

A partir da Contrarreforma, com o enfraquecimento ou o esvaziamento do ano litúrgico, é que se criaram alternativas paralelas no âmbito da piedade popular, como uma sucessão de meses de devoção, novenas, tríduos, que, por volta do final do século XIX, chegaram ao máximo desenvolvimento e tiveram forte penetração em meio

Paróquia renovada

Sinal de esperança

Dom Edson Oriolo



136 págs.

Neste livro, Dom Edson Oriolo aborda o desafio de anunciar o Evangelho no mundo atual, refletindo sobre a paróquia. O autor demonstra que as “células vivas”, em que consistem as paróquias e que compõem a Igreja Particular, continuam sendo a forma primordial da presença da Igreja, instrumento de evangelização e lugar de discipulado e vivência missionária da fé.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



ao povo. Afinal, é o mesmo Jesus Cristo que todos buscam – os teólogos e os devotos. Nos dias atuais, nas cidades, devemos aproveitar os momentos das festas populares para oferecer uma catequese litúrgica e cristológica, com adequada pedagogia, ajudando os cristãos a passar do mero culto ao seguimento, da sensibilidade subjetiva à solidariedade para com os mais necessitados. A missão, então, supõe inclusão e aprendizagem.

4) “A cidade dá origem a uma espécie de ambivalência permanente, porque, ao mesmo tempo que oferece aos seus habitantes infinitas possibilidades, impõe numerosas dificuldades ao pleno desenvolvimento da vida de muitos” (EG 74).

O papa fala de problemas e desafios nas cidades. Nelas, “facilmente se desenvolvem o tráfico de drogas e de pessoas, o abuso e a exploração de menores, o abandono de idosos e doentes e várias formas de corrupção e crime” (EG 74).

Necessitamos de uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente e suscite os valores fundamentais. Uma evangelização que leve a Palavra de Jesus aos núcleos mais profundos da alma das cidades. As cidades são multipolares, multiculturais. A Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil. Nas cidades, encontram-se cenários de protestos em massa, nos quais milhares de habitantes reclamam liberdade, participação, justiça e fazem várias outras reivindicações que, se não forem adequadamente interpretadas, podem caminhar para uma situação ainda mais crítica, com desfechos imprevisíveis.

O melhor remédio para os males urbanos (tráfico de drogas e de pessoas, abuso e exploração de menores, abandono de ido-

sos e doentes, várias formas de corrupção e crimes) é o evangelho. A proclamação do evangelho será base para restabelecer a dignidade nesses contextos, porque Jesus quer derramar nas cidades vida em abundância (cf. Jo 10,10).

A Igreja católica tem presença tímida na dinâmica da evangelização nas cidades. Ela está se esfacelando num emaranhado de diferentes composições e abrangências, com cada fiel evangelizando como lhe parece melhor, à luz de seus próprios interesses. Tornamo-nos enorme *shopping center* de religiosidade católica, onde se encontram produtos para os gostos de todos os fregueses, sem qualquer controle de qualidade.

As cidades, com o fenômeno do anonimato e a facilitação do descontrole, tornam-se terreno fértil para a evangelização à la carte. Numa Igreja em saída, porém, isso não pode acontecer. Apresentamos cinco sugestões que julgamos importantes para ajudar a evangelização nas cidades: evangelização em rede, em células, por setorização, em parcerias e em sintonia com a Igreja local.

Evangelização em rede

Nas cidades, faz-se necessária uma evangelização em rede. E o que marca uma rede são os seus laços, os elos e a interconexão. A evangelização em rede, nas cidades, vai ajudar nas relações interpessoais. Irão brotar novos ministérios, confiados particularmente aos leigos, de modo que estes sintam realmente o que são: sujeitos da missão da Igreja.

São Lucas, nos Atos dos Apóstolos, descreve-nos, ainda que de modo um pouco idealizado, a comunidade dos primeiros cristãos, perseverantes na escuta dos ensi-

“As cidades são multipolares, multiculturais.

A Igreja é chamada a ser servidora de um diálogo difícil”

namentos dos apóstolos, na comunhão fraterna, no partir do pão e nas orações.

Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas. Diariamente, frequentavam o Templo e, nas casas, partiam o pão, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação (At 2,44-47).

Evangelização por setorização

É preciso levar em consideração as dimensões de nossas cidades e transformá-las em espaços menores, com equipes próprias de animação e coordenação que permitam maior proximidade das pessoas e grupos residentes na região. A setorização é um modelo de organização pastoral baseado nos moldes das primeiras comunidades cristãs, de uma Igreja presente nos lares e no Templo, que desenvolve a missão por meio da constituição de relacionamentos dos seus membros com vizinhos, companheiros de trabalho ou de estudo e familiares.

Os setores são um belo modo de ser Igreja: Igreja discípula, Igreja missionária, Igreja profética, Igreja misericordiosa, Igreja nas ruas, nas casas, Igreja povo de Deus. Não podemos permanecer na sacristia nem na secretaria paroquial. Temos de ir ao encontro do povo, ir aonde ele está. Os verbos ir, sair, partir e caminhar, tão próprios da atividade missionária, são muito usados no livro dos Atos dos Apóstolos para falar da atividade missionária das primeiras comunidades cristãs (cf. ORIOLO, 2017, p. 45-47).

Evangelização em parcerias

Uma das formas de agir para realizar ações de evangelização nas cidades, nesta sociedade cristianizada e com sinais de des-

cristianização, é por meio de parcerias. Fazer parcerias é estar comprometido com a satisfação das necessidades do outro. É trabalhar juntos para, da melhor maneira possível, servi-lo. Dependendo do outro para obter os resultados desejados é ter em mente o que podemos fazer pelo parceiro e o que ele pode fazer por nós. A articulação com parcerias visa integrar e alinhar ações de evangelização no mundo contemporâneo. Parcerias entre segmentos da sociedade agregam forças para a nova evangelização.

A grande preocupação consiste em organizar parcerias com o setor empresarial, com instituições privadas que desenvolvam algum tipo de ação social, como alfabetização de jovens e adultos, trabalho com marginalizados, com doentes etc. Parcerias com setores da sociedade civil organizada. Parcerias com empresas privadas e públicas, ONGs, escolas, universidades, prefeituras, instituições que cuidem de idosos, entre outras (cf. ORIOLO, 2017, p. 47-49).

Evangelização em células

A organização em células é constituída pela estratégia de reuniões nas casas dos membros e permite que a Igreja cresça bastante, formando polos de encontro e de evangelização. De acordo com o papa Francisco, a célula tem de ser missionária, ir ao encontro de todos para anunciar a beleza do evangelho, tornar-se uma família na qual se encontra a rica e multiforme realidade da Igreja (cf. FRANCISCO, 2015). Realizar o encontro nas casas permite compartilhar as alegrias e expectativas presentes no coração de cada pessoa. É experiência genuína de evangelização que se assemelha muito ao que já acontecia nos primeiros tempos da Igreja. Consiste em conviver com as pessoas na simplicidade, acolhendo a todos sem distinção, fazer da Eucaristia o âmago da missão evangelizadora, de tal forma que cada célula seja uma comunidade eucarística,



na qual partir o pão equivale a reconhecer a presença real de Jesus Cristo no meio de nós. Dar sempre testemunho da ternura de Deus Pai e da sua proximidade a todos, principalmente aos que são os mais frágeis e sós (cf. ORIOLO, 2017, p. 93-95).

Evangelização em sintonia com a Igreja local

As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019* vêm nos ensinar que, para a operacionalização da evangelização, exige-se um processo de planejamento (cf. DGAE 2015-2019, n. 128-140). Uma pastoral planejada (Igreja local), motivando as pessoas que vão participar, apresentando-lhes, com clareza, a natureza e a missão da Igreja e o conhecimento da realidade, será um instrumental nas cidades. O planejamento pastoral responsável, pensado e comprometido, leva em consideração a Igreja local e sua missão. É organizado, isto é, determina bem o que precisa ser feito, o modo de fazê-lo e as responsabilidades de cada um, segundo uma distribuição adequada do trabalho. Por exemplo: o *Projeto de Evangelização Proclamar a Palavra*, da Arquidiocese de Belo Horizonte, nas suas diretrizes, garante a unidade-convergência da evangelização numa metrópole, de modo a evitar dispersões, choques e divergências, isso sem falar das aventuras deletérias. ●

Referências bibliográficas

- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, decretos e declarações*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019*. CNBB, 2015.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- . *Discurso do papa Francisco aos participantes no Congresso Internacional de Pastoral das Grandes Cidades*, 27 nov. 2014. Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141127_pastorale-grandi-citta.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- . *Discurso do papa Francisco aos membros das células paroquiais de evangelização*, 5 set. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150905_cellule-parrocchiali-evangelizzazione.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- LIBÂNIO, João Batista. *As lógicas da cidade*. São Paulo: Loyola, 2001.
- ORIOLO, Edson. Identidade presbiteral: estatuto social do sacerdote. *Revista Eclesiástica Brasileira-REB*, n. 282, abr. 2011, p. 426-438.
- . *Paróquia renovada, sinal de esperança*. São Paulo: Paulus, 2017.
- . *Gestão paroquial para uma Igreja em saída*. São Paulo: Paulus, 2018.
- SANCHEZ, Wagner Lopes. *Teologia da cidade: relendo a Gaudium et Spes*. São Paulo: Santuário, 2013.
- SISTACH, Lluís Martínez (org.). *A pastoral das grandes cidades*. São Paulo: Paulus, 2016.



432 páginas

O livro dos elogios

O significado do insignificante

Leonardo Boff

Um hino às realidades que, ao largo da vida, se tornaram para nós sacramentais, quer dizer, portadoras de sentido, inscrito nos fatos, nos contos e nas reflexões aqui referidas. Pode ser o elogio do pai e da mãe que se fizeram arquétipos que nos acompanham pela vida afora. Tantos outros elogios serão feitos, como preito de gratidão por tudo o que Deus nos concedeu fazer ou nos tem acontecido em nossa peregrinação por este pequeno e belo planeta, nossa Casa Comum.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

Dom Hélder Câmara ou simplesmente Dom

Martinho Condini*



O artigo apresenta às novas gerações um dos mais importantes protagonistas da história da Igreja no Brasil e na América Latina do século XX. Enfatizamos algumas passagens importantes de sua vida e destacamos como sua maneira de pensar e agir, na Igreja e nos movimentos sociais, foi significativa para o catolicismo brasileiro e latino-americano, e para as camadas sociais excluídas da sociedade.

Introdução

Tivesse [Karl Marx] visto em volta de si uma Igreja encarnada, continuadora da encarnação de Cristo; se tivesse convivido com cristãos que amassem, com atos e de verdade, os homens como expressão, por excelência, do amor a Deus; se tivesse vivido em dias do Vaticano II, que assumiu o que de melhor diz e ensina a teologia das realidades terrestres, não teria apresentado a religião como ópio para o povo, e a Igreja como alienada e alienante (CÂMARA, 1966, p. 2).

*Martinho Condini é historiador, mestre pelo Programa de Ciências da Religião da PUC-SP e doutor pelo Programa Educação: Currículo da mesma universidade. É professor em cursos de graduação e pós-graduação, no Núcleo Paulus de Formação, Pesquisa e Disseminação Social, no Instituto Conhecimento para Todos e em outras instituições privadas. Realiza palestras na área da educação em todo o país e possui livros publicados pela Paulus (Brasil) e San Pablo (Colômbia). E-mail: profcondini@gmail.com



Essa afirmação é de dom Hélder Câmara, nordestino, cearense de Fortaleza. No dia 7 de fevereiro de 2019, foram comemorados os 110 anos de seu nascimento.

Dom Hélder, pequenino quanto à estatura física, foi um gigante na bondade, no carisma, na perseverança, na coragem e na esperança. Foi um religioso, um místico, um profeta e também um guerreiro, ainda que não tenha ferido nenhum de seus adversários, pois os encarava como irmãos dos quais divergia apenas no “campo das ideias”.

Dom Hélder foi um dos principais protagonistas da história da Igreja no Brasil e na América Latina no século XX, bem como incansável lutador contra as injustiças sociais, além de referência mundial em defesa dos direitos humanos e um dos mais perseguidos opositores dos 21 anos de ditadura militar no país.

Deve-se ressaltar – desde a sua ordenação, no ano de 1922, em Fortaleza, até o final do seu bispado, em 1985, como arcebispo de Olinda e Recife – o aspecto polêmico de sua postura política e religiosa, diante do contexto político e social de cada época. Na década de 1930, foi integralista; nas décadas de 1940 e 1950, chamavam-no de populista; já nas décadas de 1960 a 1980, foi identificado como comunista.

Dom Hélder, certa vez, declarou: “Se dou comida aos pobres, eles me chamam de santo. Se pergunto por que os pobres não têm comida, eles me chamam de comunista”. Ele viveu as mais profundas transformações na sociedade e no mundo – as mudanças nas relações econômicas e políticas, o desenvolvimento industrial e tecnológico e todo o burburinho das novas ideias em uma sociedade industrializada –, sem que se afastasse do verdadeiro significado do ser humano.

Medo era um vocábulo não existente em suas pregações, conferências e escritos, pois vivia intensamente o enfrentamento e as dificuldades apresentadas pela vida. Sempre tinha, prontamente, os mais argutos, profundos e sensatos argumentos ao defender seus pontos de vista e sua maneira de ver o mundo. Ainda que discordasse de seus opositores, sua grande sensibilidade o levava a respeitá-los e reconhecê-los.

Certa vez, em plena ditadura militar no Brasil, ligaram para dom Hélder, em sua casa na Igreja das Fronteiras, em Recife, e perguntaram como ele queria morrer: enforcado ou esquartejado. Prontamente, ele respondeu: “Quero ser esquartejado e que partes do meu corpo sejam espalhadas pela cidade de Recife”. Ele dizia que, nos momentos difíceis, não podíamos demonstrar medo, mesmo que este nos assaltasse.

Essa coragem e serenidade vinham da sua *esperança*, que sabia transmitir às pessoas, contagiando-as com a mesma intensidade e otimismo que carregava dentro de si.

Ao se dirigir ao mundo, nas requintadas salas governamentais, nas reuniões com os cardeais e papas, nas universidades – entre alunos e professores –, ou nas comunidades eclesiais de base, com o povo de Deus, dom Hélder dava o tom da esperança. Das virtudes demonstradas por ele, destacamos sua capacidade de ouvir, refletir e agir, sempre no limite do provisório. Ele foi “a voz dos que não têm vez e não têm voz”.

Foi o idealizador e criador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e, posteriormente, do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). Teve participação significativa nos bastidores do Concílio Vaticano II e na Conferência Episcopal de Medellín, promovendo, habilmente, a

“Das virtudes demonstradas por ele, destacamos sua capacidade de ouvir, refletir e agir, sempre no limite do provisório”



construção da teologia da libertação e de nova Igreja na América Latina, voltada para os excluídos: a Igreja dos pobres.

Podemos afirmar que sua atividade pastoral foi progressista, revolucionária e humanista, além de – por que não dizer? – profundamente cristã.

1. A infância em Fortaleza

O garoto Hélder e seus irmãos passaram a infância numa casa com quintal a perder de vista, com muitas árvores frutíferas, pródigas em sombra e frutos, onde também passava o córrego Pajeú, no qual adoravam se refrescar do intenso calor cearense.

Uma das diversões prediletas de Hélder era brincar de ser padre. Ele montava um altar com caixotes de madeira, subia em um deles e fazia seus sermões imaginários para as árvores e os pássaros.

Durante sua infância, Hélder tornou-se aspirante da Conferência de São Vicente de Paulo, sua primeira ação social. Visitava famílias carentes para prestar-lhes ajuda. A poucos metros de sua casa, encontrava-se a Igreja da Sé, onde fez a primeira comunhão e, mais tarde, ordenou-se e celebrou a primeira missa.

Seu pai, quando notou seu interesse pelo sacerdócio, disse-lhe: “Para ser padre, não pode ser egoísta. Os padres acreditam que, quando celebram a Eucaristia, é o próprio Cristo que está presente”. Hélder, então com 9 anos de idade, decidiu imediatamente: “Pai, é um padre como o senhor está dizendo que eu quero ser”.

No ano de 1923, ingressou no seminário dos Padres Lazaristas, franceses e holandeses, o que lhe possibilitou uma formação cultural erudita; mesmo assim, jamais deixou de valorizar a cultura nordestina e de se preocupar com as condições desfavoráveis do seu povo.

Ordenou-se no ano de 1931, aos 22 anos de idade, dois abaixo do mínimo exigido pelo direito canônico, o que implicou

uma autorização especial do Vaticano. Nos cinco primeiros anos de vida sacerdotal, dedicou-se à educação católica e aos círculos operários, com intensa atividade junto aos jovens e às empregadas domésticas.

2. Nova ordem social cristã

Desde muito cedo, padre Hélder se fez presente, de maneira marcante e combativa, nos meios de comunicação social. Teve intensa e importante participação na organização do movimento Juventude Operária Católica (JOC). Ainda em Fortaleza, assumiu funções de assistente eclesiástico da Liga dos Professores Católicos e de professor de religião do Liceu do Ceará.

O interesse pela política o levou a ingressar na Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político, de inspiração nazifascista, que deu apoio ao golpe de Estado de Getúlio Vargas e, posteriormente, à instauração do Estado Novo. Permaneceu entre os partidários de Plínio Salgado de 1932 a 1936.

O jovem padre Hélder sofreu forte influência do líder católico e integralista Alceu Amoroso Lima, para quem o autoritarismo e o conservadorismo eram formas de atuação da Igreja capazes de defendê-la do comunismo ateu e “apátrida”. Anos mais tarde, já como arcebispo, Hélder justificaria sua opção pelos integralistas exatamente por esse motivo.

No decorrer dos anos de 1930, no entanto, ele já percebia que as concepções autoritárias e conservadoras do catolicismo, herdadas do seminário, estavam “fora de lugar”. A partir daí, ocorreu a transformação ideológica que marcou o início de sua conversão à democracia e à construção de nova Igreja, dedicada às questões sociais e aberta à participação dos leigos.

Fez parte dessa guinada a descoberta do ideário do filósofo francês Jaques Maritain, apresentadas a ele pelo então ex-integralista Alceu Amoroso Lima. As obras *Humanismo*



integral e Cristianismo e democracia foram o grande divisor de águas em sua vida. De maneira paulatina, padre Hélder incorporou ao seu cotidiano as propostas de Maritain, baseadas em novo estilo de santidade, caracterizado pela penitência, pela simplicidade e pela pobreza, criando, assim, nova ordem social cristã.

3. Uma liderança da Igreja e dos movimentos sociais

No ano de 1936, padre Hélder chegou à cidade do Rio de Janeiro. Lá, iniciou seu trabalho de pregação para grupos de jovens, reunidos em paróquias ou em retiros espirituais organizados pela Ação Católica Brasileira (ACB), movimento controlado pela hierarquia e fundado pelo cardeal Sebastião Leme da Silveira Cintra, em 1935. A plateia militante, no vigor da juventude, encontrava no padre Hélder, de retórica vibrante, possibilidades de um diálogo envolvente sobre questões complexas e polêmicas da Igreja no país.

Não por acaso, portanto, no ano de 1942, foi convidado a lecionar nas Faculdades Católicas, que logo se transformariam na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Sua carreira eclesial, ao mesmo tempo, ganhava novos contornos. Em 1946, já em plena fase de redemocratização do Brasil, padre Hélder tornou-se importante auxiliar do recém-nomeado arcebispo do Rio de Janeiro, dom Jaime Câmara.

Nesse mesmo ano, organizou a Semana Nacional de Ação Católica, com o objetivo de discutir problemas que escapavam ao controle da cúpula da Igreja. Em abril de 1952, foi sagrado bispo e atuou de maneira decisiva para a criação da CNBB. Ele acreditava que as distâncias do território nacional dispersavam a ação do episcopado e isso po-

deria comprometer o futuro da Igreja católica no país. Achava necessário, portanto, criar um secretariado nos moldes da Ação Católica Brasileira, para poder estudar, analisar e discutir tanto questões religiosas como temporais que ultrapassavam o limite das dioceses. Entendia que isso ajudaria os

bispos a tomar decisões e a atuar de maneira coesa, além de facilitar o diálogo com o Estado, pois daria um peso maior aos porta-vozes da Igreja.

O bispo Hélder preocupou-se em criar uma base sólida para a CNBB, com a realização de encontros regionais e a participação nos programas sociais elaborados pelo governo. Entre os motivos que o levaram a idealizar a entidade, estavam a necessidade de uma coordenação nacional da Igreja para a expansão e a formação de novas dio-

ceses e, também, a necessidade de participação intensa nas questões políticas e sociais que envolviam a nação brasileira. Com esses argumentos, cruzou o Brasil para defender a ideia, apresentada também ao Vaticano.

4. A CNBB e a causa dos excluídos

Seu empenho não foi em vão: em 14 de outubro de 1952, a CNBB, finalmente, nasceu. A partir daí, começou a ser construída nova história da Igreja no Brasil. O bispo Hélder foi secretário geral da entidade por três mandatos consecutivos (1952 a 1964), o que o tornou uma das principais lideranças do catolicismo também na América Latina.

Na qualidade de secretário geral da CNBB, participou da organização do Congresso Eucarístico Internacional, realizado no Rio de Janeiro em 1955. O evento colaborou para uma mudança na condução da vida religiosa do bispo, principalmente após um encontro com o cardeal francês da cidade

“A plateia militante, no vigor da juventude, encontrava no padre Hélder, de retórica vibrante, possibilidades de um diálogo envolvente sobre questões complexas e polêmicas da Igreja no país”



de Lyon, Pierre Gerlier, que lhe perguntou por que não punha toda a sua inteligência, competência e liderança a serviço dos pobres do Rio de Janeiro.

Dom Hélder, profundamente inspirado pela questão, comprometeu-se a dedicar todos os dias de sua vida à causa dos excluídos, decisão que lhe valeu o título de “Bispo das Favelas”. Desenvolveu ousado projeto na tentativa de erradicar as favelas, denominado Cruzada São Sebastião, em homenagem ao padroeiro da cidade do Rio de Janeiro – à época, capital do Brasil. A intenção era transferir os moradores desses aglomerados precários para prédios de apartamentos em plena zona sul.

Assim, dom Hélder pretendia superar a luta de classes, deixando os pobres perto dos ricos e as empregadas e os empregados próximos ao seu trabalho. Era-lhe evidente que tal ação não resolveria o problema de moradia no Rio de Janeiro. Ele admitia publicamente que era necessário mexer com as estruturas, acabar com o êxodo rural e implantar políticas agrárias voltadas para a redistribuição de terras.

5. O golpe militar e a chegada a Recife

Não foi a Cruzada São Sebastião sua única incursão em favor dos despossuídos, empenhado que estava em construir esperanças. Dom Hélder criou, no ano de 1955, o Banco da Providência – primeira experiência brasileira de um banco popular. A instituição centralizaria a captação de recursos de quem tivesse excedente, para distribuí-los aos necessitados e a entidades filantrópicas. A mensagem da campanha para a arrecadação de donativos era: “Ninguém é tão pobre que não tenha o que oferecer. Ninguém é tão rico que não precise de ajuda” (CONDINI, 2013, p. 29). O sucesso da iniciativa deveu-se, em grande parte, ao carisma do religioso junto ao empresariado fluminense.

Dom Helder Câmara

Profeta para os nossos dias

Marcelo Barros



“Não deixe cair a profecia!” Essa foi a última palavra que Dom Helder Câmara disse a Marcelo Barros, monge que há muitos anos o assessorou para assuntos ecumênicos. Este livro foi escrito como um modo de cumprir aquele pedido. Marcelo se dirige, especialmente, aos jovens e aos leitores que não puderam conhecer diretamente Dom Helder, lembrando as experiências de convívio e a colaboração pastoral vividas com esse grande profeta.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



O bispo Hélder, no entanto, não continuaria no Rio de Janeiro por muito tempo. Depois do golpe militar que depôs João Goulart, no ano de 1964, assumiu a Arquidiocese de Olinda e Recife. A mudança não foi ocasional. Teve, sim, o propósito de tentar silenciá-lo.

Ele era uma voz da resistência contra o autoritarismo. Poderia incomodar demais, caso permanecesse na antiga capital federal. A decisão, porém, produziu efeito contrário. Ao livrar-se da influência do conservador cardeal dom Jaime de Barros Câmara, que não gostava da postura política do seu bispo auxiliar, dom Hélder adquiriu autonomia para alçar voos mais arrojados.

No dia 11 de abril de 1964, agora arcebispo de Olinda e Recife, ele fez seu discurso de posse para milhares de pessoas que se acotovelavam em frente à matriz de Santo Antônio. O recém-empossado reiterou a intenção de trabalhar para os cidadãos, sem discriminação de credo e ideologia.

6. Entre a cruz e a espada

Dom Hélder manteve, a princípio, uma posição de neutralidade – nem situação, nem oposição – diante dos militares que haviam tomado o poder. Com essa atitude, ampliou as possibilidades de dialogar com todos os grupos, mas sua imparcialidade durou pouco.

À frente da Diocese de Olinda e Recife, não tardou a entrar em choque com o poder. Logo se pôs a indagar o Exército sobre a violação dos direitos humanos mediante práticas de perseguição e tortura contra os opositores do regime. O governo reagiu com permanente atenção aos movimentos do prelado: seus documentos eram revista-

dos; seus discursos, entrevistas e depoimentos, ouvidos e censurados. Sem se intimidar, ele prosseguiu seu trabalho em prol dos perseguidos e excluídos.

À semelhança das iniciativas que liderava no Rio de Janeiro, dom Hélder criou, em Recife, um projeto de ajuda às vítimas das enchentes ocorridas no ano de 1965. Dessa ampla campanha nasceu a Operação Esperança, que se transformou numa entidade registrada em cartório. Com o passar do tempo, a entidade ampliou a atuação para as áreas rurais.

Graças a esse trabalho, a Arquidiocese de Olinda e Recife se tornou conhecida no mundo inteiro. Isso foi, ao mesmo tempo, uma espécie de proteção contra as investidas da ditadura na seara plantada pelo bispo, como também uma ferramenta importante para que o povo do Nordeste passasse a reivindicar seus direitos.

Esse trabalho de conscientização prosseguiu ao longo de 20 anos, sempre sob a mira da ditadura. Haveria acirrado o confronto entre os militares e a Igreja – a qual contava com outras lideranças tão ativas como dom Hélder –, em razão de discordâncias ideológicas e de valores éticos e morais. Isso implicava ameaças, perseguição política e patrulhamento ideológico. O bispo de Recife e Olinda não arredou pé de suas convicções.

7. Cala-boca ao arcebispo vermelho

Embora houvesse proibição à mídia de repercutir suas ações, dom Hélder continuava a ampliar sua notoriedade, até porque era uma referência naquele período de silêncio forçado da sociedade. O confronto com os militares dava-se no diálogo, no campo das ideias, no processo de

“Dom Hélder criou, no ano de 1955, o Banco da Providência – primeira experiência brasileira de um banco popular”



conscientização e na pregação da paz. Essas foram suas armas. Ele foi perseguido, também, porque se recusava a participar das comemorações de aniversário da chamada “revolução” (que era como os militares chamavam o golpe), entre outros eventos para os quais o regime buscava respaldo nas lideranças da sociedade.

Em carta a amigos, escrita em Recife no ano de 1967, relatou ter sido procurado pelo general do IV Exército, que vinha com um “apelo de amigo” para que celebrasse a missa de terceiro aniversário da “revolução”. Sua resposta:

Fui amavelmente firme. Intransigente. Sou pastor. Se tenho filhos que veem no movimento de 31 de março de 1964 a salvação nacional, tenho outros, não menos numerosos, feridos, esmagados, de maneira injusta, por ele. Nem sequer neguei o meu próprio pensamento: o movimento não merece ainda o nome de revolução; impediu, em grande parte, a arrancada do desenvolvimento, pelo bom pretexto de sanear nossa moeda; sacrificou demais o povo; humilhou demais o Brasil diante dos Estados Unidos (CONDINI, 2013, p. 54).

O diálogo com os militares ficou ainda mais difícil após o decreto do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968. O cerco às ações do arcebispo foi intensificado. Pior: sua vida já corria perigo. Antes mesmo do AI-5, no final de outubro de 1968, as paredes da Igreja das Fronteiras, onde morava dom Hélder, foram metralhadas pelo grupo de direita denominado Comando de Caça aos Comunistas (CCC).

Durante o governo do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1973), a repressão aos opositores do regime foi intensificada, da mesma forma que as represálias ao arcebispo. Ele foi enquadrado na Lei de Segurança

Nacional. O patrulhamento acentuado estendeu-se até o ano de 1977. Nesse período, seus textos, discursos, entrevistas e depoimentos passaram a ser censurados pelo Ministério da Justiça, com proibição a qualquer espaço na mídia. O “cala-boca” valia, obviamente, só para o território nacional, de maneira que jornais, revistas e cadeias de rádio e televisão do mundo inteiro abriam espaço à palavra daquele que a ditadura militar chamava de “arcebispo vermelho”.

Nos anos de 1970, ele fez centenas de pronunciamentos no exterior. Era, também, chamado a fazer palestras e conferências. Uma, em especial, teve muita repercussão, a de maio de 1970 em Paris, no Palácio dos Esportes. Dom Hélder denunciou a repressão, as prisões e as torturas em curso no Brasil. O discurso lhe valeu algo que pode ser classificado de “morte civil”, tamanho o cinturão de silêncio imposto à sua pessoa.

A retaliação psicológica e moral foi tamanha, que o governo militar chegou a engendrar um boicote para que ele não fosse agraciado com o Prêmio Nobel da Paz nos primeiros quatro anos da década de 1970. O arcebispo era sempre indicado, em virtude de uma série de fatores: sua atuação nos bastidores do Concílio Vaticano II (1962-1965) e na II Conferência do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968), sua constante mensagem de não violência na América Latina, sua liderança, no seio da chamada “Igreja progressista”, na luta por melhores condições de vida, por respeito aos direitos humanos e pela defesa da solidariedade entre as nações, independentemente de suas condições econômicas.

A lei do silêncio contra o arcebispo só acabou em 1977. Em entrevista à jornalista Divane Carvalho, do *Jornal do Brasil*, sucursal Recife, dom Hélder falou sobre seu envolvimento com a Ação Integralista Brasileira, sobre o enfrentamento com os militares pós-64 e sobre a situação da Igreja latino-americana.



Em seguida, outros importantes órgãos de comunicação do país o procuraram.

Do final dos anos 1970 até o início de 1984, quando do envio da carta a João Paulo II que formalizava sua renúncia da Arquidiocese de Olinda e Recife, conforme estava previsto no *Código de Direito Canônico*, o arcebispo participou ativamente da vida religiosa, social e política do país. Esteve ligado às reflexões dos adeptos da teologia da libertação, esteve ligado à III Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Puebla, e à IV Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Santo Domingo.

Sua participação foi decisiva no que ele chamava de “evangelização conscientizadora”, posta em prática por meio da criação das comunidades eclesiais de base. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, elas se expandiram pelo Brasil e por outros países da América Latina. O objetivo das CEBs era promover a humanização por meio da religiosidade e contribuir para a libertação social das camadas populares.

Participou do processo de redemocratização do país e foi voz importante nos comícios que marcaram a campanha das Diretas Já, no ano de 1984.

Conclusão:

o Dom em pensamento e atitude

Dom Hélder aposentou-se no dia 15 de julho de 1985. Tornou-se arcebispo emérito e permaneceu em Recife, onde deu continuidade a seu trabalho social por meio da fundação Obras de Frei Francisco. Morreu aos 90 anos de idade, em 27 de agosto de 1999, em Recife, cercado de carinho e admiração.

Um dos principais legados deixados por dom Hélder foi a sua coerência entre o discurso e a prática. Como é difícil unir esses dois aspectos e fazer essa integração! Ele conseguiu, durante a sua vida inteira, pensar, falar e agir conforme os seus princípios políticos, ideológicos, religiosos, éticos e morais. Um ser humano pleno em pensamento e atitude!

Hoje, somente nos resta agradecer sua existência, o exemplo de vida deixado por esse religioso, que sempre esteve à frente do seu tempo. Acreditamos que nossa missão seja semear, em favor das novas gerações, o pensamento, os princípios e as atitudes desse homem, religioso e profeta, dom Hélder Câmara, a fim de colaborarmos para a construção de uma sociedade mais humana, justa e fraterna para todos. Caro Dom, você estará sempre junto de nós! ●

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Edvaldo M. *Dom Helder Camara: profeta-peregrino da justiça e da paz*. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.
- BULLA, Ilvana Maria Pereira; CONDINI, Martinho. *Helder Camara, um nordestino cidadão do mundo*. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Brasileirinhos.)
- CAMARA, Helder. *Presença de Igreja no desenvolvimento da América Latina*. Conferência em Buenos Aires, 1966.
- CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: um modelo de esperança*. 3. reimpr. São Paulo: Paulus, 2013. (Coleção Comunidade e Missão.)
- _____. *Fundamentos para uma educação libertadora: dom Helder Camara e Paulo Freire*. São Paulo: Paulus, 2014. (Coleção Educação Superior.)
- RAMPON, Ivanir Antonio. *O caminho espiritual de dom Helder Camara*. São Paulo: Paulinas, 2013. (Coleção Pesquisa Teológica.)
- _____. *Paulo VI e dom Helder Camara: exemplo de uma amizade espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- _____. *Francisco e Helder: sintonia espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2016.

As estrelas do cardeal Arns

Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior*

*O artigo propõe
um perfil de Dom Paulo
Evaristo Arns,
falecido em 2016
e que deixou um importante
legado de defesa e cuidado
pela vida na sociedade
brasileira e na Igreja.
Viveu momentos de
grandes desafios
em sua missão e sempre
tinha à frente
o horizonte da esperança.*



Introdução

A vida de dom Paulo sempre se guiou por sua fidelidade a Cristo com base em profunda espiritualidade franciscana. Seu amor aos pobres o fez homem sereno e voz segura durante os 21 anos de trevas que o Brasil viveu durante a ditadura cívico-empresarial-militar de 1964 a 1985. Dom Paulo nos ofereceu um mapa seguro para viver e buscar o melhor para o Brasil na construção da cidadania e da paz.

O mapa de seu caminho terrestre era guiado pelos sinais celestes, desde o dia de seu nascimento. Aquele que seria conhecido como cardeal dos pobres, dos direitos humanos e da liberdade, nasceu em 14 de setembro de 1921, no dia da festa litúrgica da Santa Cruz. Esse sinal da cruz iria marcar não só a hora de seu vir ao mundo, como também suas decisões pessoais, imprimindo nelas o selo da esperança e da utopia.

*Fernando Altemeyer Junior é graduado em Filosofia e Teologia, mestre em Teologia e Ciências da Religião pela Université Catholique de Louvain-La-Neuve, doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e assistente doutor nesta universidade.
E-mail: fajr@pucsp.br



Quem é iluminado brilha com luz própria. Aquele que foi arcebispo da cidade de São Paulo teve sua biografia marcada pelo sinal da constelação do Cruzeiro do Sul. Os que estudaram um pouco de astronomia sabem que as múltiplas constelações que iluminam o hemisfério sul são precioso mapa de viagem nesse hemisfério, onde figura cintilante o Cruzeiro do Sul. Dom Paulo sempre contemplava o céu para poder conduzir seu povo amado na Terra de Santa Cruz. Pisava firme no chão que tanto amou, sabendo que tinha morada na eternidade, que seu sol era sempre o Cristo ressuscitado e que suas palavras como pastor da Igreja deviam ser como o resplendor da lua a refletir os raios da mensagem de Jesus. Dom Paulo sempre soube valorizar uma comunicação libertadora, grávida do diálogo e da escuta do outro e do diferente. De seus próprios lábios ouvimos, em 2 de junho de 1984, uma frase sintética: “O evangelho é essencialmente comunicação” (ARNS, 2006, p. 91).

Assumir o Cruzeiro do Sul será como um sinal celeste ou bússola de sua vida como eminente comunicador do evangelho, confirmando que as estrelas não só configuram a identidade nacional dos brasileiros (com sua presença no coração de nossa bandeira nacional), como também abrem nosso olhar, de forma telescópica, para mirar o cosmos como bela criação de Deus. Aquelas cinco estrelas nos fazem sonhar e acreditar que caminhamos de esperança em esperança. Estiveram sempre inscritas na vida de nosso amado dom Paulo. Estão em nosso cotidiano de Igreja comprometida com a causa dos pobres. As cinco estrelas da constelação marcam, metafo-

ricamente, cinco momentos da vida do apóstolo e comunicador Paulo Arns.

A primeira e mais imponente das estrelas é Acrux, ou Alfa Crucis, ou Estrela de Magalhães, situada na ponta inferior da haste vertical da cruz, a indicar o polo sul do planeta. A segunda, no braço esquerdo da cruz (na perspectiva do observador), é Beta Crucis, carinhosamente chamada no Brasil de Mimosa. A terceira, na ponta superior da cruz, é Gama Crucis, cujo tom avermelhado lhe rendeu o nome de Rubídea. A quarta, no braço direito da cruz, é Delta Crucis, chamada de Pálida. Enfim, à direita e fora da cruz, entre a estrela Pálida e a Estrela de Magalhães, temos Épsilon Crucis, chamada em nosso país de Intrometida.

Se tomarmos esse signo dos céus para estudar a vida comunicativa de nosso cardeal, miramos cinco estrelas como momentos vitais luminosos em sua ação evangelizadora.

1. Alfa Crucis ou Estrela de Magalhães

A comunicação comprometida com a vida e os valores humanos vinha do berço dos Arns. Dom Paulo era filho de colonos e aprendeu desde cedo, na família de 13 irmãos, que amor, solidariedade e paz eram gestos concretos. Sua mãe e seu pai comunicavam esse amor na cartilha da vida. Eram os comunicadores da fé e da verdade de Deus, em poucas palavras e muitas ações de justiça e comunhão, em tempos de fartura e, sobretudo, em tempos de dor e pobreza. Filho feliz e orgulhoso de colonos imigrantes alemães, foi posto no mundo no dia 14 de setembro de 1921 em Forquilha-SC, onde aprendeu desde cedo a amar as raízes de sua família pobre e lutadora. O menino sabia bem que quem negasse suas origens e

**“Dom Paulo
nos ofereceu
um mapa seguro
para viver e buscar
o melhor para o
Brasil
na construção
da cidadania
e da paz”**



se aburguesasse perderia a identidade e não saberia o que comunicar na vida adulta. Paulo venceu o risco do aburguesamento ao afirmar-se o quinto filho de 13 do casal Gabriel Arns e Helena Steiner, descendentes de imigrantes da região do Mosela, na Alemanha. Assumir a raiz, assumir o campo, assumir ser filho de colonos era a fonte originária de seu viver. Assim, escreveu em seu livro de memórias, como um testemunho a ser aprendido por seminaristas e padres jovens, dizendo de forma convicta: “Hoje, quando os doutorados e outros títulos incomodam em vez de empolgar, lembro-me de que tenho um, guardado como numa espécie de juramento a meu pai: sou padre, mas tirado dentre o povo. Um filho dos colonos Helena e Gabriel Arns” (ARNS, 2001, p. 35).

Aqui está o sul, ou seja, a base da cruz, a Estrela de Magalhães que orienta a navegação e orientava sua vida. Tratava-se da estrela do batismo. A estrela da vida amada por Deus com uma vocação única no mundo. Era a estrela fundadora da vida do comunicador que professava a verdade e queria ser colaborador de sua difusão sem mentir, sem manipular e, sobretudo, sem rasgar o compromisso com a própria identidade profunda. Valorizar as raízes e a consciência de classe, para não ser comprado por 30 moedas pelos poderosos e suas falácias. Grande parte da mídia brasileira poderia reaprender a fazer jornalismo investigativo e sério se valorizasse suas origens, a vida do povo e as fontes de conhecimento que estão nas ruas, na labuta do trabalho e nos compromissos históricos de emancipação de um povo. Dom Paulo, desde cedo, assumiu esta raiz semântica da comunicação que é a verdade pessoal e interior. Assim diz George Orwell: “Em tempos de engano universal, falar a verdade torna-se um ato revolucionário”. Esta é a Alfa Crux da vida e da comunicação: coerência com as próprias raízes e com a solidariedade humana. Aqui

vemos como dom Paulo antecipou a mensagem reformadora do amado papa Francisco, sendo sempre um bispo que sabia e queria trabalhar de forma colegiada, sinodal, apoiando a explosão de ministérios leigos e uma Igreja plenamente povo de Deus.

2. Beta Crucis ou Mimosa

A segunda estrela que marcou a vida de Paulo Evaristo foi sua consagração como frade franciscano e padre católico. Nessa fase de sua vida, o paradoxo esteve simbolicamente presente. Viveria em Paris e depois nos morros de Petrópolis, no Rio de Janeiro. É divertido constatar que a estrela Mimosa, na bandeira do Brasil, representa o estado do Rio de Janeiro. Alguém diria que estava escrito nas estrelas. E essa estrela seria uma marca indelével da paz e da fraternidade, assumidas pela veste humilde dos pobres. O jovem Paulo se tornou Evaristo (nome religioso), recebendo o hábito marrom, o burel franciscano, e sendo feito presbítero para ser Igreja em saída pelo mundo. Frei Paulo Evaristo foi estudar, aprender, ensinar, evangelizar e ouvir o clamor dos pobres e da Mãe Terra como irmão de esperanças.

Foi ordenado sacerdote em 30 de novembro de 1945, na cidade de Petrópolis-RJ, pelo então bispo de Niterói-RJ, dom José Pereira Alves. Realizou um fecundo período de estudos acadêmicos na Sorbonne, em Paris, defendendo, em 3 de maio de 1952, sua tese sobre a técnica do livro segundo São Jerônimo, a qual recebeu nota máxima. Marcado pelo pensamento da *Nouvelle Théologie*, particularmente dos teólogos jesuítas e dominicanos como Daniélou e Congar, deleitava-se, como que comendo um “pão doce catarinense”, com as conferências de François Mauriac, Paul Claudel, Jean-Paul Sartre e, de modo especial, com os textos das aulas de Emmanuel Mounier e Henri de Lubac. Voltou ao Brasil para exercer a função de professor em Bauru



e Agudos-SP e depois em Petrópolis-RJ, onde produziu estudos da patrística, artigos acadêmicos, realizou traduções de textos latinos e gregos e filiou-se ao sindicato dos jornalistas, vínculo que manteve em toda a sua vida até os últimos dias.

Frei Paulo sempre foi pregador excelente e atento a uma teologia pastoral. Sabia que a salvação se faz na caridade. Jamais se fechou às demandas da cidade e aos clamores dos sofrendores de todas as etnias e grupos sociais, e mesmo daqueles sem religião.

3. Gama Crucis ou Rubídea

A terceira estrela é marcada pela cor avermelhada. É a ponta superior da cruz. É o polo norte da bússola pessoal. Representa a missão maior de dom Paulo, sua vocação divina marcada na fragilidade humana: ser bispo e apóstolo de Cristo no colégio episcopal para servir e amar o povo de Deus. Paulo Evaristo, frade franciscano, foi nomeado bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo. Aquele que era um professor e frade reconhecido internacionalmente como um humanista multifacetado, por ser comunicador, literato, teólogo e patrólogo eminente, era então, com 44 anos de idade, chamado a ser um profeta da metrópole, um defensor da pessoa humana e um irmão universal franciscano com as vestes de bispo titular de Respecta e auxiliar da cidade de São Paulo. Foi consagrado bispo, em 3 de julho de 1966, na pequena Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Forquilha-SC, pelas mãos de dom Agnelo Rossi, arcebispo de São Paulo, e de dois consagrantes, dom Anselmo Pietrulla, ofm, bispo de Tubarão-SC, e dom Honorato Piazero, scj, bispo coadjutor de Lajes-SC. Com a transferência do então cardeal dom Agnelo Rossi, enviado a Roma pelo papa Paulo

VI para cuidar da Congregação para a Evangelização dos Povos, dom Paulo iria assumir, em 1º de novembro de 1970, o ministério e encargo de quinto arcebispo metropolitano de São Paulo.

O bispo Paulo começou atuando na zona norte da cidade e no campo das comu-

nicações sociais por ordem do arcebispo. Destacava-se pela forma envolvente e transformadora com que se relacionava, por suas atitudes originalíssimas com relação aos pobres, aos marginalizados, aos doentes, aos necessitados, aos inimigos, às mulheres, às crianças, à lei. Ia ao presídio, ia às ruas, estava feliz no meio dos pobres, valorizava as mulheres, trabalhava em equipe, convocava teólogos de peso, como

frei Gilberto da Silva Gorgulho e Ana Flora Anderson, para formar gente capaz de ler a Palavra de Deus por todos os recantos da cidade, do Imirim ao Jardim Ângela, de Ermelino Matarazzo até as fronteiras de Osasco e Carapicuíba. Queria que cada batizado se assumisse como liderança leiga na Igreja e no mundo. Acreditava nos operários. Acreditava na juventude. Suscitava lideranças e não transformava a Igreja em máquina burocrática, mas em lugar de acolhida e profecia. Dom Paulo não queria leigos e leigas coadjuvantes, auxiliares subalternos, mas pensava e cria em protagonistas e colaboradores do múnus eclesial. Sempre se diz que um bispo sábio se cerca de assessores mais sábios e lúcidos do que ele próprio.

Dom Paulo acreditava na força da equipe, e cada um que privasse de seu convívio podia sempre ouvir de seus lábios: “Coragem, vamos em frente”. Sempre confiou nos outros. Não substituíva funções nem tarefas, mas partilhava e aplaudia com vigor quando surgia a novidade do Espírito Santo. De

**“Sempre
se diz que
um bispo sábio
se cerca
de assessores
mais sábios
e lúcidos do que
ele próprio”**



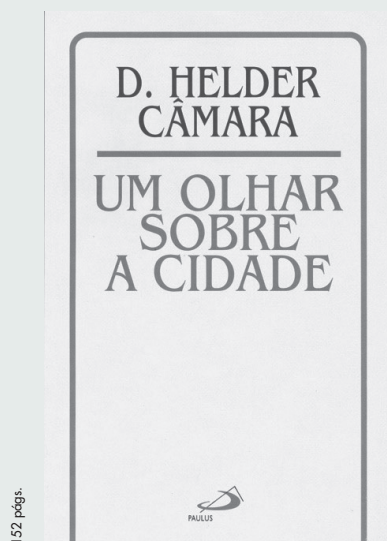
certa forma, podemos brincar dizendo que dom Paulo, desde cedo, fez muito pouco ou quase nada, porque os leigos, as religiosas e os padres faziam muito e sentiam que tinham um pastor que os amava. Ele coordenava sem substituir ou calar. Acreditou de fato na subsidiariedade eclesial. Assumiu o papel episcopal como supervisor e líder que exercia autoridade, ou seja, fazia o outro crescer e manifestar o que tinha de melhor. Autoridade como serviço, e não narcisismo fútil e poder de imposição. Dom Paulo desvelava o que a cidade podia oferecer para ser comunidade e não mais viver polarizada em classes excludentes e gananciosas.

Tão logo assumiu o arcebispado, ou seja, o pastoreio da metrópole, uma das primeiras e fundamentais ações de dom Paulo foi compreender o novo rosto da urbanização em curso. A cidade de São Paulo estava crescendo desordenada e velozmente, com seus 5.924.615 habitantes provenientes do êxodo forçado do mundo rural, misturados aos poucos paulistanos de nascimento e aos milhares de imigrantes estrangeiros, chegados para a industrialização das décadas de 1920 a 1950. Esses paulistanos todos estavam mergulhados entre os 93 milhões de brasileiros, 56% dos quais vivendo em áreas urbanas. São Paulo mostrava ser a ponta do *iceberg* que poderia indicar um belo futuro ou um dramático modo de exploração capitalista, pleno de exclusões e medo. Nesse cenário, ainda situado em tempos de ditadura cívico-militar, o então bispo auxiliar e depois arcebispo foi chamado a agir em nome do evangelho a tempo e a contratempo.

Eram muitos e variados os segredos do bispo Paulo Evaristo. Nasceram de seu amor profundo a Cristo ressuscitado e se exprimiam em seu cuidado concreto com as pessoas, as pastorais, as instituições e o movimento da história. Para dom Paulo, não era a Igreja que devia se tornar uma grandeza histórica, mas a história do povo e das pessoas

Um olhar sobre a cidade

D. Helder Câmara



Este livro reúne 63 breves crônicas escritas e lidas pelo arcebispo emérito de Olinda e Recife, D. Helder Câmara, ao microfone da Rádio Olinda de Pernambuco. Os textos retratam mensagens de grande conteúdo de fé, inspiradas em diferentes situações da vida do autor. Ao ler essas mensagens, o leitor encontrará caminhos de amor, fraternidade, esperança e prece no Deus da vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



unidas em comunidades é que se tornava um referencial e uma grandeza cristã. Um povo de Deus unido, feliz e articulado era a esperança sempre viva desse cardeal. Seu lema era: “De esperança em esperança”. E assim ele, a cada manhã, renovava sua disposição de enfrentar uma cidade que era sempre nova, mas violenta, dialogando com ela. Dom Paulo dialogava com todos os atores sociais e pedia que cada um deles assumisse de verdade um papel de sujeito histórico de transformações. O pensador francês Moustapha Safouan, em seu livro *La parole ou la mort*, diz que na linguagem está a única saída do ser humano e que nossa escolha deve ser uma decisão entre a palavra ou a morte! Dom Paulo decidiu-se pela Palavra.

“Dom Paulo dialogava com todos os atores sociais e pedia que cada um deles assumisse de verdade um papel de sujeito histórico de transformações”

4. Delta Crucis ou Pálida

A quarta estrela a iluminar os passos de Paulo Arns foi aquela que fica à direita da constelação. É a mais pálida das estrelas, para lembrar-nos que vivemos sempre no lusco-fusco da existência e no paradoxo da cruz. Não há cruz sem ressurreição, mas tampouco há anúncio sem sangue nem martírio. O sofrimento acompanha a vida, sem tirar a esperança, mas exigindo coerência e mística vigorosa. Não há amor que não passe por noite escura. Não há esperança que não deva andar meses e anos na penumbra, crendo, esperando, Tateando, procurando pelas mãos de Deus e por sua promessa. É como que uma aposta de que algo bom virá. É ver o invisível. É crer no impossível.

Dom Paulo foi criado cardeal da metrópole paulistana, em 5 de março de 1973, pelo papa Paulo VI. Foi o quinto arcebispo paulistano e o terceiro cardeal da diocese

paulistana, pastoreando, por 27 anos ininterruptos, a maior diocese do mundo e renunciando em 15 de abril de 1998, sucedido por dom Auri Affonso Cláudio Hummes, ofm, que era arcebispo metropolitano de Fortaleza e frade franciscano. Em seguida, em 2007, viria o atual arcebispo, dom Odilo Pedro Cardeal Scherer. Dom Paulo realizou um inédito governo colegiado e um empenho efetivo em construir uma Igreja aberta aos homens e mulheres urbanos que, na cidade cosmopolita, possuem um modo próprio de pensar e agir. Foi o grande patrono do *best-seller Brasil, nunca mais*, que retrata os porões da ditadura e os sofrimentos vividos por centenas de brasileiros torturados clandestinamente pe-

los militares no país. Graças a essa obra, não se perdeu a memória da ignomínia praticada contra a pessoa humana no Brasil. A transmissão de seus sermões pastorais na rádio católica 9 de Julho foi impedida por arbitrária decisão do general presidente, que interrompeu seu direito democrático de opinião por 26 anos, ou seja, praticamente durante todo o tempo do exercício de seu episcopado. Grão-chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, acolheu os professores que o regime militar aposentava, perseguia ou censurava, como os mestres Florestan Fernandes, Octavio Ianni e Paulo Freire, entre tantos. Dom Paulo acolheu na Catedral da Sé inúmeros líderes muçulmanos, judeus, budistas, evangélicos, afro-brasileiros e o próprio Dalai Lama, como líder espiritual do budismo tibetano. Criou a Comissão Justiça e Paz e o Centro Santo Dias da Silva, formados por eminentes juristas, muitos dos quais advindos da Ação Católica e marcados, também eles, pelo personalismo de Maritain.

SAZONAL PAULUS

2020



CALENDRÁRIOS

- 1 Parede – Paisagem
- 2 Parede – Santos
- 3 Bíblico
- 4 Variedades
- 5 Mesa
- 6 Mesa – O Pequeno Príncipe

Ano Litúrgico

- 7 Clássico
- 8 Cidade
- AGENDAS**
- 9 De planejamento
- 10 Dia a dia com a catequese

Dia a dia com o Evangelho

- 11 Devocional Jesus – Brochura/Espiral
- 12 Devocional Maria – Brochura/Espiral
- 13 Devocional S. Mateus – Brochura/Espiral
- 14 Clássica 1 – Brochura
- 15 Clássica 2 – Brochura
- 16 Floral – Luxo Capa Dura

17 Floral 1 – Brochura

18 Floral 2 – Brochura

19 Capa Luxo – Feminina

20 Capa Luxo – Masculina

DIA A DIA COM O EVANGELHO

21 Livro – Brochura

22 Livro – Bolso

paulus.com.br/loja

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

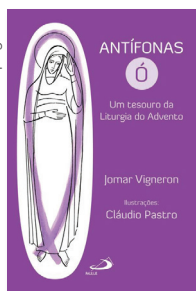


PAULUS

Os melhores livros e CDs para celebrar o ciclo do Natal você só encontra na PAULUS.

CONFIRA!

80 páginas



Antífonas Ó

Um tesouro da Liturgia do Advento
Jomar Vigneron
Ilustrações de Cláudio Pastro

As Antífonas "Ó" e os Versículos Aleluiáticos formam um díptico que se completa vantajosamente. O Mistério Natalino e o Mistério Pascal abraçam nossa filiação divina. Com a Igreja não cessamos de solicitar com simplicidade a vinda do nosso Redentor... Ele vem, o Emanuel, a Sabedoria do Pai.

136 páginas



Meditando a Palavra 1 **Advento e Natal**

Pe. Augusto César Pereira, SCJ

Este livro oferece reflexões sobre o Advento e o Natal, cujo mistério nos garante que a promessa da segunda vinda será cumprida. Com essa garantia, os cristãos se esforçam para construir desde agora o mundo novo de Deus.

48 páginas



Advento e Natal

54 perguntas e respostas sobre o ciclo do Natal

Pe. José Bortolini

O Natal está chegando! Neste livro, você encontrará as respostas às dúvidas mais comuns sobre o ciclo do Advento e Natal, além de compreender seu significado e sua riqueza, para poder celebrá-lo com maior entusiasmo e fé.

32 páginas



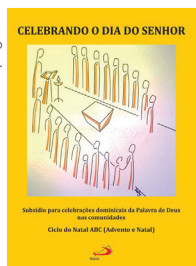
Advento e Natal

Como celebrar?

Padre Antônio Lúcio da Silva Lima e Padre Luiz Miguel Duarte

Para ajudar o povo a viver o tempo do Advento e Natal de modo intenso e participativo, os padres paulinos Antônio Lúcio e Luiz Miguel prepararam um livro com propostas concretas para dinamizar as celebrações, destacando seus principais símbolos e disponibilizando algumas sugestões pastorais.

152 páginas



Celebrando o dia do Senhor

Ciclo do Natal ABC (Advento e Natal) – Subsídio para celebrações dominicais da Palavra de Deus nas comunidades

Obra dedicada às celebrações dos tempos do Advento e Natal, solenidades e festas do Senhor, da Virgem Maria e dos santos cujas datas são festejadas nesse período. Oferece ainda ritos para as orações iniciais e finais, liturgia da Palavra, rito de louvor ou ação de graças, comunhão eucarística e bênção.

14 faixas



CD Deus se faz nosso irmão **Cantos para a Novena de Natal – Coletânea**

Em sua infinita misericórdia, Deus enviou seu Filho à Terra para irmanar-se conosco, vivendo e morrendo entre nós. Celebremos a chegada de Jesus de Nazaré com os cantos da coletânea *Deus se faz nosso irmão – Cantos para a Novena de Natal*. São 14 faixas para enriquecer sua Novena de Natal e preparar você para a festa mais importante do calendário cristão.

16 faixas



CD As crianças cantam

Advento e Natal

Regente: Irmã Custódia Cardoso – IIC

Composto de 16 faixas, este belo álbum traz canções, interpretadas pelas crianças do coral Pequenos Cantores de Apucarana, para a Missa do Advento e a Missa do Natal. Para deixar o CD ainda mais belo e divertido, o encarte apresenta algumas ilustrações de Jesus e seus amigos em estilo mangá, deixando-o ainda mais jovem, moderno e próximo da garotada.

23 faixas

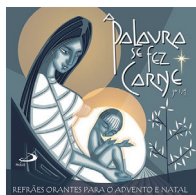


CD Concerto de Natal

Júlia Brown – Órgão histórico de Mariana

O CD registra o Concerto de Natal feito pela organista Júlia Brown no órgão histórico de Mariana (MG). Apresenta exemplos de repertório germânico, italiano e francês, demonstrando a versatilidade do instrumento.

20 faixas



CD A Palavra se fez carne (Jo 1,14)

Refrões orantes para Advento e Natal
Deivid Tavares

A Palavra se fez carne! Chegou o primeiro CD de refrões orantes para celebrar o Advento e o Natal do Senhor que vem. Interpretada pelo Coral Nossa Senhora Aparecida de Apucarana, o álbum é um excelente trabalho para as comunidades do nosso Brasil.

14 faixas



CD Natal Instrumental em solos de viola

A viola enche nossa boca de sorrisos. A viola traz de volta as alegrias do passado e nos ajuda a sonhar com um mundo melhor, que não é diferente do paraíso da nossa infância. É Natal, tempo de festa, tempo de mida, tempo de viola! Feliz Natal, bem no nosso jeito!

14 faixas



CD Clássicos de Natal

As mais belas canções de Natal em solos de piano

Miguel Briamonte

Este CD alia todo o requinte do piano à tradição das mais conhecidas canções natalinas tocadas ao longo do tempo. Com arranjos e execução do pianista Miguel Briamonte, o ouvinte poderá escutar clássicos como "Jingle Bells", composto por James Lord Pierpont, e "Cristo Nasceu", de Georg Friedrich Händel, e se emocionar com o resultado final.

11 faixas



CD Natal

As mais belas canções

Pe. Antônio G. Herdt e Coral Santo Antônio dos Anjos

O repertório deste álbum especial conta com cânticos clássicos natalinos, como "Glória a Deus", "Boas festas", "Adeste Fidelis" e muitas outras! Obra para lembrar que o Natal é um milagre que se renova a cada ano no coração de cada um de nós.

20 faixas



CD É tempo de recomeçar

Advento e Natal para crianças
Coral Pequenos Cantores

Interpretando as missas do Advento e do Natal, o Coral Pequenos Cantores de Curitiba move os ouvidos de quem busca paz e esperança. Regido pela irmã Custódia Maria Cardoso, o grupo se destaca com canções como A Luz Vai Brilhar (abertura da missa do Advento), É Tempo de Graça, Aclamando o Evangelho e a consagrada Noite Feliz, penúltima faixa do CD.

19 faixas



CD O Natal chegou

Pequenas Cantoras de Curitiba | Regente:
Irmã Custódia Cardoso – IIC

Sob regência da irmã Custódia Maria Cardoso, o Coral Pequenas Cantoras de Curitiba interpreta, pleno de emoção, o verdadeiro significado do espírito natalino, caracterizado pelo amor que, uma vez partilhado, torna possível a construção de novos caminhos para a paz.

16 faixas



CD Cantos do Evangelho

Vol. 1 – Ciclo do Natal

Pe. José Weber

Para enriquecer o repertório existente nas comunidades, o CD oferece cantos para serem entoados em diversos momentos celebrativos do Ciclo do Natal: antes de iniciar a celebração da missa ou da Palavra; após a leitura do Evangelho; após a homilia; na Comunhão, com um salmo apropriado; na catequese; na Liturgia das Horas, como antífona do Cântico evangélico; ou ainda na meditação pessoal ou comunitária.

17 faixas



CD Liturgia V

Natal – Cantos do Hinário Litúrgico da CNBB

Coral Palestrina

O CD abrange o período de Natal, com cânticos que pertencem ao Hinário Litúrgico da CNBB. Este é mais um disco que oferece cantos para utilização durante o calendário litúrgico católico ao longo do ano. A interpretação é do Coral Palestrina da Arquidiocese de Curitiba, sob a regência da Ir. Custódia Maria Cardoso.

NUNCA É TARDE PARA REVER AS FONTES DA FÉ CRISTÃ.

A coleção Patrística reúne as obras mais importantes dos Pais da Igreja.

CONFIRA NOSSAS NOVIDADES!



A mentira | Contra a mentira Volume 39 *Santo Agostinho*

Este livro reúne dois textos de Santo Agostinho: *A mentira* e *Contra a mentira*, escritos entre os séculos IV e V. Ambos combatem a má interpretação de católicos que consideravam úteis e moralmente aceitáveis certos tipos de mentiras, como sendo um mal menor para evitar um mal maior.



A natureza do bem | O castigo e o perdão dos pecados | O batismo das crianças Volume 40 *Santo Agostinho*

Em *A natureza do bem* e *O castigo e o perdão*, o leitor encontra uma das obras antimaniquistas de Agostinho. Nesta obra também estão as exposições do hiponense sobre o batismo das crianças e o castigo e o perdão

dos pecados, em que Agostinho nos coloca a questão: é possível alguém viver sem pecado?



A Simpliciano | Réplica à carta de Parmeniano Volume 41 *Santo Agostinho*

Ad Simplicianum é uma carta enviada por Agostinho a Simpliciano, na qual ele responde a questionamentos referentes a passagens da Carta aos Romanos e dos livros dos Reinos. A resposta a Parmeniano expõe de modo claro, exegética e

teologicamente fundado, pontos essenciais da eclesiologia em três daquelas que chamaríamos hoje notas da Igreja: unidade, santidade, catolicidade.



Tratado sobre o Batismo Volume 42 *Santo Agostinho*

Este é o terceiro texto das obras de Santo Agostinho, escritas entre os séculos IV e V, em resposta a cartas que lhe foram enviadas por autoridades da época, a respeito de heresias e contendas que a Igreja enfrentava. *Tratado sobre o Batismo* foi escrito para refutar as costumeiras ob-

jeções donatistas aos católicos quanto ao batismo e explicar qual é de fato a posição de Cipriano a esse respeito.



Retratações Volume 43 *Santo Agostinho*

Se as *Confissões* de Agostinho são como uma retratação da vida, as *Retratações* são a confissão de seu progresso intelectual e espiritual. Mais do que investigar as escrituras e interpretá-las, doravante perscrutando-se, Agostinho revisa seus pontos de vista, e admite equívocos, sempre em busca da Verdade acima de tudo.



Eis a teologia subjacente ao seu pensamento. Um humanismo cristão que bebe nas fontes dos evangelhos, passa pela patristica e assume seu pleno vigor na ação permanente em favor de qualquer pessoa humana. Humanismo integral e cristianismo engajado. A PUC-SP, invadida pelas forças de segurança da ditadura militar por duas vezes, hauriu de dom Paulo a firmeza permanente e a coragem para enfrentar os prepotentes, tendo à frente a figura forte da reitora Nadir Kfoury e de seus vice-reitores. Foi um momento dramático que forjou uma geração e um símbolo perene. Essa casa da excelência acadêmica deve a dom Paulo o acolhimento de professores de todas as linhas de pensamento, sem qualquer obscurantismo ou dirigismos externos. Como escola de vida e humanismo, a PUC-SP deve a esse mestre do sorriso muito de sua identidade e de sua produção solidária. Há que se destacar, dentre os 51 livros da autoria de dom Paulo, três que manifestam seu pensamento complexo: *I poveri e la pace prima di tutto* (Roma: Borla, 1987), *Von Hoffnung zu Hoffnung. Vortrage, Gespräche, Dokumente* (Dusseldorf: Patmos, 1988) e *Conversa com São Francisco* (São Paulo: Paulinas, 2004). Temos também sua autobiografia *Da esperança à utopia: testemunho de uma vida*, publicada pela Sextante, do Rio de Janeiro, em 2001.

Conclusão:

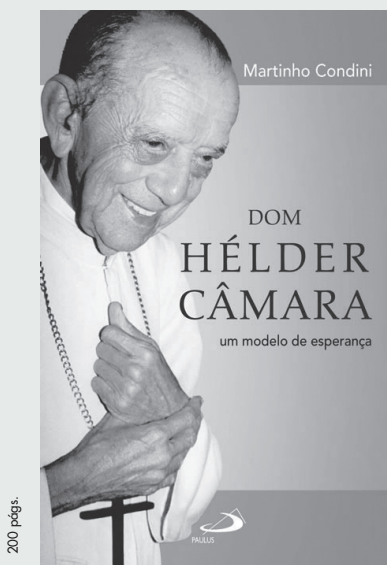
Épsilon Crucis ou Intrometida

A derradeira estrela na vida do cardeal Arns é a que fica fora da cruz, incomodando tal qual luz impertinente e sendo, no entanto, fundamental para localizar a própria cruz no firmamento. Na bandeira brasileira, tal estrela representa o estado do Espírito Santo. Sinal de algo misterioso na vida de nosso amado pastor Paulo. Os brasileiros deram-lhe o nome de Intrometida.

Dom Hélder Câmara

Um modelo de esperança

Martinho Condini



Este livro caminha pelas razões históricas, políticas e teológicas que colaboraram para que Dom Hélder se fizesse como se fez. O autor destaca o homem, o religioso, suas circunstâncias, sua trajetória, os dramas e os enredos que conduziram este ícone na direção de uma atividade pastoral progressista, revolucionária, humanista e, por isso mesmo, profundamente cristã. Temos, assim, a possibilidade de conhecer um pouco mais o caminho de esperança percorrido por Dom Hélder ao longo de sua vida.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Podemos relacionar essa estrela pequenina com o momento do culto ecumênico em nossa Catedral da Sé, no dia 31 de outubro de 1975, às 16 horas, quando se fez memória do assassinato do jornalista judeu Vladimir Herzog pelas mãos da ditadura cívico-militar-empresarial. Ali fulgurava a estrela de dom Paulo, corajoso e firme, inspirado e animado pelo Espírito Santo, advogado dos pobres, tendo ao lado seu “tio espiritual” e “irmão mais velho”, o arcebispo de Olinda e Recife, dom Hélder Pessoa Câmara, o rabino Henry Israel Sobel e aquele que chamava carinhosamente de seu “bispo auxiliar”, o reverendo presbiteriano James Nelson Wright.

Esse foi o dia em que jornalistas e estudantes deram um basta ao golpe militar e aos ditadores armados e covardes, que se punham contra a vida, a verdade e a justiça social. Ao torturar e matar o judeu Herzog, pendurando-o em sua cela em uma corda, refaziam a crucifixão do judeu Jesus, semelhando os dois inocentes e unindo as duas religiões pelo testemunho dos justos. Dizer não à versão militar de suicídio, enterrar Herzog como judeu e celebrar sua memória como um corpo violado diante de Deus era um brado contra a idolatria do sistema de Segurança Nacional e a afirmação do Deus da vida e do amor. Esse foi o dia da liberdade de expressão sob uma chuva de bombas de gás dos militares infiltrados, comandados pelo Exército e pelos esquadrões da morte. O torturado era o vitorioso. A morte gerava vida e rebeldia. Herzog se tornava uma semente de liberdade, e a catedral, um lugar da esperança que nunca morre. Ali se gestariam as Diretas Já, efetivadas só em 1989. Foi o batismo de sangue apresentado a todo o Brasil, ainda que submerso e proibido de ser publicado pela imprensa domesticada e ditatorialmente censurada. Herzog era pranteado junto a dezenas de democratas assassinados nos porões da ditadura. Esse foi o dia da profecia de dom Paulo Evaristo Arns, tal

qual um novo João Batista no planalto paulistano, clamando: “Ninguém toca impunemente no homem, que nasceu do coração de Deus para ser fonte de amor”. Foi dia de ecumenismo e de diálogo inter-religioso. Foi dia de evangelho puro. Foi dia de uma estrela intrometida emergir com força na escuridão e trevas nacionais, apontando para as quatro companheiras luminosas, tal qual pequenina irmã que sabia fazer a hora e não esperava acontecer.

Dom Paulo lutará sempre por uma educação de base, valorizando a teologia da libertação comprometida com o evangelho de Cristo, em defesa daquele modelo de Igreja preconizado pelos padres do Concílio Vaticano II em 1962-1965. Foi e será sempre alguém capaz de decifrar a mensagem que vem das estrelas e ilumina nossa vida:

E conversamos toda a noite, enquanto / a Via-Láctea, como um pálio aberto, / cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto, / inda as procuro pelo céu deserto. / Direis agora: “Tresloucado amigo! / Que conversas com elas? Que sentido / tem o que dizem, quando estão contigo?” / E eu vos direi: “Amai para entendê-las! / Pois só quem ama pode ter ouvido / capaz de ouvir e de entender estrelas” (Olavo Bilac, Soneto XIII da obra *Via-Láctea*). ●

Referências bibliográficas

- ARNS, Paulo Evaristo. *Estrelas na noite escura: pensamentos*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- _____. *Conversa com São Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. *Da esperança à utopia: testemunho de uma vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- _____. *Von Hoffnung zu Hoffnung. Vorträge, Gespräche, Dokumente*. Dusseldorf: Patmos, 1988.
- _____. *I poveri e la pace prima di tutto*. Roma: Borla, 1987.

Roteiros homiléticos

Também na internet:
vidapastoral.com.br



Zuleica Aparecida Silvano*

TODOS OS SANTOS

3 de novembro

“A santidade é o rosto mais belo da Igreja”

(*Gaudete et Exsultate*, n. 9)

I. Introdução geral

Nesta celebração, somos convidados a agradecer a Deus o testemunho dos santos e santas de todas as nações (I leitura). Eles e elas se purificaram, no dia a dia, do pecado e da iniquidade (II leitura) e permaneceram fiéis ao compromisso com a justiça, com a misericórdia, com a paz, com a vida (evangelho). Desejamos também pedir a graça de perceber os sinais da presença do Espírito em toda parte: na sociedade, em nossas comunidades, em nossa família e nas pessoas que não fazem parte da nossa religião, do nosso grupo, mas nos ajudam a contemplar a beleza da santidade.

*Ir. Zuleica Aparecida Silvano, religiosa paulina, licenciada em Filosofia pela UFRGS, mestra em Ciências Bíblicas (Exegese) pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma) e doutora em Teologia Bíblica pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde atualmente leciona. É assessora no Serviço de Animação Bíblica (SAB/Paulinas) em Belo Horizonte. E-mail: zuleica.silvano@paulinas.com.br



II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Ap 7,2-4.9-14

Essa passagem do livro do Apocalipse objetiva animar as comunidades cristãs a permanecerem fiéis a Cristo em meio ao sofrimento e à perseguição que estão vivenciando. O texto de Ap 7 está situado na seção da abertura dos selos (cf. Ap 6,1-7,17) e é a resposta à pergunta do capítulo precedente (cf. Ap 6,17): quem poderá ser considerado inocente (“ficar em pé”) no dia da intervenção final e do julgamento de Deus? O autor responde: será aquele que permanece fiel ao seguimento de Jesus Cristo no amor, mesmo que isso possa lhe custar a entrega da vida.

A primeira cena (cf. Ap 7,2-4) tem como contexto a terra, sob a ameaça dos ventos que vêm dos quatro ângulos do universo, considerados ventos nocivos e destruidores (cf. 1 Henoc 76). Os servos, porém, serão poupados por meio da intervenção direta e gratuita de Deus, conforme anuncia o quinto anjo, encarregado por Deus de dar ordens aos mensageiros, descritos no v. 1.

O assinalamento na frente (cf. v. 3) expressa a proteção divina (cf. Ex 12,21-30). Provavelmente, os assinalados são aqueles que não se deixaram contaminar pela idolatria e, portanto, pertencem a Deus.

O número *144 mil* (cf. v. 4) é simbólico: indica que são muitos e formam uma totalidade perfeita (144 mil é um número perfeito, resultado da multiplicação de 12 x 12 x 1.000). Refere-se, provavelmente, ao povo que será preservado das ameaças e dos flagelos pela sua fidelidade ao Deus vivente.

A segunda visão (cf. Ap 7,9-14) apresenta uma multidão incontável, proveniente de todas as nações (universalidade). A túnica branca retrata a salvação e, no Apocalipse, foi prometida aos vitoriosos e aos mártires (cf. Ap 3,4 e 6,11), ou seja, aos fiéis ao projeto de Deus que ven-

ceram as forças contrárias a Cristo. Da mesma forma que Deus salvou Israel da escravidão do Egito, também o Cordeiro salvará aqueles que resistiram a toda opressão. A vitória e a salvação pertencem a Deus e ao seu Cordeiro. Desse modo, os mártires e os perseguidos, passando pela tribulação, participam da paixão de Cristo, mas também de sua vitória.

A pergunta do ancião, no v. 13, tem a finalidade de enfatizar a solenidade da revelação e ressaltar o significado do simbolismo das “túnicas brancas”. A resposta paradoxal, segundo a qual as túnicas são brancas porque foram lavadas no sangue do Cordeiro, faz-nos vislumbrar a salvação final, já parcialmente experimentada pelos fiéis ao aderirem a Jesus, o Messias, e ao serem introduzidos pelo batismo no tempo messiânico. Assim, a purificação trazida pelo sangue do Cordeiro permite aos cristãos realizar um culto agradável a Deus por meio da vivência comunitária, do cumprimento da missão de anunciar o Reinado de Deus e da doação da própria vida por fidelidade ao seguimento de Jesus.

2. Evangelho: Mt 5,1-12a

As bem-aventuranças marcam o início dos discursos sobre o Reino de Deus no Evangelho segundo Mateus. Os destinatários da mensagem de Jesus são pessoas provenientes de vários lugares, tanto de Israel como das regiões dos gentios – ou seja, de todas as nações (cf. Mt 4,25).

Jesus sobe ao monte e assume a posição de Mestre. O monte é o lugar da revelação divina e é o local onde Jesus ensina com autoridade (cf. Mt 7,28-29). É possível estabelecer um paralelismo entre Jesus e Moisés. Este subia ao Sinai para receber a Lei de Deus destinada ao povo (cf. Ex 19,3; 24,15.18), sinal da aliança estabelecida com Deus; Jesus, como Messias e Filho de Deus, sobe ao monte para apresentar não uma Lei,



mas um programa de vida, e estabelecer uma nova aliança com toda a humanidade (cf. Mt 5,1-7,27). As bem-aventuranças, em Mateus, podem ter um caráter escatológico, mas no sentido do “já e ainda não”; ou seja, elas já acontecem e são reveladas nos gestos de Jesus Cristo e daqueles que seguem o Messias Jesus, mas serão vivenciadas em plenitude na salvação futura. Por isso, estão relacionadas ao passado e ao presente, e não somente ao futuro.

O discurso das bem-aventuranças é o alegre anúncio do Reinado de Deus, dirigido ao pobre, ao oprimido, ao indefeso, ao marginalizado, ao aflito. Em Cristo, Deus vem para defender, consolar, acolher, ouvir novamente o clamor do povo. As bem-aventuranças, portanto, descrevem o modo cristão de viver o seguimento de Jesus, de estar em comunidade, na história. É o convite a uma mudança de mentalidade, tendo como critério a novidade do Reino, que nos desconcerta, visto que são chamados de “felizes” aqueles que a sociedade despreza, exclui, os considerados “infelizes”.

A primeira bem-aventurança é dirigida aos “pobres em espírito”; no entanto, não podemos espiritualizar o pobre ou suavizar a mensagem evangélica. De fato, se lermos as bem-aventuranças, compreenderemos que “pobre” é aquele completamente desprovido, aquele que carece de recursos, por ser explorado e oprimido social e economicamente. Assim, é o estrangeiro, a viúva, o órfão, o necessitado, o enfermo, o aflito, o perseguido, que são totalmente dependentes de Deus. Mas é também o misericordioso, aquele que vai ao encontro do outro, que consola, que tem sede e fome de justiça e promove a paz. Enfim, é aquele que está disponível para cumprir a vontade divina, pois tem consciência de que não é possível depositar sua confiança na riqueza ou no poder, sabe o que é fundamental e o que dá sentido à vida.

Outro aspecto que nos chama a atenção na expressão “pobres em espírito” (Mt 5,3) é sua afinidade com a frase “vivem perseguidos por causa da justiça” (Mt 5,10), pois para ambos é prometido o Reino de Deus. Desse modo, é legítimo afirmar que os “pobres em espírito” são também os perseguidos por causa da justiça, ou seja, os que sofrem nas mãos dos opositores a Cristo (cf. Mt 4,18-24). São os que acreditam que o Reino de justiça, vivido e anunciado por Jesus, não é algo ilusório, por isso lutam e resistem para que esse Reino se realize. Um texto que poderia nos ajudar a entender os “pobres em espírito” é Mt 25,34-40, que afirma que aqueles que têm compaixão para com os mais pobres herdarão o Reino de Deus. Nessa perspectiva, os “pobres em espírito” são também aqueles que são solidários, dóceis à Palavra e abertos à incessante novidade de Deus.

Os aflitos, contemplados na segunda bem-aventurança, constituem os que sofrem por causa das forças do mal, sendo vítimas da opressão e da violência. O termo “consolar” pode ser traduzido literalmente por “chamar para junto de” – ou seja, defender, intervir em favor daquele que não pode se libertar sozinho – e remete à missão profética descrita em Is 61,1-2. Hoje vivemos numa sociedade marcada pela negação do sofrimento e plena de ofertas de felicidade. Quem é capaz de sentir o sofrimento e ser consolado por Jesus torna-se sensível ao sofrimento alheio. Essa bem-aventurança, portanto, lança-nos o desafio da compaixão, do compadecimento com o sofrimento do nosso próximo.

A terceira bem-aventurança está baseada no Sl 37,11, quando menciona os injustamente desapropriados de suas terras. Por isso, podemos traduzi-la por felizes os oprimidos, os fracos, os que se encontram em condições lastimáveis e percebem, no anúncio de Jesus, a possibilidade de restituir a



própria dignidade e contar com a partilha. Ela é, ainda, um convite para nos desarmarmos diante das realidades de violência, ódio, inimizades, e sermos testemunhas da mansidão, um dom do Espírito (cf. Gl 5,23). Ser manso também é uma expressão da pobreza em espírito, pois supõe o despojar-se para poder estar disposto ao diálogo e ceder, quando necessário, do próprio ponto de vista, das próprias ideias e projetos.

Os que têm fome e sede de justiça são aqueles que optaram por viver a justiça de tal forma, que ela perpassa seu modo de ser, pensar e agir, constituindo uma necessidade primária (cf. Sl 107,5.8-9). Justiça pode ser entendida como a adequada relação com Deus, com o próximo e consigo mesmo. Quem tem fome e sede de justiça se deixa conformar a Cristo, é pessoa que vive o processo de humanização de suas relações, alguém que deseja e constrói uma sociedade justa e fraterna. Isso também supõe perseverança, pois é muito fácil permanecermos saciados em nosso comodismo.

A bem-aventurança seguinte é centrada na misericórdia, tema fundamental em Mateus, que se expressa na compaixão para com o outro, por meio de gestos concretos, na saída para ir ao encontro dos marginalizados (cf. Mt 9,13; 12,7; 15,22; 25,35-37), no perdão fomentado nas relações comunitárias (cf. Mt 18,33; 6,12-15) e no amor aos inimigos (cf. Mt 5,38-48).

A expressão “puros de coração” nos remete ao Sl 24,4, que descreve as características do fiel ao qual é permitida a entrada no santuário. Assim, são aqueles e aquelas que defendem a vida, que não estão comprometidos com a falsidade e não realizam juramentos desonestos; isto é, aqueles que são íntegros e coerentes. Ser puro de coração é ser capaz de amar e poder ver a Deus, pois ele é amor.

A expressão “os que promovem a paz” pode ser interpretada como referência aos

justos (cf. Sl 34,15), por terem uma vida perpassada por valores éticos. A paz é a síntese dos bens prometidos por Deus aos tempos messiânicos. Trabalhar pela paz, portanto, é ser um colaborador de Deus na construção de seu Reino. É uma bem-aventurança que nos desafia, pois, como diz o papa Francisco: “é muito comum sermos causa de conflitos ou, pelo menos, de incompreensões” (GE 87), e, nesses momentos, ser instrumentos de paz não é fácil, pois isso requer criatividade, escuta, uma vida marcada pela oração.

Ser perseguido é consequência de uma vida doada e marcada pelo evangelho, à semelhança da vida do Mestre Jesus, que também foi perseguido, incompreendido e sofreu por fidelidade ao projeto do Pai.

3. II leitura: 1Jo 3,1-3

1Jo 3,1-3 retoma os temas já apresentados em 1Jo 1,5-10. Esses versículos contêm os mesmos elementos do discurso dirigido às pessoas em processo de iniciação à vida cristã, após a adesão a Jesus Cristo e o batismo, com a finalidade de refletir sobre o seguimento de Cristo, o significado do messianismo de Jesus e o fundamento do agir cristão. Para o autor, aquele que cumpre a justiça e não peca provém de Deus (cf. 1Jo 3,1) e caminha em direção a ele (cf. v. 2).

Em 1Jo 3,1, o autor expressa sua admiração pelo grande amor de Deus Pai e pelo fato de serem filhos de Deus por meio do batismo, dado que os membros da comunidade participam da filiação divina em virtude da fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus. A expressão “nascer de Deus” é própria da literatura joanina. Para o evangelista, o “nascer de Deus” está intimamente ligado com o “nascer do alto” (Jo 3,6.8) e, após o batismo, o fiel torna-se parte da família de Deus. No v. 1, a palavra “mundo” deve ser entendida como tudo aquilo que se opõe a



Cristo; na primeira carta de João, são aqueles que não reconhecem Jesus como Messias e Filho de Deus.

A frase do v. 2c, “sabemos que, quando será manifestado”, deve ser interpretada como a epifania da identidade cristã, quando o batizado estiver diante da manifestação do Filho na parusia. Assim, nossa identidade de filhos será manifestada somente no final dos tempos, quando atingirmos a perfeição, ou seja, a meta final, por estarmos diante do Filho e do Pai.

O termo “puro” está relacionado à vida em contraposição à morte. Assim, afirmar que Jesus é puro é o mesmo que dizer que ele é a vida.

A necessidade de purificar-se para permanecer na proximidade de Deus (cf. v. 3) e de Jesus, dado que eles são santos e puros, perpassa todo o AT e pertence ao âmbito cultural; mas podemos também interpretá-la no sentido ético, ou seja: aproximamo-nos de Deus quando agimos conforme os ensinamentos de Cristo, libertando-nos do pecado, da iniquidade, de tudo que conduz à morte.

III. Pistas para reflexão

As leituras desta solene festa de Todos os Santos e Santas nos ajudam a contemplar a beleza da santidade que se manifesta no povo, no mundo, em todas as partes. Assim, desafiam-nos a viver a santidade na humanização das nossas relações (evangelho), na purificação de tudo que nos conduz à iniquidade (II leitura) e à não adequada relação com o outro (injustiça) e com Deus (idolatria), e convidam-nos a permanecer fiéis mesmo diante da perseguição ou de realidades que se opõem ao projeto de Deus (I leitura). Somos também interpelados a nos questionar nessa festa: Como estou abraçando diariamente o caminho do evangelho? Como sou chamado/a a ser santo/a nas ocupações de cada dia?

32º DOMINGO DO TEMPO COMUM
10 de novembro

“Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos”

(Lc 20,38)

I. Introdução geral

As leituras bíblicas deste domingo têm como tema central o triunfo da vida. Na I leitura, recordamos a doação da vida dos mártires do passado, que permaneceram firmes na fé diante da opressão promovida pelo império greco-helenista, e a certeza da ressurreição dos mortos. No evangelho, Jesus confirma que nosso Deus é o Deus da vida e, por isso, somos desafiados/as a nos manter firmes na esperança e na caridade, defendendo e promovendo a vida em nossa sociedade (II leitura).

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: 2Mc 7,1-2.9-14

2Mc 7 narra a opressão durante o período do império greco-helenista (séc. II a.c), no tempo da revolta dos Macabeus, e a resistência até a morte de uma mãe e seus sete filhos. O império grego dominava a Judeia e impunha sua cultura em detrimento da cultura e da religião judaicas. Assim, obrigava os judeus a desobedecer às prescrições presentes na Lei. Os judeus sabiam que, se cedessem aos gregos, perderiam aquilo que mantinha o povo unido, ou seja, sua identidade, suas tradições, sua cultura, sua religião. Enfim, a aliança que tinham estabelecido com o Deus de Israel. O texto escolhido para a liturgia é importante para nós, cristãos, porque, pela primeira vez, no AT, aparece a fé na ressurreição. Portanto, o texto não objetiva apresentar a realidade



cruel e a frieza dos torturadores, mas reafirmar a convicção de que Deus é soberano e capaz de gerar vida, mesmo nesse contexto de morte.

Percebe-se uma processualidade na tortura e na confissão de fidelidade ao Deus de Israel e às tradições religiosas judaicas. O primeiro filho torturado confessa a lealdade às leis referentes à alimentação, as quais eram um elemento fundamental para a formação da identidade do povo (cf. 2Mc 7,1-2). Do segundo até o quarto, temos a profissão de fé na ressurreição do corpo, partindo da certeza de que Deus é o aliado do povo, é o Senhor da vida e o Criador de todo o universo.

2. Evangelho: Lc 20,27-38

Este trecho de Lc 20 traz a controvérsia entre Jesus e os saduceus, um dos grupos religiosos presentes na Palestina daquele tempo. Os saduceus se consideravam descendentes de Sadoc (cf. Ez 44,15). Esse grupo, constituído pelo chefe dos sacerdotes (sumo sacerdote), pelas famílias sacerdotais e pela aristocracia, detinha o poder político, religioso, econômico e jurídico. Desse modo, tinha poder sobre o Templo e sobre o sinédrio. Aceitava somente o Pentateuco e, por isso, não acreditava ser possível afirmar algo sobre a ressurreição dos mortos, uma vez que não via sinais dessa crença nos cinco primeiros livros da Bíblia, atribuídos a Moisés.

Os saduceus, ao se aproximarem de Jesus, interrogam-no baseando-se na Lei do Levirato (lei do cunhado), descrita em Dt 25,5-10. Essa lei prescreve que, “se alguém tiver um irmão casado, e esse morrer sem filhos, o irmão deve casar-se com a viúva a fim de suscitar uma descendência para seu irmão”. A Lei do Levirato fazia parte das leis de solidariedade familiar e tinha como objetivo garantir a sobrevivência da viúva, que, dessa forma, teria direito à herança do marido falecido, dado que uma viúva sem filho não teria nenhum direito.

Os saduceus apresentam o caso de uma mulher que teve sete maridos, sem deixar descendência. A pergunta que fazem é: “Na ressurreição, ela será esposa de quem?”. Essa questão tinha como finalidade deslegitimar a crença na ressurreição dos mortos, visto que, para eles, a Lei do Levirato acentuava a impossibilidade da ressurreição dos mortos, sendo a vida continuada nos descendentes. Outra possível interpretação baseia-se na crença de que a vida futura seria semelhante à vida terrena, contendo, porém, somente aspectos positivos. Jesus responde a essa questão em duas etapas. Primeiramente, afirma que o Reino de Deus, ou o mundo futuro, não segue os moldes de nossa sociedade. Aqueles que ressuscitarão serão como anjos, ou seja, terão seus olhos fixos no Deus da vida, pois poderão contemplar Aquele que dá a vida e também viver em comunhão com os irmãos e irmãs, como filhos e filhas amados pelo único Pai. Em segundo lugar, confirma a fé na ressurreição, baseando-se em Ex 3,6, um texto do Pentateuco que contém a revelação de Deus a Moisés e a confirmação de que ele é o Deus da vida. Assim, além de provar a ressurreição e refutar a crença dos saduceus, Jesus afirma que a preocupação dos saduceus não deve ser promover a morte, por meio de ações injustas e de um culto desvinculado da vida, mas o verdadeiro culto a Deus é promover a vida ao redor, pois Deus não é o Deus dos mortos, mas da vida, e vida em plenitude.

3. II leitura: 2Ts 2,16-3,5

A segunda carta aos Tessalonicenses é chamada deuteropaulina, ou seja, é atribuída a Paulo, mas não foi escrita por ele. Provavelmente foi escrita por um discípulo ou um líder da comunidade de Tessalônica que conheceu Paulo.

Nessa carta, transparece um contexto hostil à fé (cf. v. 2). Nesse sentido, ela está



em sintonia com a I leitura e com o evangelho, mas também apresenta a esperança na fidelidade de Deus, que guarda a comunidade de todo mal.

O texto escolhido para a liturgia contém vários temas. Ele se inicia com uma súplica (cf. 2,16-17), em seguida apresenta um pedido de oração (cf. 3,1-2) e conclui com a confiança na fidelidade de Deus e com uma bênção (cf. vv. 3-5). Apesar da diversidade temática, podemos dizer que todos os temas giram em torno da oração. O autor inicialmente pede que Deus possa animar a comunidade e confirmá-la em “toda boa ação e palavra” (vv. 16-17). O autor também pede que, na comunidade, uns rezem pelos outros, para que possam continuar anunciando a palavra da salvação, não obstante a perseguição e as tribulações, uma vez que nem todos acolheram essa palavra. Ele apresenta ainda a necessidade de que a Palavra seja não só rapidamente difundida (cf. Sl 147,15), mas também acolhida, para ser glorificada.

Ao concluir, pede a Deus que continue guiando a comunidade pelo caminho da caridade até a vinda definitiva do Reino, no fim dos tempos, e que os tessalonicenses possam sempre confiar no amor de Deus manifestado por meio do seu Filho, Jesus.

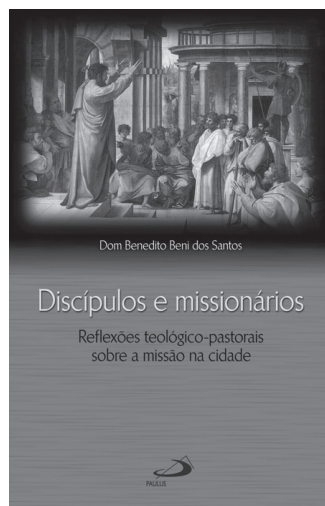
III. Pistas para reflexão

Esta liturgia aborda um tema fundamental para a fé cristã – a ressurreição dos mortos – e nos revela um Deus sempre vivo e dos vivos, o Deus criador e comprometido com a vida (I leitura e evangelho). O texto da I leitura apresenta-nos a vitória da vida e nos indica que a ressurreição não é um fato apenas individual, mas também coletivo. No evangelho, Lucas nos ajuda a compreender que a ressurreição dos mortos é um evento que caracteriza o fim dos tempos, mas é também um critério, uma certeza que deve orientar nossas opções nas atividades

Discípulos e missionários

Reflexões teológico-pastorais sobre a missão na cidade

Dom Benedito Beni dos Santos



96 págs.

A articulação entre discipulado e missão é a ideia central deste livro, cujo título reproduz o tema da 5ª Assembleia do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (Aparecida, maio de 2007). O ponto de partida e de referência de todas as reflexões é o projeto eclesiológico do Vaticano II, que é seguido pela exposição dos fundamentos teológicos da missão evangelizadora da Igreja e a análise de alguns aspectos práticos da missão.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



cotidianas na história. Portanto, somos desafiados a ser testemunhas, na sociedade e no mundo, desse Deus que não é Deus dos mortos, mas dos vivos (cf. Lc 20,38), e a continuar anunciando a palavra da salvação (II leitura), para que seja conhecida, amada, acolhida e testemunhada.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM
17 de novembro

“O Senhor julgará a terra com justiça” (Sl 96)

I. Introdução geral

Neste 33º domingo do Tempo Comum, decretado dia mundial dos pobres pelo papa Francisco (na carta apostólica intitulada *Misericórdia et misera*, n. 21), a liturgia nos recorda que “a pobreza está no âmago do evangelho” e que é necessário tomarmos consciência de que não pode haver justiça nem paz social numa realidade em que prevalece a injustiça.

Assim, o dia mundial dos pobres pretende ser uma pequena resposta, dirigida pela Igreja inteira espalhada por todo o mundo, aos pobres de todo gênero e de todo lugar, para que não pensem que o seu clamor tenha caído no vazio. Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; contudo, pode ser um sinal de partilha para quantos passam necessidade, a fim de sentirem a presença ativa de um irmão e de uma irmã (papa Francisco, *Mensagem para o dia mundial dos pobres* – 2018).

Nesse sentido, o dia mundial dos pobres não deve ser marcado somente por uma ajuda momentânea ou por ações assistencialistas, mas como um dia que faz memória da nossa opção fundamental pelo pobre.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Ml 3,19-20a

Malaquias é um profeta do pós-exílio (séc. V a.C.), e a pergunta que perpassa o trecho escolhido para esta liturgia é: onde está o Deus da justiça? Essa pergunta surge da angústia daqueles que sofrem as injustiças e do aparente silêncio de Deus (cf. Sl 73; Jr 12,1-2). Além de denunciar as injustiças, o profeta afirma que acusar o Senhor de injusto é uma forma superficial de julgar os acontecimentos e a realidade. Esse comportamento, segundo o profeta, é desculpa para não iniciar um processo de conversão sincera, responsabilizando o Senhor pela injustiça social e encobrindo as próprias más ações. É nesse contexto que Malaquias afirma que o tempo da paciência de Deus terminou, e anuncia o “dia do Senhor”. Nesse dia, acontecerá um julgamento purificador e salvador, no qual a justiça triunfará e a impunidade e a injustiça serão destruídas. Com efeito, aqueles que buscam a justiça serão retribuídos com a salvação e os ímpios serão aniquilados. O profeta escolhe imagens fortes para expressar a intervenção divina e a transformação da sociedade. Por exemplo, o fogo abrasador, que nos remete aos eventos teofânicos, ou seja, da manifestação de Deus (cf. Ex 19,16-20,22; Dt 4,1-20).

Além da injustiça, Malaquias denuncia o culto desvinculado da vida, o uso do Templo para explorar as pessoas, e exorta a comunidade a prestar verdadeiro culto a Deus, que consiste em uma vida marcada pela observância dos mandamentos. Desse modo, esse texto não deseja provocar medo, mas é um apelo à conversão, à fidelidade à aliança estabelecida com Deus.

2. Evangelho: Lc 21,5-19

O texto de Lc 21,5-19 é um trecho do chamado discurso escatológico no evangelho



lucano (cf. Lc 21,5-38). Trata-se dos eventos que antecedem o fim dos tempos, o fim do mundo. Por isso, é marcado pela linguagem e por elementos da chamada *apocalíptica judaica* e objetiva manter a esperança das comunidades cristãs que vinham sendo perseguidas pelo império romano por seguirem o Messias Jesus. Essa passagem foi escolhida para esta liturgia porque estamos no final do ano litúrgico, tempo em que somos convidados a avaliar nossa caminhada antes da grande festa de Cristo Rei do Universo. Esse “dia do Senhor”, anunciado pelo evangelista Lucas, é um dia de alegria, de plenitude e de libertação. Isso porque os cristãos provam seu compromisso com a justiça e com o Reino de Deus, e depositam sua confiança no Deus da vida, e não em aparentes seguranças anunciadas pelos falsos profetas.

O texto se inicia afirmando que o povo não deve depositar sua segurança na beleza do Templo e nas ofertas. Essas priorizam o exterior, enquanto o importante é o culto que expressa uma vivência coerente com a vontade de Deus. Os discípulos não devem se iludir, pois, da mesma forma que Jesus foi perseguido, eles também o serão (cf. v. 12). O contexto de guerra, perseguição, sofrimento é a realidade das comunidades, que vivenciaram a Guerra Judaica (67 a 70 d.C.) e suas consequências (cf. vv. 7-11). Nesse contexto, surge a pergunta: vale a pena seguir Jesus de Nazaré? O evangelista afirma que é necessário não desanimar, e ter a convicção e a consciência de que é justamente nesse momento de grande sofrimento que os discípulos são convidados a professar sua fé em Jesus crucificado e ressuscitado (cf. v. 13). Portanto, é necessário confiar na ação de Deus em sua vida, mesmo diante do conflito e da morte, pois é permanecendo firmes que ganharão a vida (cf. v. 17). Essa exortação final é uma promessa dada àqueles e àquelas que permanecem

firmes e perseverantes no seguimento de Jesus. Tal promessa pode ser interpretada no sentido escatológico, como recompensa prometida aos justos ou aos mártires – a saber, a ressurreição dos mortos –, ou pode ser entendida como a vida cristã, que é a participação no mistério pascal de Cristo. Assim, os batizados terão o mesmo destino de Jesus, dado que segui-lo não os isenta das dificuldades e do sofrimento, porém carregam a certeza de que o Reinado de Deus já se faz presente em seu meio.

3. II leitura: 2Ts 3,7-12

Como sabemos, a segunda carta aos Tessalonicenses foi escrita por um discípulo de Paulo, apesar de ser atribuída a esse apóstolo, e traz um tema que Paulo aborda na primeira carta aos Tessalonicenses: o trabalho. Tal tema é característico dessa comunidade, pois reflete um conflito presente em seu interior. Esse conflito surgiu quando alguns membros da comunidade abandonaram suas atividades após ouvirem falar sobre a vinda imediata do Senhor, chegando a ponto de viverem à custa dos outros e incomodarem a comunidade com argumentos banais que, provavelmente, justificavam sua opção. Por isso, o autor afirma: “Ouvimos dizer que entre vós há alguns que vivem à toa, muito ocupados em não fazer nada” (v. 11).

Não obstante, é importante ressaltar que o trabalho, na sociedade greco-romana, era visto como algo desprezível, constituindo uma tarefa própria dos escravos, e não do homem livre. O autor apresenta Paulo como modelo de trabalhador e de apóstolo. Afirma-se, assim, que o trabalho manual não é algo desprezível e que, por meio de um trabalho justo, é possível ter acesso aos bens. Desse modo, os fiéis devem ganhar o próprio sustento e não se aproveitar da solidariedade dos irmãos da comunidade. Ao mesmo tempo, o texto



confirma que a espera pela vinda do Senhor deve ser ativa, marcada pela caridade, pela justiça, pois a vinda esperada, o fim dos tempos, a parusia, será a plenificação da comunhão já vivida entre os membros da comunidade e com os outros irmãos e irmãs.

III. Pistas para reflexão

As leituras e a celebração do dia mundial dos pobres nos oferecem várias dicas para reflexão. A I leitura nos chama a atenção para a tentação de desvincularmos o culto da vida, de acusarmos Deus pela injustiça e não assumirmos nosso compromisso com a justiça social, não ouvindo os apelos à conversão. Outra tentação é desanimarmos e, diante das exigências da ética cristã, perguntarmos se vale ou não a pena seguir Jesus de Nazaré.

Uma realidade que também deve nos interpelar, ao ouvirmos as leituras deste dia, é a do trabalho. Não estamos no mesmo contexto da segunda carta aos Tessalonicenses, mas é necessário refletirmos sobre essa realidade neste dia mundial dos pobres. A exploração no trabalho é uma das denúncias frequentemente presentes nos discursos do papa Francisco. Para o papa, essa exploração é uma das causas da desigualdade e da exclusão social. Assim, surge a necessidade de refletirmos sobre o trabalho e, também, sobre a solidariedade. Para tanto, é importante recordar as propostas de atividades da Cáritas Brasileira, elencadas no Manual da Campanha da Fraternidade de 2019, para celebrar o dia mundial dos pobres, que podemos sintetizar nas seguintes: promover as ruas solidárias (como mutirão de cidadania, arrecadação de alimentos e outras iniciativas); visitar e criar atividades em orfanatos, abrigos, asilos, presídios, hospitais; criar e realizar círculos bíblicos sobre o tema do trabalho e questões sociais; rezar pelos empobrecidos; promover rodas de reflexão sobre questões sociais relacionadas às desigualda-

des sociais e incentivar as mesas fraternas, ou outras atividades concretas relacionadas às políticas públicas (cf. CNBB. *Manual da CF-2019: Fraternidade e Políticas Públicas*. Brasília: CNBB, 2018. n. 254 a 261).

CRISTO, REI DO UNIVERSO

24 de novembro

“Senhor, lembra-te de mim, quando entrares em teu reinado” (Lc 23,42)

I. Introdução geral

Hoje celebramos a solenidade de Cristo Rei do Universo e o último domingo do ano litúrgico. A I leitura nos narra a unificação do Reino de Israel por meio de Davi, e as características do líder que cumpre a vontade de Deus. No evangelho, contemplamos a realeza de Cristo, a qual se revela na fidelidade de Jesus ao Reino do Pai e na sua total doação na cruz. Sua realeza unifica toda a humanidade, alcançando a salvação para todos. Essa unidade é sintetizada no hino cristológico de Cl 1,12-20, ao apresentar Cristo como o princípio unificador da criação, como o reconciliador, como o Senhor da Igreja; enfim, como a plenitude da revelação e da soberania de Deus.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: 2Sm 5,1-3

Depois da morte de Saul, Davi é ungido rei sobre Judá (Reino do Sul), residindo em Hebron (cf. 2Sm 2,1-4). O texto escolhido para a liturgia deste domingo, 2Sm 5,1-3, narra a unção de Davi como rei e o reconhecimento de seu reinado sobre as tribos de Israel (Reino do Norte). Esse é um dos



acontecimentos fundamentais da história de Israel, pois, com essa unção, temos o cumprimento da promessa da unificação de todo o povo (cf. 1Sm 16,1.13).

O texto se inicia dizendo que o povo do Reino do Norte se apresentou a Davi para expressar o desejo de se unir a ele. No diálogo entre as tribos de Israel e Davi, são delineadas as características fundamentais do verdadeiro líder. A primeira característica consiste em saber liderar o povo e ajudá-lo a libertar-se de seus sofrimentos ou de alguma situação de opressão. Nesse sentido, o rei é aquele que julga com justiça (cf. Ez 34,17.20.22) e luta pelos anseios do povo. O segundo aspecto presente no texto é que o rei deve apascentar. O verbo “apascentar”, “pastorear”, e o substantivo “pastor” são carregados de significados no Antigo Testamento. Esse verbo geralmente é utilizado para designar os dirigentes do povo, o rei ideal (cf. Jr 23,18), o futuro rei messiânico (cf. Sl 78; Ez 37,24) ou o próprio Deus (cf. Sl 23,1; Is 40,11; Jr 31,9). Também é utilizado em Ez 34 para denunciar os falsos pastores. A primeira característica do pastor, na literatura bíblica, é “guiar”, “conduzir” o povo ao bom caminho (cf. Eclo 18,13), para que possa suprir suas necessidades. Nessa perspectiva, temos a segunda função do “pastor” ou do líder, que é prover o necessário para a vida do rebanho (cf. Sl 23; Is 40,11; Ez 34,17.20.22) e reuni-lo. Isso indica que não somente Deus provê e reúne, mas também os dirigentes, a fim de cuidar do seu rebanho. Portanto, o rei é aquele que não só se preocupa com a realidade do povo (cf. Ez 34) – tendo, porém, a consciência de que o povo não lhe pertence (cf. v. 2b), mas pertence a Deus –, como também sabe delegar, partilhando seu poder com as outras lideranças (cf. v. 3).

2. Evangelho: Lc 23,35-43

Em Lc 23,35-43 há a narrativa da crucificação, a reação dos chefes e dos solda-

dos e o diálogo de Jesus com os malfeitores crucificados com ele (vv. 39-43). Em Lc 23,35, o autor apresenta os chefes, que, apesar de reconhecerem o poder de Jesus como taumaturgo (“a outros salvou”, v. 35), zombam dele, por não compreenderem o verdadeiro sentido de suas ações salvíficas e sua fidelidade ao projeto do Pai, a qual se manifesta justamente na opção por não salvar a si mesmo.

Os soldados também caçoam de Jesus, sobretudo do seu título de rei e do seu messianismo, por entenderem como rei e Messias aquele que tem poder de realizar ações em benefício de si mesmo, para satisfazer os próprios interesses. Esse modo de pensar é diferente do conceito e da postura de rei, adotados por Jesus. O verdadeiro Messias, rei de Israel, entende-se como aquele que entrega a vida em favor das pessoas. Este é o verdadeiro significado da festa que recordamos nesta liturgia: Cristo Rei do Universo é aquele que doa a vida e, com sua vida doada, unifica toda a humanidade.

Após a reação dos chefes e dos soldados, temos o diálogo com os malfeitores que sofrem a mesma condenação de Jesus, a crucificação. O primeiro malfeitor repete o escárnio dos chefes, pondo em dúvida o messianismo de Jesus. O segundo inicia sua fala apresentando a necessidade de temer a Deus e compreender a manifestação divina naquele que está sendo crucificado com eles, pois este é o verdadeiro enviado de Deus, o seu Filho, o Messias. Nesse diálogo, o segundo malfeitor declara a inocência de Jesus e reconhece sua realeza, desprezada pelos chefes e soldados. Trata-se de realeza que não segue os moldes dos grandes impérios – os quais massacram o povo para fazer prevalecer os próprios interesses –, mas se revela na salvação da humanidade. Essa salvação não consiste numa intervenção espetacular, mas na manifestação de poder mediante a total doação da própria



vida, na entrega em favor dos irmãos. É com base nessa compreensão que o segundo malfeitor professa a fé na ressurreição e no triunfo do Reinado de Deus, ao pedir que Jesus se recorde dele quando entrar no seu Reinado. É também o momento de reafirmar a fidelidade de Deus em cumprir as promessas e manter a aliança estabelecida com o povo (cf. Lc 1,72). Tal malfeitor esperava uma salvação futura, no fim dos tempos, mas Jesus lhe garante que a salvação já está presente. Desse modo, o chamado “bom ladrão” se apresenta como o protótipo daquele que percebe que, com Jesus, se inaugura a manifestação do Reinado, da soberania de Deus. Por isso, o estar com Jesus “hoje no paraíso” não pode ser interpretado como algo futuro, como a ressurreição no fim dos tempos, mas o paraíso é o reconhecimento do Reino inaugurado na encarnação de Jesus (cf. Lc 2,22), no seu ministério público, por meio de suas palavras e gestos (cf. Lc 4,21). O paraíso significa, portanto, essa comunhão com o projeto de Cristo (“estarás comigo”, v. 43). O texto também reafirma que a salvação é dada a todos, basta acolhê-la.

Ao concluir, podemos dizer que o segundo malfeitor declara a vitória sobre a morte, pois, ao contemplar Jesus crucificado, professa a fé no triunfo da vida e na soberania divina.

3. II leitura: Cl 1,12-20

A carta aos Colossenses foi escrita por algum discípulo de Paulo, sendo considerada, portanto, deuteropaulina. Colossas era uma pequena cidade na Ásia Menor. Na comunidade, formada praticamente por pessoas provenientes das religiões pagãs e da cultura judaica, prosperavam algumas concepções não condizentes com o seguimento de Jesus. Uma delas é que Jesus seria inferior aos anjos, pois os anjos sempre permaneceram diante do trono de Deus, enquanto Je-

sus assumiu a condição humana. Eles também acreditavam que os anjos e as forças cósmicas tinham um papel fundamental no destino das pessoas. Por isso, era necessário realizar várias práticas religiosas, como a observância das leis relativas aos alimentos, jejum, práticas ascéticas, para garantir a benevolência desses seres considerados celestes.

O hino descrito em Cl 1,12-20 provavelmente provém da liturgia batismal. No contexto da comunidade de Colossas, ele ilumina o cristão e o ajuda a se orientar em direção ao Reinado de Deus, do qual é participante por meio do batismo.

Podemos dividir o hino em três partes. A primeira apresenta Cristo como a imagem de Deus e como o primogênito da criação (cf. vv. 15-16). Desse modo, Cristo Jesus é o princípio unificador da realidade cósmica com a humana. É ele que unifica toda a obra de Deus, pois é o mediador da criação, o reconciliador e salvador. O autor, portanto, afirma que Cristo é a plenitude do divino e do humano, e todos os chamados seres intermediários entre Deus e a humanidade (tronos, dominações, soberanias, poderes, anjos) submetem-se ao seu poder. Assim, a salvação é obtida por meio da fé em Jesus Cristo, pois ele é o centro da criação, o fundamento da história da salvação, a revelação do Deus invisível, o primogênito da criação. A segunda parte confirma a soberania de Cristo sobre todas as criaturas (cf. vv. 17-18a). Também indica que ele é o Senhor da Igreja e esta se encontra sob sua autoridade. Na terceira parte, o autor declara que Cristo é o primogênito dos mortos, pois foi o primeiro a ressuscitar e é o fundamento da ressurreição. Enfim, Cristo é o lugar no qual a plenitude de Deus se manifesta, é a plenitude da revelação divina e o princípio vital que gera a vida nova entre os cristãos. Assim, a vida e o destino dos cristãos dependem da fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, o Ressuscitado, o Messias.

III. Pistas para reflexão

Ao celebrar Cristo Rei do Universo, somos convidados a contemplar a realeza de Jesus narrada pelo evangelista Lucas, deixar-nos afetar pela forma surpreendente com que Deus mostra seu poder e ver o que essa revelação da majestade divina sugere ao nosso modo de viver como cristãos. Outros temas que perpassam as leituras, além da soberania e da majestade de Deus, são a unificação dos povos (I leitura), a reconciliação (II leitura), a experiência da misericórdia de Deus ao contemplar Jesus crucificado e a fidelidade de Jesus ao projeto do Pai (evangelho). Isso nos aponta uma das características fundamentais do Reinado de Deus: a comunhão e a certeza da vitória da vida. Considerando as várias reações das pessoas diante de Jesus crucificado, também podemos nos questionar: qual é minha concepção da realeza de Jesus? Assemelha-se à dos chefes e dos soldados – ou seja, aquela que se expressa no “salvar a si mesmo” – ou é análoga àquela manifestada na prática de Jesus, como expressão da fidelidade ao projeto do Pai? Na solenidade de Cristo Rei, o que significa testemunhar o Reinado de Deus, que se manifesta na comunhão e na reconciliação? Jesus Cristo é o Senhor da minha vida e da vida da minha comunidade?

1º DOMINGO DO ADVENTO

1º de dezembro

**“Ficai atentos,
porque não sabeis
em que dia virá o
Senhor”** (Mt 24,42)

I. Introdução geral

No primeiro domingo do Advento (Ano A), as leituras nos convidam a depositar

Por uma Igreja do Reino

Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial

Adriano Sella



“Menos mestres, mais testemunhas; menos livros religiosos, mais Bíblia.” Eis algumas pistas que o autor deste livro sugere, com a preocupação de promover no interior da Igreja a renovação que muitos invocam. Das reflexões aqui presentes, nasceu um percurso em que o leitor, passo a passo, é colocado diante da realidade eclesial de hoje, sentindo-se estimulado a dar sua contribuição para a renovação da mensagem.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



toda a nossa confiança e esperança no Senhor. O profeta Isaías anuncia a peregrinação de todas as nações para Sião, a fim de serem conduzidas por Deus pelo caminho da justiça e da paz. O salmista canta a alegria do povo por ir à casa do Senhor, pois somente Ele é capaz de nos conceder a salvação. As outras duas leituras (II leitura e evangelho) mostram-nos a imprevisibilidade da vinda de Jesus e da salvação definitiva. O “quando” está reservado a Deus Pai, a nós é solicitada uma espera vigilante. Por isso, Paulo nos convida a ficar despertos, pois precisamos estar preparados para esse encontro definitivo com o Filho do homem, despojando-nos de tudo que nos afasta de Deus (a idolatria e a injustiça) e sendo verdadeiramente filhos da luz.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Is 2,1-5

O profeta Isaías (o Primeiro Isaías) provavelmente atuou entre os anos 731 e 701 a.C. no Reino de Judá. Nesse período, Judá passava por grande crise política, econômica e social (cf. Is 1-39). Essa crise foi gerada pela proliferação da injustiça, pela desonestidade de suas lideranças, pela opressão por meio dos impostos e da exploração do trabalho, pelo culto desvinculado da vida e pelas alianças firmadas com as grandes potências, afastando-se da aliança realizada com o Senhor.

O texto da liturgia é extraído do início do livro do profeta Isaías. O v. 2 insiste sobre a questão do tempo, um tempo favorável no qual todos os povos peregrinarão ao monte Sião – onde foi construído o Templo de Jerusalém –, não para participarem do culto religioso de Israel, mas para serem guiados por Deus pelos caminhos da justiça e conhecerem seus preceitos. Ele será o juiz que, tendo como função estabelecer a paz, transformará as armas de guerra em instru-

mentos para cultivar a terra e torná-la fecunda, plena de vida. Ele transformará as relações entre os povos e fará prevalecer a justiça, a paz, o desarmamento, o bem-estar de todos, a vida digna para todos.

2. II leitura: Rm 13,11-14a

O texto de Romanos está inserido nas exortações descritas nos capítulos 12 e 13 e tem como finalidade explicitar a motivação cristã da obediência. Desse modo, Paulo ressalta a seriedade do tempo que o cristão e a cristã experimentam, pois é o tempo favorável, anunciado pelos profetas. De fato, a salvação anunciada tornou-se realidade na adesão a Jesus por meio da fé e do batismo, ao qual o apóstolo se refere ao falar de “revestir-se de Cristo” (v. 14a). Assim, todo agir cristão deve ser perpassado por essa experiência batismal, pela experiência de seguimento de Jesus Cristo e pela decisão de se deixar guiar pelo Espírito.

Paulo convida os cristãos a despertar, tendo como motivação a proximidade da salvação. Assim, o apóstolo indica a necessidade de ler o presente à luz da experiência batismal e de assumir nova vivência ética (“vistamos as armas da luz”, v. 12). As ações ligadas às trevas são aquelas presentes nos cultos considerados idolátricos (bebedeiras, orgias sexuais), mas também a prática da injustiça (imoralidades, brigas e rivalidades). Por conseguinte, o cristão é chamado a cumprir aquilo que é anunciado no texto de Is 2,1-5: transformar as armas de guerra em armas de luz, o que significa humanizar as relações em todos os níveis.

3. Evangelho: Mt 24,37-44

O texto do evangelho é um trecho do chamado discurso escatológico. Os discursos escatológicos presentes em Mt 24-25 tratam de dois temas: 1) a destruição do Templo e de Jerusalém; 2) a vinda do Filho do homem e a necessária vigilância, pois



desconhecemos quando esse evento irá acontecer. A linguagem apocalíptica, presente no texto, é utilizada em contextos difíceis, como é o do Evangelho segundo Mateus, escrito por volta do ano 85 d.C., após a Guerra Judaica e a destruição de Jerusalém e do Templo, sendo um tempo marcado por conflitos entre os judeus e os seguidores de Jesus Cristo.

A passagem escolhida para a liturgia inicia-se mencionando a imprevisibilidade da vinda do Filho do homem, ao compará-la com a situação no tempo de Noé, dado que ninguém esperava pelo dilúvio, somente o patriarca justo (cf. Gn 6,9; 7,1). Por ser uma vinda imprevisível, o evangelista resalta a importância da vigilância, pois não sabemos quando será o dia ou a hora. Essa data está nas mãos do Pai, porém temos a certeza de que o “Filho do homem” virá.

As imagens do dono da casa e do ladrão (cf. vv. 43-44) reforçam o tema da vigilância e da imprevisibilidade. Assim, a comunidade cristã é chamada a estar sempre atenta e pronta para acolher esse momento definitivo. Provavelmente, a intenção desses discursos é ajudar as comunidades cristãs a avaliar a realidade de conflitos que está vivendo, a animá-las para não desistirem do projeto de Deus e continuarem testemunhando a opção pelo Reino dos Céus. Portanto, mira-se o objetivo de sustentar a esperança cristã, alimentar a fé na vinda definitiva do “Filho do homem” e reforçar a necessidade de constante discernimento e conversão, tendo sempre presente, mesmo nas atividades cotidianas, o compromisso com a construção do Reinado de Deus.

III. Pistas para reflexão

A Federação Bíblica Católica Internacional (Febic) nos convida a celebrar o Ano da Palavra de Deus, com início neste primeiro domingo do Advento e com término no dia 30 de setembro de 2020, tendo

como motivação a comemoração do aniversário de morte de São Jerônimo (1.600 anos). Jerônimo foi o tradutor dos textos bíblicos em grego, aramaico e hebraico para o latim, trabalho que deu origem à chamada Vulgata. O cardeal Luis Antonio G. Tagle, responsável pela Febic, ao repetir as palavras do papa Francisco, diz: “Esperamos que, nesse ano dedicado à Palavra de Deus, possamos renovar nossos esforços em torno da Palavra de Deus, centro da vida e da missão da Igreja (EG 174)”. Portanto, que possamos promover iniciativas para que a Sagrada Escritura seja a fonte da evangelização e possa ser ouvida, vivida, celebrada e testemunhada.

Ao iniciar novo ano litúrgico, somos convocados para a vigilância. Diante das leituras, podemos nos perguntar: qual é nossa peregrinação? Qual desejo nos faz mover? Somos movidos para qual meta? Verdaderamente procuramos trilhar os caminhos do Senhor? O que produz trevas ou luz em nossa vida? Quais sombras nos impedem de caminhar e quais luzes nos guiam? Na comunidade, na família, nas atividades cotidianas, somos testemunhas da luz, que é o próprio Cristo? Quais atividades nossa comunidade assumirá para celebrar o Ano da Palavra de Deus e a celebração de aniversário de morte de São Jerônimo?

3º DOMINGO DO ADVENTO

15 de dezembro

**“Crai ânimo,
não tenhais medo!”**
(Is 35,4)

I. Introdução geral

“Alegre-se a terra que era deserta e intransitável, exulte a solidão”: essa é a mensagem de esperança que ecoa neste terceiro domingo do Advento (I leitura),



o domingo da alegria. Alegria que nasce da certeza de que o próprio Deus nos salvará, da percepção dos sinais do Reinado de Deus nos gestos libertadores de Jesus e no anúncio da Boa-Nova aos pobres (evangelho). Alegria que é sustentada pela certeza da vinda do Senhor. Para vivermos este tempo novo do Reino e da graça, somos convidados também a exercitar a audácia profética de João Batista (evangelho), buscando discernir os sinais divinos mesmo em meio aos conflitos, cultivar a comunhão e viver a alegria de experimentar o grande amor de Deus, que sempre nos exorta a criar ânimo e não ter medo.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Is 35,1-6a.10

O texto de Is 35 faz parte do primeiro livro de Isaías (1-39), porém tem grande afinidade com o Dêutero-Isaías (40-55). A alegria por causa da salvação realizada por Deus é o tema central dessa passagem. O autor convida os exilados, que estão desanimados e sem esperança, a confiar no Senhor, pois ele intervirá e a terra será transformada, gerando a alegria em toda a criação. Essa salvação não se restringe à libertação do exílio na Babilônia, mas envolve a participação na nova criação realizada por Deus e a libertação de tudo aquilo que oprime as pessoas. Os verbos utilizados para expressar a alegria (cf. v. 10) são típicos dos anúncios de salvação. De fato, essa salvação é anunciada nos versículos anteriores. O primeiro verbo, “cantar os louvores” (v. 10), é próprio do contexto cultural. Tal expressão geralmente remete à alegria pelo retorno do exílio e tem, como contexto, a confirmação da soberania divina; ao mesmo tempo, cria a expectativa pela imediata irrupção do reinado universal de Deus, como podemos perceber em todo esse trecho de Is 35, no qual se fala da majestade e da glória divina (cf. v. 2).

A majestade divina é manifestada nas ações salvíficas de Deus, principalmente contra os adversários de Israel, conforme é expresso no v. 4. Por isso, o povo é exortado a “criar ânimo” e a “não temer”. É convidado a confiar na presença, proteção e ação salvífica de Deus, o aliado do povo, sobretudo das pessoas mais vulneráveis (cf. vv. 5-6).

2. Evangelho: Mt 11,2-11

Mateus 11 pertence ao bloco das narrativas que têm como tema a rejeição do messianismo de Jesus. Percebe-se uma afinidade entre a I leitura e o evangelho. Na I leitura, o profeta anuncia a promessa de uma transformação na natureza e da manifestação da salvação de Deus, sobretudo aos mais vulneráveis. No evangelho, essa promessa se cumpre em Jesus Cristo, o verdadeiro Messias enviado por Deus. Outro tema retomado no elogio de Jesus a João Batista é o ser profeta.

O evangelista enfatiza a dúvida de João Batista sobre a identidade de Jesus, ao mostrar o profeta enviando discípulos para obter uma confirmação, dado que estava preso e sua descrição do Messias era conforme as expectativas apocalípticas. Jesus não responde simplesmente à pergunta que lhe foi feita, mas elucida os sinais da manifestação do Reino de Deus, retratado em seu ministério misericordioso e dirigido aos marginalizados. Tais sinais se evidenciam ao libertar as pessoas das suas enfermidades, dos seus males, ao restaurar a vida e anunciar a Boa-Nova da libertação aos pobres. Essa resposta também indica que acreditar no Messias não consiste em saber quem ele é ou ter um conhecimento intelectual sobre Jesus, mas em contemplar a manifestação do Reinado de Deus entre os mais pobres. Desse modo, as palavras e gestos de Jesus atestam sua identidade e sinalizam o cumprimento da justiça de Deus, a qual se expressa na



benevolência, na misericórdia e na compaixão do Messias para com os marginalizados, os pobres, os aflitos, os sem vida. É a manifestação das bem-aventuranças.

Jesus termina seu discurso proclamando uma bem-aventurança: “Feliz aquele que não se escandaliza por causa de mim”. Quem é esse? É aquele que se abre à manifestação do Reino de Deus em Jesus Cristo. Feliz é aquele que não se escandaliza nem tenta fazer que o Reino de Deus seja moldado segundo seus interesses e critérios ou se ajuste às expectativas messiânicas triunfalistas, mas está disposto a acolher o projeto do Pai, que nos surpreende, nos desacomoda, pois não segue os critérios humanos.

Os discípulos de João partem para informá-lo sobre a identidade de Jesus, o qual, agora, passa a desvelar a identidade do Batista diante das multidões (cf. vv. 7-10), pois compreender a identidade e a missão desse profeta significa entender a identidade e a missão de Jesus. Nesse discurso, Jesus afirma que a missão de João Batista é preparar o caminho para a vinda do Messias. As perguntas e imagens empregadas por Jesus para descrever a identidade de João Batista (“Que saístes para ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? [...] Alguém vestido em roupas finas?”) remetem-nos ao início do Evangelho segundo Mateus, que apresenta as pessoas indo para o deserto a fim de ouvir a exortação de João. Ele pregava a necessidade do arrependimento para acolher a vinda do Messias, indicando que essa preparação já testemunhava que o Reino vindouro não se adequava às expectativas da sociedade daquele tempo. De fato, a postura profética de João acenava para um Reino voltado para os pobres, marcado pela presença misericordiosa de Deus e anunciado por alguém que tinha convicção e autoridade, porque realmente vivia aquilo que anunciava e não era um “caniço agitado pelo vento”. Essas descri-

ções entram em contraste com a imagem de Herodes Antipas, que tenta abafar a profecia de João, assassinando-o.

Em conclusão, Jesus diz que João Batista é mais do que um profeta, por ser escolhido por Deus para realizar sua vontade – preparar os caminhos para a vinda do verdadeiro Messias (cf. Ml 3,1 e Ex 23,20). E é também o maior dos homens, porque soube ser o menor, estar a serviço, doar a vida e realizar a missão dada por Deus. Assim, João Batista preparou o caminho para a epifania da obra salvífica de Deus, a qual se manifestou por meio dos gestos libertadores de Jesus.

3. II leitura: Tg 5,7-10

A carta de Tiago, presente no Novo Testamento, faz parte das “cartas católicas”, chamadas assim por conterem uma mensagem para todos. O autor da carta exorta os batizados a assumir certas atitudes antes da vinda do Senhor. A primeira é a espera paciente, confiando na ação de Deus. Essa espera não é passiva, mas consiste numa fidelidade ativa. Para ilustrar, o autor se serve da imagem do agricultor. O agricultor faz sua parte, dá sua contribuição; sabe, porém, que quem faz crescer a semente e nascer o fruto é o próprio Deus. Outra mensagem que podemos tirar da imagem agrícola utilizada pelo redator é que Deus não abandona seu povo nos momentos de maior dificuldade; julgará com justiça e dará ao seu povo o que é necessário para viver (chuvas de outono ou de primavera – cf. Dt 11,14; Jr 5,24; Jl 2,23), mas é importante este ter paciência e ouvir os sinais dos tempos, para poder julgar com sabedoria.

A segunda atitude é ter os corações fortalecidos, isto é, saber discernir, decidir com prudência e ser perseverantes no caminho assumido, mesmo diante dos conflitos e do sofrimento. A expressão “a vinda do Senhor está próxima” (v. 8) pode ser interpretada como a vinda do Senhor no fim



dos tempos, na parusia, mas também como a intervenção de Deus na história, tal como anunciavam os profetas e se manifestou na vida de Jesus Cristo (cf. Am 1,2-2,16; 3,1-8; Ml 3,1; Is 35,4).

A terceira atitude incentivada pelo autor da carta é a comunhão e o viver com alegria, ajudando o outro em sua caminhada, não julgando, pois o julgar pertence a Deus, o justo juiz. Por fim, exorta-se o/a batizado/a a ter audácia profética e ser mensageiro/a da ação salvífica de Deus.

III. Pistas para reflexão

A liturgia deste terceiro domingo do Advento nos impele a nos alegrarmos e a não ter medo diante das dificuldades, pois a vinda salvadora de Deus transforma todo o universo, liberta o povo do cativo e se manifesta na ação libertadora de Jesus. Além de acolhermos o convite à alegria pela imensa manifestação da bondade e da ternura de Deus, somos convidados a nos perguntar: para nós, que importância tem a resposta dada por Jesus aos discípulos de João Batista? Que Boa Notícia nos traz? Das atitudes elencadas na carta de Tiago, qual nos chama mais a atenção? Como estamos preparando o coração para celebrar a encarnação de Jesus na celebração do Natal que se aproxima?

4º DOMINGO DO ADVENTO

22 de dezembro

“O Emanuel, o Deus conosco!” (Lc 1,23)

I. Introdução geral

Neste quarto domingo do Advento, somos convidados a refletir sobre a identidade de Jesus. Assim, é-nos oferecida uma síntese de toda a história de Cristo, de sua

encarnação até sua ascensão (II leitura). O evangelho faz uma releitura cristológica de Is 7,14 (I leitura) para confirmar que Jesus cumpre as promessas anunciadas pelos profetas. Nele deparamos com a docilidade de José, que acolhe o projeto de Deus, e somos informados sobre a missão de Jesus: “salvar seu povo de seu pecado” e ser a revelação da presença constante de Deus em nosso meio (Emanuel).

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Is 7,10-14

Esse oráculo situa-se em torno do ano 734 a.C., no reinado de Acáz. Nesse período, o rei de Israel (Reino do Norte) uniu-se ao rei de Aram para tomar Jerusalém, que pertencia ao Reino do Sul. Essa guerra foi chamada Siro-Efraimita. A provável tomada de Jerusalém trazia consequências não somente políticas e sociais, mas sobretudo religiosas, pois cairia por terra a promessa da presença de Deus em Jerusalém, feita a Davi. Em meio a essa realidade de tensão, surge a pergunta: Deus realmente estava com o povo de Judá ou o havia abandonado? Diante da dúvida, Judá tenta fazer aliança com a Assíria, sendo criticado pelo profeta Isaías, visto que a única esperança era confiar na aliança estabelecida com Deus.

O rei Acáz é incitado pelo profeta e por Deus a pedir um sinal, que poderia ser “proveniente da profundidade da terra, como das alturas do céu” (v. 11) – ou seja, ter qualquer amplitude, sem restrição. O rei recusa-se a pedir um sinal que confirmasse a proteção de Deus e a fidelidade dele às promessas, tentando mostrar, por meio dessa recusa, que era temente ao Senhor. Isaías o desmascara, desvelando a inconfiabilidade do rei, dado que este adorava outros deuses e havia até mesmo sacrificado seus filhos aos ídolos (cf. 2Rs 16,1-4). Deus, contudo, por meio do profeta, confirma sua proteção e



seu sinal, que será um evento: o nascimento de um descendente de nome Emanuel. Esse sinal foi objeto de várias interpretações. Alguns afirmam que seria o nascimento de Ezequias, o filho de Acaz, pelo fato de esse herdeiro ter sido um bom rei, verdadeiro monarca religioso que devolveu a esperança ao povo. Outros sustentam que seria o filho do profeta Isaías com a mulher mencionada em Is 8,3. Há comentadores que dizem se referir a algum acontecimento, ocorrido durante a Guerra Siro-Efraimita, que dava esperança ao povo e a certeza da presença de Deus. Por fim, há aqueles que interpretam o sinal como uma referência a Jerusalém e à certeza da continuidade da dinastia davídica, porque Deus protegerá sua cidade e seu povo.

O nome “Emanuel” expressa esperança e comprova a presença de Deus no meio de seu povo. Na tradução grega (Septuaginta) e, posteriormente, na tradução latina (Vulgata), a palavra “jovem” (v. 14) é traduzida por “virgem”, facilitando a identificação com Maria. As comunidades cristãs, ao relerem esse texto profético, afirmam referir-se à vinda do Messias, como constataremos no trecho do evangelho escolhido para esta liturgia.

2. Evangelho: Mt 1,18-24

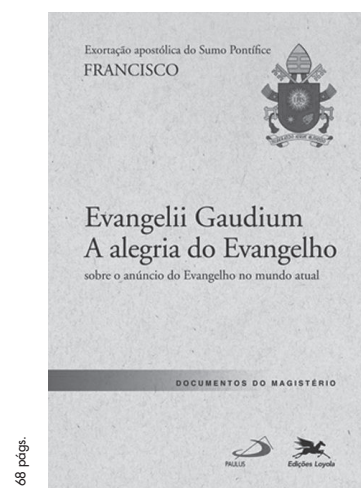
O tema central de Mt 1,18-24 é a identidade de Jesus, partindo de sua origem humana e divina. Essa narrativa pode ser chamada de anunciação do nascimento de Jesus a José. Ela vem após a genealogia, na qual Mateus afirma que Jesus é “filho de Davi” e “filho de Abraão”. Nesta, realça-se a natureza humana de Jesus, que faz parte da tradição judaica e é da descendência davídica. Já o relato desse dia visa explicitar a filiação divina de Jesus.

Estabelecendo uma conexão com o texto da genealogia, ao utilizar a expressão “a origem de Jesus Cristo” (v. 18), o evangelista nos informa que Maria era noiva de José.

Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho – Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual

Exortação apostólica do Sumo Pontífice Francisco

Papa Francisco



168 págs.

A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele e são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior e do isolamento. Papa Francisco quer, com esta Exortação, dirigir-se aos fiéis cristãos, a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por essa alegria, além de indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Na tradição judaica, o noivado já constituía um compromisso definitivo, por isso Maria era considerada desposada por José, embora ainda não vivessem juntos. Após esse dado, o autor relata que Maria estava grávida e, assim, poderia ser repudiada pelo noivo e ser considerada adúltera. José inicialmente pensa em abandoná-la, mas, em sonho, é-lhe enviado um mensageiro que afirma ser a gravidez de Maria uma ação do Espírito Santo. O Espírito, portanto, torna-se o agente principal na geração do Filho de Deus (cf. v. 18), confirmando a filiação divina de Jesus.

Quando o anjo chama José, ficamos sabendo que este é descendente de Davi. Tal dado é importante, pois José, ao acolher Jesus como filho, lhe dará a ascendência davídica (cf. v. 21), cumprindo a promessa pronunciada pelo profeta Natã em 2Sm 7,8-17. Também é anunciada a missão específica de Jesus – “salvar o povo do pecado” (v. 21). Jesus será aquele que estabelecerá uma nova aliança entre Deus e o povo. Mateus, portanto, harmoniza o título “filho de Davi” com a filiação divina.

No final desse trecho, temos a citação de Is 7,14, presente na I leitura. Nota-se uma releitura cristã da profecia de Isaías, baseando-se na tradução grega. Mateus se serve dessa citação para comprovar não a virgindade de Maria, e sim a filiação divina de Jesus e sua descendência davídica, confirmando-o como o Messias prometido pelos profetas. De fato, a concepção virginal, para Mateus, é o cumprimento do plano de Deus, explicitado por meio dos profetas.

Sua designação como “Emanuel” significa que Jesus será a revelação da presença de Deus no meio do povo. Ao unir a filiação divina, a genealogia de Jesus e a ascendência davídica, o evangelista confirma que Deus não abandonou a humanidade, mas está presente com seu amor e benevolência, e a salvação realizada por meio de Jesus Cristo será oferecida a todas as nações.

3. II leitura: Rm 1,1-7

O cabeçalho da carta aos Romanos contém o remetente, Paulo, designado pelo título de apóstolo por vocação, cuja missão é anunciar o evangelho de Deus: Jesus Cristo. Após longa descrição do remetente e sua missão, são mencionados os interlocutores e conclui-se com a saudação inicial, típica de Paulo: “graça e paz” (v. 7).

Nesses versículos, o apóstolo expõe o significado da expressão “evangelho de Deus” (v. 1), apresentando também os temas que serão desenvolvidos no decorrer da carta, escrita a uma comunidade que ele não conheceu pessoalmente. Paulo se autodenomina servo de Jesus Cristo, título dado aos grandes personagens do AT, como Moisés, Josué, Davi e os profetas. Na tradição paulina, contudo, todo cristão é servo de Cristo, pois exprime a pertença total a ele, estando totalmente ao seu serviço. Paulo também se considera apóstolo, porque foi chamado, escolhido e consagrado por Deus (cf. Gl 1,11-17; 1Cor 9,1; 15,10) para anunciar que o Messias esperado e anunciado pelos profetas é Jesus, descrito como a Boa-Nova (evangelho) de Deus. O termo “evangelho” era utilizado para anunciar o nascimento de um descendente da realeza ou a vitória em determinada guerra. No Dêutero-Isaías, a Boa-Nova é a intervenção de Deus na história, por meio de seus prodígios, a fim de salvar seu povo; o termo é utilizado para anunciar o retorno dos exilados e a restauração da comunidade, após o exílio. Essa intervenção na história, em Romanos, dá-se na encarnação do Filho, no envio do Messias da descendência de Davi, visto que José acolhe Jesus como filho, apesar de ele ser Filho de Deus (cf. Mt 1,21.25). O Messias proveniente da dinastia davídica era algo presente nas expectativas messiânicas, sobretudo do Reino do Sul. No final do v. 4, temos uma menção à morte, à ressurreição e à soberania de Jesus ao retornar para o Pai. Paulo, portanto, sintetiza toda



a missão de Jesus, desde a encarnação até o seu retorno ao Pai, pelo poder do Espírito.

O apóstolo afirma ainda que sua missão é anunciar o Messias Jesus entre os gentios. Assim, a salvação trazida por Jesus é universal. É dada a todos, mas cada um é chamado a acolhê-la. A referência à “santidade” deve ser entendida como um processo que se desenvolve na vida do batizado, à medida que vai se conformando à imagem do Filho de Deus, o Messias Jesus.

Paulo termina com a saudação que encontramos em todas as cartas: “graça e paz”. Essa saudação expressa a gratuidade do amor do Pai, que envia seu Filho para revelar sua benevolência (graça) e a paz, um dos dons messiânicos prometidos por Deus por meio dos profetas.

III. Pistas para reflexão

Celebrar o Advento é celebrar a primeira vinda de Jesus, pois, para nós, cristãos, ele já veio e inaugurou seu Reino entre nós. A certeza da encarnação de Jesus renova nossa esperança em sua vinda definitiva no fim dos tempos. Neste último domingo do Advento, somos também interpelados a responder: quem é Jesus Cristo para nós? Sua mensagem é Boa Notícia em nossa vida? O que significa ser dócil à vontade de Deus? O que significa afirmar que Jesus é o Deus conosco?

NATAL DO SENHOR – Missa da noite
24 de dezembro

“Hoje nasceu para vós um Salvador” (Lc 2,11)

I. Introdução geral

A solenidade do Nascimento de Cristo é a celebração da salvação de Deus. Nesta

noite, somos envolvidos pelo esplendor da luz da glória divina, que se manifesta na fragilidade de uma criança (I leitura), e escutamos o alegre anúncio: “Nasceu hoje o Salvador, que é o Cristo, o Senhor” (evangelho). Sua salvação é oferecida a todos (II leitura). Que nesta noite possamos contemplar profundamente o que nos diz o prefácio do Natal II: Jesus Cristo, “no mistério do Natal que celebramos, invisível em sua divindade, tornou-se visível em nossa carne. Gerado antes dos tempos, entrou na história da humanidade [...]. Restaurando a integridade do universo, introduziu no Reino dos céus o homem redimido”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura Is 9,1-6

Isaías 9,1-6 pode ser dividido em dois temas: o fim da opressão (cf. vv. 1-4) e o anúncio do nascimento do príncipe da justiça e da paz (cf. vv. 5-6).

Ao lermos o texto da profecia de Isaías, notamos tratar-se de um povo oprimido por algum império potente, tanto que é descrito, simbolicamente, como “um povo que caminha nas trevas”, símbolo do caos e da morte (v. 1). A “luz intensa” indica nova criação e remete-nos ao texto de Gn 1,3 e ao fim do caos. De fato, a profecia de Isaías anuncia o fim da opressão política, social, econômica (cf. v. 3) e bélica (cf. v. 4), e a alegria da libertação, expressa por meio de duas imagens: a alegria por uma colheita abundante e por repartir os despojos, após a vitória numa guerra (cf. v. 2).

O “dia de Madiã” (v. 3) refere-se à vitória de Gedeão (cf. Jz 7,16-22), quando as luzes das tochas amedrontaram os inimigos. É, portanto, o fim da guerra, que marca novo início com o anúncio do nascimento de um menino, destinado a governar. Ele é descrito por meio de vários títulos, indicativos de que é um soberano escolhido por Deus.



Será conselheiro dotado de sabedoria única e de poder sobre-humano, ao qual é garantida vida longa, e também será portador de uma paz eterna. Da forma como é descrita essa pessoa, podemos deduzir que exercerá um papel messiânico, porque será o salvador de todos. Esse texto é uma profissão de fé do povo de Israel num soberano divino que substituirá todos os reis infiéis, entre os quais o rei Acáz.

2. Evangelho: Lc 2,1-14

Em Lc 2,1-14, temos a narrativa do nascimento de Jesus (2,1-7) e o anúncio aos pastores (2,8-14).

A narrativa se inicia dando-nos algumas informações sobre a existência de um decreto de César Augusto, que ordena o recenseamento de toda a terra, obrigando José, habitante de Nazaré, a se deslocar com Maria, grávida, para sua cidade natal: Belém. Esse decreto mencionado por Lucas tem uma intenção teológica: inserir o nascimento de Jesus na história universal, por ser ele portador de salvação para toda a humanidade.

César Augusto, a figura mais poderosa do mundo, que exerce seu poder recenseando toda a terra, com a finalidade de expor a grandeza do seu domínio e de cobrar impostos, contrasta com o nascimento do verdadeiro Salvador e Senhor de toda a terra, Jesus Cristo, nascido numa manjedoura em Belém, na pobreza e na fragilidade de uma criança.

No v. 4, o autor insiste que José é da família e da casa de Davi (Belém). Isso reforça a ascendência davídica de Jesus, já apresentada na liturgia do quarto domingo do Advento (Ano A).

A narrativa do nascimento de Jesus é sóbria (cf. v. 6). O filho é designado como “primogênito”. Portanto, será o filho consagrado a Deus, conforme a tradição judaica (cf. Ex 12,3; Nm 3,13). O primeiro elemento que nos chama a atenção é a salvação vir

de um pobre filho de migrantes (cf. v. 3) e Maria dar à luz fora de casa – isto é, fora do aconchego dos familiares e amigos –, tendo por perto somente José.

A segunda parte da narrativa (vv. 8-14) descreve o anúncio do nascimento de Jesus aos pastores. A figura dos pastores pode ser interpretada de duas formas. A primeira é influenciada pelo texto de Mq 4,8, ao relacionar a promessa da origem do Messias com Belém e ao recordar que Davi era um pastor (cf. 1Sm 17,15.28.34). A outra interpretação parte da constatação de que os pastores eram pessoas simples, pobres, de classe social menosprezada por não respeitar a propriedade alheia, considerados incapazes de ser testemunhas e não aptos ao papel de juiz. Mesmo assim, são escolhidos para ser os primeiros a receber a notícia do nascimento de Jesus e testemunhar essa Boa-Nova.

Essa narrativa da infância de Jesus é um relato teológico da história, que nos conduz para o ponto central: o anúncio da realização da salvação (cf. 2,11). O autor, além de enquadrar o nascimento de Jesus no contexto do mundo romano, descreve-o à luz do evento central de nossa fé, o mistério pascal. De fato, há vários pontos de afinidade entre o nascimento e a morte de Jesus (cf. Lc 2,7 e 23,53).

O autor, nos vv. 9-10, serve-se de aspectos típicos das teofanias, como a presença de anjos e a manifestação da “glória do Senhor”, que envolve os pastores de luz, para indicar a comunicação de Deus (cf. Ex 40,34). A glória de Deus sempre aparece de forma luminosa (cf. Ex 16,10; Ex 13,21) e indica a proteção divina que guia seu povo. Essa manifestação divina é confirmada pela expressão “não tenhais medo” (v. 10).

A narrativa termina com a alegria (cf. v. 10), tema característico de Lucas e da era messiânica. A alegria tem como motivo a intervenção salvífica de Deus na história e o



cumprimento da esperança messiânica no nascimento de Jesus, o Salvador. O cumprimento da esperança messiânica e a salvação são reforçados com o uso do termo “hoje” (v. 11; 4,21; 19,9; 23,43). No Evangelho segundo Lucas, esse termo indica o dia da intervenção de Deus na história.

O v. 11 segue o estilo da proclamação de nascimento ou entronização de reis, príncipes ou imperadores, dirigida aos nobres da sociedade na cultura helênica. O autor utiliza esse estilo com a finalidade de proclamar o nascimento de Jesus, condensando nos títulos “Cristo Senhor” a confissão de fé cristã, e manifestar a intenção teológica de não separar a realidade messiânica de Jesus da ressurreição (cf. At 2,36). No entanto, os destinatários não são os nobres da cidade, e sim os pobres (os pastores). Isso deixa transparecer outra dimensão teológica de Lucas, que considera a pobreza como o lugar da revelação da realeza divina e da potência de Deus.

Assim, a salvação nasce e vem de onde menos se espera (cf. v. 12). Percebe-se também a harmonia entre o sinal dado aos pastores para irem adorar o Salvador e a presença jubilosa dos anjos, ao manifestarem a identidade daquele menino envolvido em faixas, deitado numa manjedoura. Isso mostra que ele é a manifestação da glória de Deus e traz gratuitamente a paz ao mundo (cf. I leitura).

O hino no v. 14 estabelece relação entre glória e paz, Deus e homens, céu e terra. O fio condutor desses elementos é o nascimento de Jesus. Portanto, a potência salvífica de Deus (glória) se revela no menino que traz a salvação e a paz, sinais do tempo messiânico (cf. Is 9,5.6).

A expressão “aos homens por ele amados” põe o acento não na disposição humana (como o faz a tradução “aos homens de boa vontade”), mas no comportamento de Deus. Nessa perspectiva, todos são chama-

dos a experimentar a gratuidade de Deus, sua benevolência, seu amor infinito que se revela na fragilidade do menino Deus: o Messias Jesus, nosso Salvador.

3. II leitura: Tt 2,11-14

Essa carta é considerada tritopaulina, também chamada de carta pastoral. Ela é atribuída a Paulo, mas provavelmente não foi escrita por ele.

No v. 11, o autor afirma que a manifestação da graça de Deus (evangelho) se revelou na obra salvífica realizada por Jesus Cristo (cf. v. 14). Essa graça tem três características: provém de Deus, é salvífica e universal. Sua pedagogia apresenta duplo aspecto: um negativo, por sugerir a renúncia às paixões mundanas, e um positivo, constituído pelo novo estilo de vida. Daí provém um convite à conversão, fundamentado na autodoação do Messias Jesus (cf. Is 53,12) por fidelidade ao projeto do Pai, libertando o batizado do mal, consagrando-o totalmente a Deus e constituindo-o como seu povo (cf. v. 14; Ex 19,5). A expressão “nosso grande Deus e Salvador” remete à experiência exodal, quando Deus resgata seu povo da escravidão e estabelece com ele uma aliança (cf. Ex 6,2-8; Ex 15). Com Jesus, o cristão também é resgatado do mal, é purificado, libertado, consagrado, e também é estabelecida uma nova aliança, marcada pela gratuidade de Deus. Desse modo, o cristão é convocado para dispor-se a um processo de conversão, que consiste em ser libertado da escravidão do pecado e viver na graça, cultivando os valores da sabedoria, da piedade, da justiça, na espera da vinda definitiva de Jesus no fim dos tempos.

Abandonar a impiedade significa rejeitar toda espécie de idolatria, definida como a atitude de substituir o verdadeiro Deus, revelado em Jesus Cristo, por pessoas ou coisas (dinheiro, poder, *status*, projeção social). As paixões mundanas se expressam na



injustiça, no egocentrismo, na ganância, no orgulho, enfim, em tudo aquilo que nos faz perder o equilíbrio e nos impede de viver de forma sábia e justa. Por conseguinte, o cristão é convidado a viver a ética cristã, baseada na pobreza, no esvaziamento (evangelho), tornando visível, por meio de sua vida, a manifestação da graça e da glória de Deus.

III. Dicas para reflexão

Neste Natal, festa da alegria, somos convidados a avaliar os vários acontecimentos de 2019 à luz da encarnação de Jesus e do alegre anúncio da liturgia: “Hoje nasceu para nós um Salvador, que é o Cristo, o Senhor”. Assim, renovamos nossa esperança e a certeza de que Deus nos ama profundamente e deseja uma sociedade marcada pela paz. Ao sermos envolvidos pela luz de Cristo nesta noite, possamos vivenciar a alegria de ter nossas trevas dissipadas, conforme o anúncio do profeta Isaías na I leitura.

NATAL DO SENHOR – Missa do dia
25 de dezembro

“Os confins do universo contemplaram a salvação do nosso Deus”

(Sl 97,3)

I. Introdução geral

A promessa da contemplação da salvação de Deus (I leitura) se realiza na encarnação do seu Filho, enviado para comunicar a Boa-Nova da graça, da bondade, do amor divino do Pai (evangelho). Que, neste Natal, possamos nos deixar envolver pela gratuidade desse amor e ser, também nós, portadores da Boa-Nova do nascimento do Filho de Deus para todas as pessoas.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Is 52,7-10

A passagem de Isaías escolhida para esta liturgia se inicia com um elogio dirigido ao mensageiro que leva a Boa-Nova a Sião (cf. vv. 7-8). A imagem da sentinela (cf. v. 8), geralmente, caracteriza a missão profética (cf. Jr 6,17; Os 5,8; 6,5; Hab 2,1; Ez 13,5).

Os temas centrais do anúncio, dirigido a Jerusalém, são a libertação e o resgate de seu esplendor. Os verbos “proclamar” e “evangelizar” são usados para indicar um anúncio público de algo novo ou que acontecerá (cf. Is 40-48). O verbo “dizer”, no Segundo Isaías (cf. Is 40-55), é empregado para introduzir um conteúdo positivo, como no v. 7, para proclamar a realeza de Deus (cf. Is 40,9; 44,26; 41,13; 51,16; 62,11). Esses verbos são utilizados para o anúncio de um evento acontecido no passado, em lugar diverso daquele em qual está sendo anunciado, e que tem repercussão nos interlocutores. De modo geral, são notícias positivas e, na perspectiva teológica, seu conteúdo é a vitória do Senhor e o advento da salvação. O verbo “anunciar”, mormente, tem como sujeito um mensageiro enviado por Deus (cf. Is 41,27). Essa missão tem um caráter universal.

Os termos traduzidos por “bem” e “paz” podem ser entendidos como consequência do evento histórico-salvífico que consiste justamente no retorno dos exilados, com o povo sendo libertado de seus adversários (cf. Na 2,1). A paz também tem o significado de bem-estar e segurança nas dimensões política e econômica (cf. Gn 26,29; Dt 23,7; Esd 9,12; Jr 8,15).

A salvação, em Is 52,7, assume o significado de administrar a justiça (cf. Is 60,16; 63,5.8.9) na defesa do povo (cf. Is 41,14; 44,6; 49,7; 63,8; 61,8-10).



Assim, há o convite para anunciar a salvação, isto é, as manifestações da potência divina mediante a intervenção de ações concretas, realizadas na criação e na história de Israel. A mensagem a ser transmitida (“teu Deus reina”, v. 7) é uma espécie de profissão de fé. Essa locução reafirma o monoteísmo e a realeza de Deus explicitada nas manifestações salvíficas e tem, como consequência, o restabelecimento ético, por meio dos termos “paz” e “bem”, trazendo a estabilidade, o bem-estar e o controle das forças hostis cósmicas, a fim de manter a ordem instaurada nos inícios e ainda em contínua restauração.

O exultar de alegria (cf. v. 8) provavelmente tem como motivo a vitória de Deus, seu julgar com retidão (cf. Sl 51,16; 67,5; 145,7; Dt 32,43) e o cumprimento das promessas (cf. Sl 132,9.16). O convite a exultar certifica a realização da redenção prometida pelo Deus de Israel, a qual todos poderão contemplar (cf. v. 10), e revela os efeitos da inauguração do Reino de Deus (cf. v. 7; Sl 72).

O louvor, explícito no v. 9, tem como motivação o ser consolado e resgatado. Após a mudança da condição de Jerusalém, o v. 10 abre um horizonte universal, no qual o Senhor mostra a salvação para todas as nações. Podem-se entender as nações (cf. v. 10) como todos os responsáveis pelo povo (os soberanos das nações) e pelos tribunais (os juízes). O convite a reconhecer o poder de Deus e celebrar sua soberania, portanto, é direcionado a todos, não só ao povo de Israel.

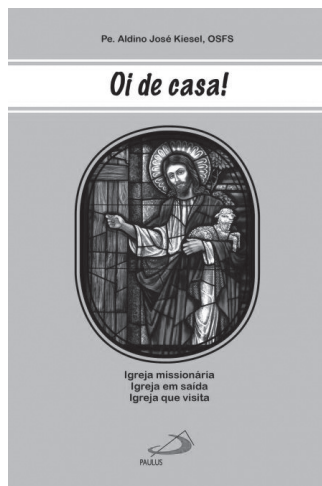
A expressão o “braço do Senhor” (v. 10) retrata seu poder como autor da salvação (cf. Is 51,9-11). Percebe-se que a santidade de Deus consiste em voltar-se para a humanidade de múltiplas maneiras, a fim de libertá-la, salvá-la (cf. vv. 9-10).

A presença divina plenifica Jerusalém e a torna lugar, por excelência, da revelação teofânica da santidade a todas as nações.

Oi de casa!

**Igreja missionária, Igreja em saída,
Igreja que visita**

Pe. Aldino José Kiesel, OSFS



72 págs.

Visitar, acolher, encontrar-se, recomençar: a Sagrada Escritura é uma fonte inspiradora para rever a qualidade de nossas visitas. A intenção aqui é convidar você, leitor(a), a visitar a Bíblia com esta chave de leitura: a visita de Deus como inspiração para a eficácia de nossas visitas.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



A experiência da santidade está vinculada à ação de resgatar o povo (cf. v. 9) e de reconhecer a realeza divina (cf. v. 7). O conteúdo da consolação e da redenção é histórico e político, marcado pela reconstrução da cidade e pela mudança política e religiosa.

2. Evangelho: Jo 1,1-18

O prólogo do Evangelho segundo João se assemelha a um hino e, ao mesmo tempo, é uma síntese teológica dos temas que serão desenvolvidos no decorrer desse evangelho. As várias menções ao AT permitem articular várias tradições teológicas, como a da criação, a exodal, a teologia da presença, a sapiencial e a da aliança. Os vv. 1-18 podem ser estruturados em três partes: a origem da palavra divina (vv. 1-5); seu destino (vv. 6-13); a encarnação e sua acolhida pela comunidade (vv. 14-18).

O Evangelho segundo João, diferentemente dos evangelhos sinóticos (Mt, Mc e Lc), não se inicia com as atividades de Jesus ou com as narrativas de sua infância, mas nos remete a Gn 1,1 – o relato da criação (cf. v. 1) –, para afirmar a força criadora da Palavra, que dá vida. O v. 1 também nos remete ao texto de Pr 8,22-36 (cf. também Is 55), a Sabedoria criadora. Desse modo, a Palavra existia antes da criação e participava da criação do mundo, sendo mediadora da criação (cf. v. 3). Essa Palavra de vida é também luz que ilumina os passos para a vida, dissipando as trevas (cf. 12,35), pois Jesus é a luz do mundo (cf. 8,12; 9,5), a luz que ilumina a todos (cf. v. 5). Desse modo, a luz e a vida são dons da salvação, por se contraporem às trevas. Esses pontos de contato, provavelmente, têm a intenção de apresentar o Filho como a Sabedoria criadora de Deus, que gera vida (cf. vv. 3-4) e se encarna, entrando na história.

Em Jo 1,6-13, num estilo mais narrativo, o autor evoca a figura de João Batista (cf. vv. 6-8), o precursor, que dá testemunho da luz. Ele, porém, não é a luz, não é o Messias. Essa luz testemunhada provoca nas pessoas uma tomada de posição. Portanto, ela pode ser rejeitada (cf. vv. 9-11) ou acolhida (cf. vv. 12-13). Todos aqueles que acolhem a luz, que é Jesus Cristo, são considerados filhos de Deus (cf. vv. 12-13). Essa filiação se dá na adesão a Jesus Cristo e no batismo, como marco inicial, mas deve ser cultivada no decorrer da vida do batizado.

A Palavra geradora de vida, que existia junto de Deus, encarna-se em nossa história (cf. v. 14), e, pela primeira vez, é afirmado que a Palavra é Jesus Cristo. O termo “carne” designa a totalidade da pessoa e também a humanidade em sua condição de fragilidade.

O conteúdo do v. 14 mostra-se influenciado pela tradição exodal, quando apresenta a encarnação de Jesus em nosso meio (cf. Ex 40) para nos revelar o Pai, constituir o ponto de encontro entre Deus e a humanidade e ser a manifestação da glória divina.

A expressão “e estabeleceu morada entre nós” está relacionada às tradições do Antigo Testamento, sobretudo da festa das Tendas (cf. Lv 23,34-36; Dt 16,13-15), da manifestação da glória de Deus (cf. Ex 25,8-9; 40,34-35) e da tenda do encontro (cf. Ex 33,7-11.18; 2Sm 7,1-13). O “fazer morada” remete-nos à presença de Deus, que acompanhava o povo no deserto, à morada da sabedoria, podendo também significar a presença definitiva de Deus (cf. Jl 4,17-18; Zc 2,14; Ez 3,37).

Os termos “graça” e “verdade” ocorrem na revelação de Deus a Moisés, quando este pede a Deus que mostre sua glória (cf. Ex 34,5-7). Também são utilizados na liturgia do povo de Israel. A palavra “graça” pode ter o sentido de compadecer-se, aproximar-se de alguém com benevolência. Verdade,



por sua vez, não é um atributo abstrato, mas significa que Jesus é alguém fiel e é possível confiar nele.

O termo “Palavra”, no v. 14, traz em si todo o significado expresso nos versículos anteriores, a saber: essa Palavra já existia desde a eternidade (cf. vv. 1-2), participou na obra da criação (cf. v. 3) e é importante para as pessoas e para seu destino (cf. vv. 4-5). Tal Palavra é testemunhada por João Batista (cf. vv. 6-8) com o objetivo de suscitar a fé em Jesus Cristo, aquele que revela o Pai criador, Senhor do universo e Salvador (cf. vv. 9-12).

Por meio da encarnação do Filho, Deus torna possível a contemplação da sua glória, isto é, a comunidade experimenta a manifestação da presença divina (cf. Ex 33,11.18). Assim, por meio da fragilidade (encarnação) e da extrema vulnerabilidade humana (morte), é manifestada a glória de Deus. A cruz, desse modo, é o lugar da revelação, do encontro entre Deus e a humanidade (cf. Jo 6,51; 11,51-52; 12,24; 18,14).

Portanto, no prólogo joanino, somos conduzidos a conhecer Jesus Cristo – a encarnação da Palavra na história humana –, a responder a esse anúncio por meio da fé e sermos também testemunhas desse Deus que se faz carne e habita em nós e entre nós.

3. II leitura: Hb 1,1-6

Os vv. 1-4 da chamada carta aos Hebreus, cujo conteúdo se assemelha a uma homilia litúrgica, constituem uma introdução ao livro. O objetivo desses versículos é apresentar Jesus Cristo como o centro da história, como a definitiva palavra reveladora de Deus, e seu papel na ação salvífica. Em Cristo, as revelações e as intervenções divinas descritas no AT são plenificadas. Ele é a expressão máxima da comunicação de Deus com a humanidade (cf. v. 1).

No v. 2, o autor anuncia a identidade de Jesus, ao afirmar que Deus o constituiu herdeiro universal e por meio dele criou o universo. Esses elementos estão em harmonia com o texto do evangelho desta liturgia (Jo 1,1-18). A menção à herança nos remete ao AT e sintetiza as esperanças messiânicas (cf. Sl 2,8).

A estreita relação existente entre o Pai e o Filho é descrita no v. 3, por meio de metáforas retiradas do livro da Sabedoria (cf. Sb 7,26 e 8,1). Jesus é o reflexo da glória do Pai – aspecto já acenado no comentário ao evangelho –, mas também participa da criação e a sustenta com sua Palavra. Além da relação de Jesus com a criação, o texto evoca o evento histórico-salvífico de sua morte, por meio da expressão “purificação dos pecados”. Assim, Cristo Jesus é o mediador entre Deus e a humanidade, e elimina tudo aquilo que causa ruptura nas relações (os “pecados”). Outro aspecto mencionado é a entronização divina do Filho (cf. v. 3). Por isso, ele é considerado superior aos outros seres celestes. Para justificar essa afirmação, o autor insere várias provas escriturísticas nos vv. 5-6. As referências a Sl 2,7 e 2Sm 7,14 confirmam a diferença entre os seres celestes e Jesus. Desse modo, ressalta-se a superioridade de Jesus, pois ele é Filho e, portanto, tem uma comunhão especial com o Pai. Reafirma-se também a relação existente entre o messianismo de Jesus e a dinastia davídica. Consequentemente, os anjos são convidados a render ao Filho a mesma honra devida a Deus, ou seja: adorá-lo (cf. v. 6).

III. Dicas para reflexão

Ao contemplar o mistério da vida e o mistério da potência divina revelada numa criança, somos convidados a refletir sobre o que é essencial em nossa existência, a valorizar as pequenas vitórias e os momentos nos quais percebemos a revelação da graça e da bondade de Deus.



SAGRADA FAMÍLIA

29 de dezembro

“Amai-vos uns aos outros, pois o amor é o vínculo da perfeição” (Cl 3,14)

I. Introdução geral

As leituras desta festa da Sagrada Família nos convidam ao amor para com nossos pais e ao amor em nosso ambiente familiar (I e II leituras). O evangelho apresenta as dificuldades que a família de Jesus experimentou por manter-se fiel ao plano de Deus. Nossas famílias, semelhantemente, vivem inúmeras dificuldades, mas também momentos carregados de ternura, de alegria, de solidariedade. Assim, em todos esses momentos, possamos ouvir ecoar dentro de nós as exortações à comunidade de Colossas, descritas na I leitura: “ revesti-vos de sincera misericórdia, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos mutuamente. [...] Mas, sobretudo, amai-vos uns aos outros”.

II. Comentários dos textos bíblicos

1. I leitura: Eclo 3,3-7.14-17a

Eclo 3,3-7.14-17a é um comentário detalhado do quarto mandamento: “Honra teu pai e tua mãe” (Ex 20,12 e Dt 5,16). Inicialmente, percebe-se que há uma igualdade de tratamento tanto para o pai como para a mãe. O autor recomenda aos filhos, tanto os jovens como os adultos, que tenham carinho e respeito para com seus pais, pois é necessário honrar pai e mãe (cf. vv. 3-5), respeitá-los (cf. v. 7), não abandonar o pai (cf. v. 16) e consolar a mãe (cf. v. 6). O dom que os pais podem fazer pelos filhos é dar-

-lhes sua bênção (cf. vv. 8-9), fonte de prosperidade e fecundidade. Entre as promessas dadas aos filhos em virtude do cuidado com seus pais, ressalta-se o perdão dos pecados (cf. vv. 3.15). As outras promessas são: acumular tesouros (cf. v. 4), alegria com relação aos filhos (cf. v. 5), vida longa (cf. v. 6), oração atendida (cf. v. 5). Aqueles, porém, que abandonam seus pais são considerados blasfemadores e malditos (cf. v. 16).

2. Evangelho: Mt 2,13-15.19-23

O texto se inicia com a aparição de um mensageiro a José, o que pode ser interpretado como a presença de Deus junto a Jesus e sua proteção sobre ele nos momentos de maior perigo e dificuldade. O mensageiro ordena que José fuja para o Egito com Maria e com Jesus, pois Herodes deseja matar o menino. Essa frase nos remete à história de José do Egito (cf. Gn 37-41), mas também à experiência exodal e às narrativas de Moisés. O interessante é que, se o Egito era visto como o lugar da escravidão e da opressão, em Mt 2,13 ele constitui o lugar de refúgio para Jesus, que assim escapa do projeto opressor de Herodes. A finalidade da fuga expressa a dura realidade de Jerusalém: paradoxalmente, a terra da promessa, escolhida por Deus, tornou-se lugar da opressão, da morte, totalmente contrário aos planos divinos, ao projeto messiânico.

Mateus 2,14-15 retrata a total docilidade de José, que sem demora realiza o que lhe foi confiado por Deus, sendo totalmente obediente à vontade divina. O amor maternal de Deus para com Jesus é expresso por meio da citação de Os 11,1. A escolha dessa citação profética aponta para a relação filial de Jesus com o Pai e indica que seu retorno do Egito para a terra prometida deve ser lido como um novo êxodo, no qual Jesus estabelecerá uma nova aliança, libertando Israel de todo tipo de opressão e anunciando a vontade do Pai.



Após a morte do opressor, surge a oportunidade de voltar a Israel (cf. v. 19), revivendo a esperança experimentada no êxodo e no retorno do exílio. Esse dado sinaliza que Jesus será aquele que libertará o povo, sempre anunciando um novo começo, uma restauração, que não irá acontecer nos grandes centros do poder religioso, político e social, na Judeia, mas sim na periferia, a partir de uma cidade insignificante. Essa escolha indica que faz parte do plano de Deus começar a libertação pela periferia (cf. v. 23).

3. II leitura: Cl 3,12-21

A carta aos Colossenses é chamada deuteropaulina. É atribuída a Paulo, mas não foi escrita por ele. Provavelmente, tenha sido escrita por um discípulo ou por um líder da comunidade de Colossas.

Colossenses 3,12-21 traz o chamado código doméstico, que objetiva delinear as atitudes fundamentais dos membros da comunidade cristã, também quanto às relações familiares. Essas exortações, alicerçadas na ação salvífica realizada por Jesus, visam criar um mundo renovado, uma nova humanidade. Desse modo, os membros da comunidade são exortados a viver o amor fraterno, a paz, a ser assíduos à escuta da Palavra e a descobrir na história e na vida a realização do projeto salvífico de Deus, que se identifica com sua vontade. São, portanto, chamados a estabelecer novas relações, assumir nova mentalidade, novo estilo de vida. Esse novo estilo de vida é esboçado em Cl 3.

Os versículos escolhidos para a celebração desta festa da Sagrada Família (vv. 12-21) destacam, primeiramente: recuperar a imagem de Deus, retomar a relação com Jesus Cristo, resgatar a aliança com Deus (cf. v. 12), estabelecer nova relação com o outro, vivendo em comunhão e em fraternidade (cf. vv. 12-13). Essa mudança nos conduz à vivência da caridade e da sabedoria. A caridade é o vínculo da perfeição, entendida no

sentido de atingir a meta, chegar àquilo que almejamos: a plenificação do nosso amor, vivendo profundamente em comunhão com Deus e com o outro. Podemos também entender essa expressão numa perspectiva pascal, ou seja: a caridade identifica-se com o amor salvífico revelado em Cristo.

A sabedoria, em Cl 3,16, é apresentada como a faculdade de discernir e de julgar as situações e os acontecimentos. Em Cl 2,18, agir com sabedoria é agir moralmente. De fato, o texto sugere ser necessário orientar nossas decisões para a opção fundamental por Jesus Cristo. Essa opção, marcada pela caridade e pela sabedoria, transforma nosso modo de pensar e de agir, e contribui para melhor discernirmos qual é a vontade divina em todas as circunstâncias, sendo esse o verdadeiro culto a Deus. Nesse contexto, são inseridos os preceitos particulares e domésticos, influenciados pelo ambiente cultural greco-romano, mas também com várias características do modelo judeu-helenista. A novidade dessas normas está em fundamentá-las na experiência cristã, na experiência profunda com Jesus Cristo.

A primeira regra é dirigida às esposas, chamadas a serem “solícitas” para com seus maridos, ou seja, a cuidar deles, cultivando um relacionamento de respeito, carinho, ternura, delicadeza, marcado pelo diálogo, pelo perdão, pelo compartilhamento de momentos de alegria e de tristeza. O “submeter-se” – outra tradução possível para “ser solícito” – também pode ser interpretado como renunciar a determinadas atitudes para a edificação da família, trilhar o caminho do amor, com suas exigências, e enfrentar as fragilidades. De fato, todo relacionamento está sujeito às vicissitudes do dia a dia – problemas econômicos, de estabilidade, experiências dolorosas, conflitos, alegrias, sonhos, esperança –, sendo algo construído constantemente. Solícitude significa compreender que o amor é um dom e consiste em aprender



a promover a vida do outro. Submeter-se é renunciar aos muitos desejos egoístas para estabelecer profundos laços de comunicação interpessoal. Submeter-se no amor é suportar o outro, carregando sua fragilidade, sendo solidário na sua dor, mas sobretudo alegrando-se com suas vitórias. A ideia de “submeter-se”, nesse texto, não pode ser interpretada como submissão sexual ou total ao marido, pois, se fosse essa a intenção, a carta não exortaria os maridos a amar suas esposas como Deus ama seu povo. Nesse sentido, o amor à esposa tem como fundamento o amor gratuito de Deus, manifestado em Cristo, que exclui qualquer tipo de submissão (cf. 1Cor 13,1-13).

Os maridos são exortados a expressar seu amor por suas esposas, pois é importante para elas ouvir que são amadas, valorizadas, reconhecidas por aquilo que são. A expressão do amor também ocorre por meio de gestos de ternura, de compreensão, de aconchego, de proteção, de solidariedade, bem como pela fidelidade. Amar supõe ainda a capacidade de renunciar ao poder de submeter o outro, à posse do outro, à satisfação pessoal em detrimento do outro.

Os pais são convidados a não irritar seus filhos. Isso significa acolhê-los, animá-los em seus empreendimentos, alegrando-se com suas conquistas, consolá-los diante dos erros e fracassos, orientá-los em suas decisões e ter paciência com seu processo.

III. Pistas para reflexão

O evangelho e as leituras nos convidam à delicadeza no trato com as pessoas. Nas I e II leituras, essa delicadeza é incentivada a se exprimir em relações familiares marcadas pelo amor, pela solidariedade, pelo respeito e pela fidelidade. No evangelho, a delicadeza aparece na atitude de José de seguir o plano de Deus. Assim, somos desafiados a nos perguntar: como estou vivendo essa delicadeza na relação com as pessoas?

Somos também convidados a refletir sobre as palavras do papa Francisco em sua exortação *Amoris Laetitia*, n. 30:

Cada família tem diante de si o ícone da família de Nazaré, com o seu dia a dia feito de fadigas e até de pesadelos, como quando teve que sofrer a violência incompreensível de Herodes. Experiência que ainda hoje se repete tragicamente em muitas famílias de refugiados descartados. Como os Magos, as famílias são convidadas a contemplar o Menino com sua Mãe, a prostrar-se e adorá-lo (cf. Mt 2,11). Como Maria, são exortadas a viver, com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes, e a guardar e meditar no coração as maravilhas de Deus (cf. Lc 2,19.51). No tesouro do coração de Maria, estão também todos os acontecimentos de cada uma das nossas famílias, que ela guarda solícitamente. ●



416 páginas

O povo de Deus

José Comblin

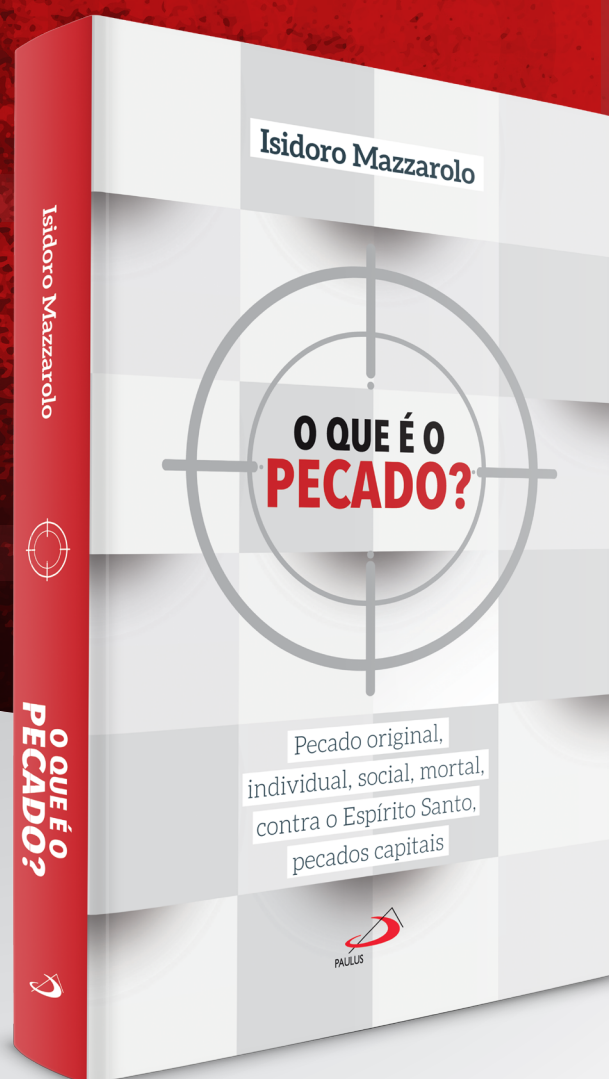
O povo de Deus foi escrito em vista do novo pontificado. Na origem, há um grande ato de esperança no advento de um novo dia depois da “noite escura”. A esperança tem por objeto um retorno aos princípios do Vaticano II. Não se trata de um Vaticano III. Não poderia haver Vaticano III sem, primeiro, voltar ao Vaticano II. O retorno aos pobres e o redescobrimiento da Igreja dos pobres foram o caminho que levou à reabilitação do conceito de “povo de Deus”. Os conceitos de povo e de pobres são solidários e correlativos. Não há pobres que não formem um povo. Não há povo que não seja dos pobres.

paulus.com.br

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

UM LIVRO PARA DESPERTAR UMA NOVA CONSCIÊNCIA ÉTICA DO PECADO.



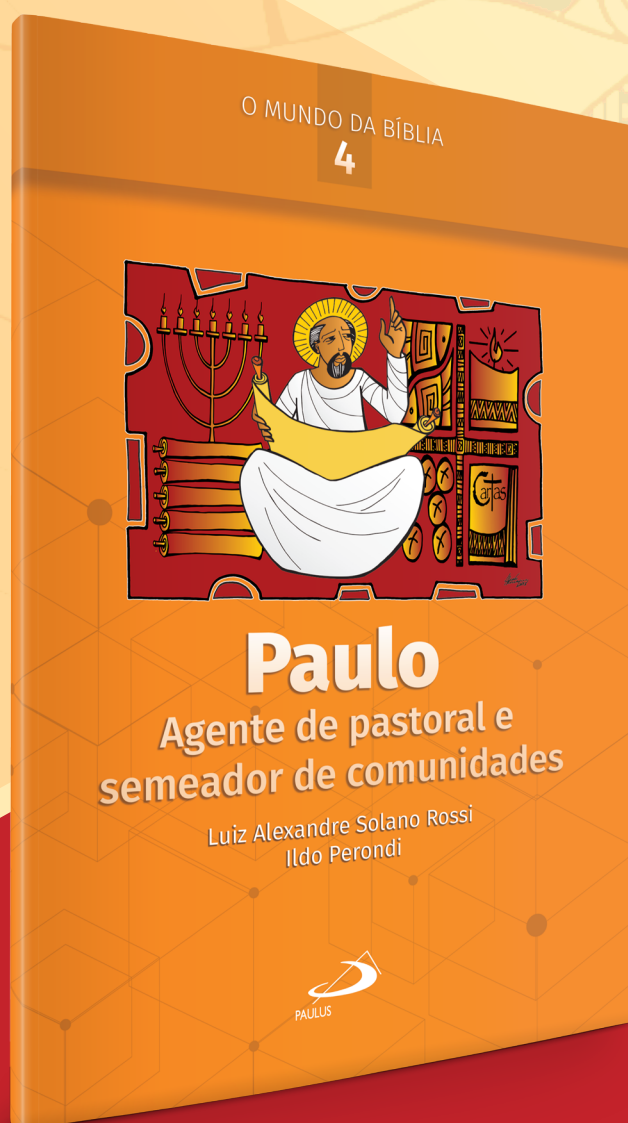
O QUE É O PECADO?

Isidoro Mazzarolo

Você já se perguntou o que, afinal, é o pecado? Para esclarecer todas as suas dúvidas sobre o assunto, o teólogo Isidoro Mazzarolo desenvolveu uma extensa pesquisa, baseada em textos bíblicos, filosóficos, políticos e sociológicos. O resultado é um livro atual e inovador, que desmistifica o conceito de pecado para além das questões teológicas, explicando o que ele é e por que somos levados a cometê-lo. Uma obra para despertar uma nova consciência ética do mal e do sofrimento humano no mundo de hoje.

"O pecado não depende da religião, mas da ruptura da justiça e da ética."

A TRAJETÓRIA DO HOMEM QUE PASSOU DE PERSEGUIDOR DA IGREJA A ANUNCIADOR DE CRISTO.



PAULO

AGENTE DE PASTORAL E
SEMEADOR DE COMUNIDADES

*Luiz Alexandre Solano Rossi
e Ildo Perondi*

Paulo pode ser considerado um peregrino incansável. Por amor ao Evangelho, viajou muito, por mar e por terra. O novo volume da coleção **O mundo da Bíblia** apresenta Paulo como um agente de pastoral e semeador de comunidades, revelando a obra e a história do homem que passou de perseguidor da Igreja a anunciador de Jesus Cristo. Um livro essencial, dedicado a todos os que, a exemplo de Paulo, assumem seu papel na ação evangelizadora.